

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

ARTHUR GALVÃO SERRA

ARQUEOGENEALOGIA DA ORQUESTRA VIVER BEM!

**CAMPO GRANDE - MS
2013**

ARTHUR GALVÃO SERRA

ARQUEOGENEALOGIA DA ORQUESTRA VIVER BEM!

Relatório de defesa apresentado à Comissão Julgadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como exigência final para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos do Nascimento Osório.

**CAMPO GRANDE - MS
2013**

Arthur Galvão Serra

Arqueogenealogia da Orquestra Viver Bem!

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) como exigência para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Tiago Ravanello
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Neuza Maria de Fátima Guareschi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Antônio Carlos do Nascimento Osório (orientador)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar ao próprio Foucault. Não um “primeiro lugar” que se imponha a tudo, mas por ser a pessoa que, por meio de sua atividade laboral e intelectual (seus escritos), mas contribuiu para com a escrita deste trabalho.

Sobretudo agradeço Foucault por ser um autor que me fez buscar outros autores, bem como o mestrado como um todo. No segundo semestre deste mestrado, tendo aulas com a professora Dra. Branca Maria de Menezes e com o professor Dr. Tiago Ravello, poderia dizer que fui impelido por um desejo ou por um imperativo categórico, vai saber, a ler Nietzsche, Saussure, e os textos de Foucault: *Nietzsche, Freud, Marx e Em defesa da sociedade*, este com uma forcinha do vereador pastor Sérgio Nogueira, colega do grupo de estudos GEIARF (Grupo de estudos e investigações acadêmicas nos referencias foucaultianos) também de grande colaboração. E estudando em uma universidade que me fez ler Leontiev, Bock, Figueiredo, me considero agraciado com uma formação não só vasta como fascinante e realizadora. Realizadora, mas ainda é só um primeiro passo.

Não poderia deixar de agradecer aos meus companheiros de estudo: Chopin, Bach, Brahms, Debussy, Scriabin, Ravel, Rachmaninoff, Villa-Lobos, Dvorak, Beethoven, Mozart, Schubert, Schumann e outros mais.

Obrigado aos que seguem pelas frequentes interlocuções: professora Dr. Anita Bernardes, a Dionatans Godoy, Kamilla Golin, Fabiola Iuvaro, Thiago Fróes, Cristhian Anderson, Gustavo Passos, Karen Cavagnoli, Karla Gomes, Willy Cornelissen, Márcia Câmara, Me. Maria Helena do Espírito Santo Coelho, Dra. Jacy Corrêa Curado e outros. Sobretudo obrigado professora Dra. Jacy Corrêa Curado pelas orientações preliminares, sem as quais eu certamente não teria entrado nessa interessante trajetória. E obrigado à professora Dra. Anita Bernardes e ao Me. Jefferson Taborda pelo contato promissor com a professora Dra. Neuza Guareschi.

Obrigado aos colegas de mestrado os quais foram companheiros valiosos nesse período de caminhada entre bares e salas de aula, sucos de laranja e ainda mais saudáveis, suaves, revigorantes e saborosos debates epistemológicos.

Obrigado aos familiares por tantas pequenas coisas ou por coisas cuja intimidade não convém escrever aqui.

Obrigado a Tatiana Calheiros Lapas Leão, Jacqueline Mesquita, Moisés Britto, Inara Leão Marley Pettengill Galvão Serra e Kamilla Golin pelas cruciais ajudas com questões

burocráticas (não que só tenham ajudado neste quesito, inclusive não é esse o caso para nenhum dos nomes).

Obrigado ao orientador Dr. Antônio Carlos do Nascimento por algumas das coisas acima (trabalho de escrivania, inspiração, chamada para ampliar horizontes, interlocução), mas também por nossas muito frutíferas conversas de orientação nas quais nem tudo precisava ser dito para provocar inquietações, questionamentos, revisões.

**Ali, onde acaba o Estado, começa o homem que não é supérfluo;
ali começa o canto dos que são necessários, a melodia única e insubstituível.**

Nietzsche (2010, p. 75)

RESUMO

O Ponto de Cultura Viver Bem! é um projeto social em Campo Grande (MS) que oferece, entre outras atividades, aula de música clássica aos jovens do bairro Nova Lima. A proposta foi investigar, nesse lócus, os processos de subjetivação e a governamentalidade, considerando os jovens como sujeitos atores da resistência nas relações de poder que o envolvem. Como procedimentos, realizamos análise foucaultiana de práticas e discursos (arqueogenealogia) a partir do arquivo da instituição e de entrevistas gravadas com os jovens. A seleção de enunciados para a análise foi orientada, conforme propõe o autor, pela problematização sobre o objeto de pesquisa (a instituição), considerado como performado por sujeitos, não como um objeto dado e definido, mas cujas definições podem ser investigadas em sua proveniência de acontecimentos, como resultado provisório e não definitivo das relações de poder. Foi possível concluir que o envolvimento dos sujeitos no projeto social pode ser explicado pelo recurso que eles podem fazer a um repertório de discursos conforme os movimentos de resistência produzirem suas condutas; que as próprias práticas dos sujeitos compõem a situação social de forma materialmente verificável; discursos governamentais se utilizam das dispersões e disposições dos enunciados produzindo a norma que não incidirá definitivamente sobre os sujeitos, mas que: no nível geral pode ser analisada em suas regularidades, gerando o saber estatístico, que tem um uso de governo, uma implicação no trato da população; no nível individual, se utiliza da disciplina para produzir efeitos considerados úteis favorecendo a produção de uma subjetividade ajustada, a partir de saberes táticos.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Poder; Sujeito.

ABSTRACT

Ponto de Cultura Viver Bem! is a social project located in Campo Grande (MS) which offers, amongst other activities, classical music classes to youth from the urban area called Nova Lima. The purpose was to investigate, in this locus, subjectivation processes and governmentality, considering youth as resistant subjects actors in power relations around them. As procedures, we did a foucauldian analysis of practices and discourses (archeogenealogy) from the institution's archive and interviews recorded with the youth. The utterance's selection for the analysis was oriented, according with the author, by problematization over the researched institution, considered as performed by subjects, not as a given and defined object, but whose definitions can be investigated in its provenance of events, as a provisory and not definitively result from power relations. It was possible conclude: the subjects' involvement within the social project can be explained by the possibility of them to utilize his or hers discursive repertoire according with the resistance movement produce their behavior; subjects' practices compose social situation in a materially verifiable way, while governmental discourses produce, from and through dispersions and utterance dispositions, producing norm which will not focus definitely on the subjects, but: the overall level can be analyzed in it's regularities creating static knowledge linked to a governmental use, one implication on population dealing; at the individual level, utilizes discipline to produce effects considered useful favoring producing an adjusted subjectivity, from tactic knowledge.

KEY WORDS: Discourse; Power; Subject.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 CONSTITUIÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA	11
1.1 A LOCALIDADE DA INSTITUIÇÃO QUE PROMOVE A ORQUESTRA	13
2 SITUANDO O “ASSISTENCIALISMO” NO PASSADO: TENTATIVAS DE SUPERACÃO?	18
2.1 REDIRECIONANDO IDEAIS HUMANITÁRIOS	23
2.2 A QUESTÃO DA SUSTENTABILIDADE NA INSTITUIÇÃO.....	25
3 A ORQUESTRA PARA OS SUJEITOS JOVENS.....	28
3.1 AS PRÁTICAS DOS JOVENS COMO MULTIPLICADORES OU COMO RESISTÊNCIA.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	43
ANEXOS	45

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca realizar uma investigação a partir dos elementos que a viabilizaram: o interesse dos pesquisadores (orientando e orientador) sob um local de práticas artísticas e um vínculo com uma instituição que faça possível tal investigação. Os procedimentos de investigação são, conforme foi apropriado dos textos foucaultianos, a análise das práticas de subjetivação, isto é, o sujeito em seus envolvimentos institucionais, sendo que estas respondem a demandas sociais, veiculadas em discursos de atenção à juventude pobre.

Segundo Spink (2011), o uso das nomeações que escolhemos para referir a quem somos (indivíduo, self, pessoa, sujeito) tem certos efeitos. Como pode-se notar a partir da citação acima, uma psicologia voltada para o indivíduo se insere em certos tipos de práticas e firma certas alianças as quais passam a ser combatidas pelas psicologias ditas sociais críticas com a substituição de nomenclatura e noção de indivíduo biológico para “sujeito” social.

Segundo Prado Filho (IN: GUARESCHI et. al, 2005), a psicologia moderna que se consagrara como ciência do indivíduo, hoje busca compreender o sujeito não mais pelas investigações voltadas à interioridade do homem, mas à exterioridade do sujeito, como ele se constitui e constitui os outros por procedimentos de governo. Toda essa problemática da subjetivação, especialmente da forma que aqui a abordamos, ampara-se na obra de Michel Foucault.

Problemas e questões quanto a essa aproximação entre sujeitos e instituições foram levantados são considerados o elemento básico na investigação, mesmo mais do que a concretude física. Pois que os fatos, a realidade concreta não são separáveis dos sujeitos que com eles se relacionam. E, segundo Foucault, os sujeitos não podem ser considerados como simples dados, sobre os quais se possa explicar, sem exercer sobre eles relações de poder ou governo, respondidos estrategicamente em movimentos de resistência.

Daí a importância de Foucault, que permite um olhar crítico-genealógico (FOUCAULT, 2006a). A genealogia, termo que Foucault apropria de Nietzsche (2009), está em não buscar uma concordância dos discursos repetidos; não a confirmação da hipótese prévia, mas buscar linhas de fuga a partir das exceções, que são os sujeitos e enunciados ocultados pelas relações de luta e disposição-seleção de elementos.

Subsistem ainda disciplinas nas quais o homem está dado e determinado. A aposta desta investigação é que esse homem determinado “é uma coisa que deve ser superada” (NIETZSCHE, 2009, p. 335).

Mesmo a possibilidade de trabalho com o sujeito constituinte em uma condição de luta foi uma construção possível. Vê-se na área do social que o trabalho dito humanitário no sentido de favorecer essências hoje pode conviver com explicações nas quais se desenvolveriam estratégias de anulação da possibilidade de resistir, como potência de tornar o homem passível de controle e explicação. Tal entrada de uma nova racionalidade a ser aplicada sobre um ambiente negocia com um conjunto de expectativas, produzindo uma política de desenvolvimento de capacidades nos indivíduos amparadas em uma noção de humano enquanto o que ele deve ser.

O lócus da pesquisa será a orquestra do Grupo Viver Bem, fundado há pouco mais de uma década por esposas de magistrados para oferecer para alguns jovens do bairro Nova Lima e proximidades inicialmente aulas de ballet, mas depois outros cursos, como artesanato, pintura, informática, inglês e há cinco anos também a orquestra (inicialmente violino e depois violão, violoncelo, contrabaixo e flauta). Por vezes referido como uma Organização Não Governamental (ONG), mas que recentemente tem se apresentado como um Ponto de Cultura: “Entende-se como Pontos de Cultura, instituições da sociedade civil, sem fins lucrativos, conveniadas com o Ministério da Cultura ou premiadas direta ou indiretamente, através do Programa Cultura Viva ou do Programa Mais Cultura” (MinC, 2009).

Conforme Pettengil e Szybe (2007, p. 5-7), o Grupo Viver Bem foi idealizado em 1998, com o intuito de ir além da distribuição de cesta básica e roupa, para dar oportunidade a essas pessoas atendidas demonstrar e desenvolver seu potencial. O projeto iniciou no salão cedido pela Igreja, mas não foi possível continuar, reestruturaram-se em 2000 e o Grupo de Incentivo à Cidadania e Qualidade de Vida – Viver Bem! foi registrado em cartório no dia 16 de março de 2001. Ainda segundo o texto, o grupo não buscou tornar-se governamental, isto é, adequar-se e articular-se para receber financiamentos. Apenas posteriormente, no intuito de dar continuidade, a Instituição foi legalmente formalizada.

Esse estudo tem como objetivo geral desenvolver uma arqueogenealogia da produção de subjetividades, tendo como referência os dispositivos e as práticas dos sujeitos envolvidos na orquestra de jovens a ser pesquisada.

Para tanto, pretendeu-se, como objetivos específicos, analisar documentos que possibilitem identificar enunciados veiculados ao projeto social; captar dispositivos de governamentalidade que permeiam a constituição subjetiva dos jovens envolvidos; e identificar os movimentos de resistência nos enunciados dos jovens sobre sua vivência com o projeto.

Na primeira parte, serão apresentadas algumas considerações dos resultados das análises documentais fornecidos pela diretoria da instituição concernentes ao período anterior à orquestra, a fim de iniciar a problematização pelo histórico e contexto.

Na segunda parte, as problematizações encontradas nos arquivos quanto à sustentabilidade, a filantropia e a “preocupação com o ser humano” serão consideradas quanto ao seu papel na produção de subjetividades a partir das relações de governo envolvendo esses discursos e esses sujeitos na Instituição.

Na terceira parte, serão levantadas as relações estratégicas na orquestra envolvendo os jovens como sujeitos ativos, produtores da Instituição juntamente com as políticas, pais, professores e gestores.

Nas considerações finais serão apresentados o diagnóstico e as problematizações possibilitadas pela pesquisa arqueogenealógica que possam suscitar inquietações nos pensamentos dos sujeitos envolvidos com esse campo institucional, sem apresentar indicações de como proceder, mas fornecer instrumentos para as relações de governo que não param de provocar alterações na Instituição.

1 CONSTITUIÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Homenageado pela escola de samba Vai-vai, vencedora do carnaval do estado de São Paulo em 2010 (ano de início deste estudo), João Carlos Martins tem um projeto que visa levar “a música clássica para todos os segmentos da sociedade no Brasil”, disponível em: <http://www.fundacaobachiana.org.br/historico.php>. João Carlos Martins veio a Campo Grande por duas vezes para dar palestras de motivação, na qual narra sua história de pianista que passou por problemas que o impossibilitaram de continuar tocando. Contudo, ele continuaria como maestro e fundador da Fundação Bachiana, um projeto que oferece aula de música clássica em periferias.

Tendo assistido no começo de 2010 uma apresentação da Orquestra Jovem da Fundação Barbosa Rodrigues, responsável pela gestão de diversos projetos vinculados à Fundação de Cultura do Estado no município de Campo Grande, no estado de Mato Grosso do Sul, tive curiosidade de investigar a proveniência dessa iniciativa, assumidamente inspirada na iniciativa de João Carlos Martins, conforme informações da instituição.

Há pelo menos três grupos que ofereciam aula de violino para jovens nas periferias do município de Campo Grande, apesar de esse tipo de projeto social estar cada vez recebendo mais visibilidade e incentivos financeiros de empresários, voluntários e recursos público. Neste momento, não se poderia ainda avaliar se seriam muitos ou poucos os grupos interessados nesses instrumentos clássicos. Em diferentes tempos e espaços no País, pode ser acessado eletronicamente via internet, filmes ou na televisão orquestras de jovens em atividade. Enfim, pode-se dizer que é uma iniciativa emergente.

Enquanto objeto/tema, a orquestra de jovens possibilita responder a uma demanda de “o que fazer com esses jovens?”. Como afastá-los da criminalidade e dos desajustes sociais, demarcados pelas práticas culturais? E ainda, ao mesmo tempo produzir o belo, o adequado e o aceitável, além da superação de uma condição social a menor, inferior a uma naturalização, como fazê-lo?

As instituições que se prestam a esses objetivos – a regularização de uma ameaça à normalização social – possibilitam oferecer aos jovens atividades cujo resultado tenha uma relevância social, tal como se pode ler na missão da Fundação Bachiana (de João Carlos Martins): “Promover, através da música, a democratização cultural, educação musical, inclusão cultural e social, conscientização ambiental, direcionados a todos os

segmentos da sociedade” (Fonte: <http://www.fundacaobachiana.org.br/missao-visao.php>).

Em contato com a Fundação Barbosa Rodrigues, tomou-se conhecimento que havia outra orquestra que realizava trabalho semelhante no município de Campo Grande (MS), tendo o maestro Eduardo Martinelli como integrante do corpo docente. Firmada a possibilidade de pesquisa, surgiu a proposta de pesquisa: a genealogia da Orquestra Viver Bem. Genealogia compreendida aqui como proveniência via relações de luta entre os sujeitos envolvidos.

A Orquestra Viver Bem é composta por jovens, habitantes do bairro Nova Lima e proximidades, em Campo Grande (MS), que ensaiam duas vezes por semana no contra-turno escolar, no espaço do Ponto de Cultura Viver Bem, localizado no mesmo bairro.

Para esta investigação ter o caráter de genealogia proposta por Michel Foucault, tendo como lócus a orquestra do Ponto de Cultura Viver Bem, foram realizados os seguintes procedimentos iniciais:

- conversas informais com a diretora para viabilizar a execução deste estudo;
- gravação das entrevistas com os alunos, em grupo e individualmente; e
- consulta à documentação fornecida pela Instituição.

A partir desses movimentos iniciais de investigação, as análises dos artefatos levantados marcaram aspectos positivos a serem investidos e ao mesmo tempo demarcaram pontos de tensão por desenharem aspectos problemáticos desse lócus.

Mesmo assim, mantiveram-se os princípios a serem desenvolvidos, enquanto movimento teórico e metodológico, de acordo com aqueles enunciados por Foucault (1995) em seu texto *O sujeito e o poder*, no qual fornece elementos de instrumentalização para pensar a instituição, de forma desnaturalizada, não assumindo-a regida por uma concepção de Poder soberano, mas observando as práticas onde os indivíduos exercem o poder uns sobre os outros. Fora do modelo de obediência versus desobediência, mas sim como ações sobre outras ações, não provocando no outro uma posição passiva, mas se valendo de um saber sobre o outro, para sobre ele exercer, na medida do possível, outras relações de poder.

O modo de relação próprio ao poder não deveria, portanto, ser buscado do lado da violência e da luta, nem do lado do contrato e da aliança voluntária (que não podem ser mais do que instrumentos); porém, do lado deste modo de ação singular – nem guerreiro nem jurídico – que é o governo (FOUCAULT, 1995, p. 224).

Analisar a Orquestra Viver Bem a partir das relações de governo exige estabelecer as redes de relações a partir do projeto, entre os gestores, pais, professores e alunos “menos como uma oposição de termos que se bloqueiam mutuamente do que de uma provocação permanente” (FOUCAULT, 1995, p. 224). Assim, a fim de exercer sobre o outro uma relação de provocação, de produção de condutas entre os envolvidos, faz-se necessário o estabelecimento de um saber, sobre o aspecto do outro que se visará exercer incitações.

Nessa perspectiva de governo, a Orquestra Viver Bem pode ser analisada como resultado das relações de poder, na medida em que não há um modelo fixo situável num passado, presente ou futuro que se possa tomar como base ideativa, a partir da qual as mudanças, se ocorrerem, serão pequenos deslocamentos. Assim, não situado no passado: não o estabelecimento de uma origem a priori. Nem no futuro: não como uma evolução teleológica. Nem no presente: na medida em que se considera que o atual não é o fim da história. A Orquestra é, portanto, forma sem conteúdo, resultado de constantes estratégias operadas por sujeitos.

Foucault emprega a expressão “governo”:

[...] em três sentidos. Primeiramente, para designar a escolha dos meios empregados para se chegar a um fim; trata-se da racionalidade empregada para atingirmos um *objetivo*. [...] a maneira pela qual tentamos ter uma *vantagem sobre o outro*. Enfim, para designar o conjunto dos procedimentos utilizados num confronto para privar o adversário dos seus meios de combate para reduzi-lo a renunciar à luta; trata-se, então, dos meios destinados a *obter a vitória* (FOUCAULT, 1995, P. 247).

A partir destas referências teórico-metodológicas, é possível realizar a genealogia da Orquestra Viver Bem, proposta para este estudo, a partir dos sujeitos que são os operadores da mesma. A Orquestra existe há seis anos, conforme documentos fornecidos pela Instituição, que atualmente se chama Ponto de Cultura Viver Bem. Contudo, quando foi iniciado este estudo, há um ano e meio, o nome utilizado pela instituição era de “Grupo de Incentivo à Cidadania e Qualidade de Vida – Viver Bem”.

1.1 A LOCALIDADE DA INSTITUIÇÃO QUE PROMOVE A ORQUESTRA

Localizado no bairro Nova Lima, no município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. O projeto é responsável pela Orquestra Viver Bem. A instituição também

oferece aulas de ballet, pintura, inglês e informática, que atende principalmente a população do bairro e adjacências.

É um Ponto de Cultura, classificação institucional pelo Ministério de Cultura em forma de convênio para estímulo às iniciativas culturais já existentes da sociedade civil (Disponível no site <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/>, sob o título: “Ponto de Cultura. O que é?” Acesso em: 16/12/2012). Organizado com intuito de atender a preocupações sociais, e o perfil dos jovens escolhidos para integrar a orquestra é de baixo poder aquisitivo, presumido só por habitar nessa região, conforme Petengil e Szybe (2007, p. 10):

A seleção dos usuários se dá em função da moradia, são atendidas crianças e adolescentes do bairro Nova Lima. Não verificamos necessidade de recorte de renda, pois o mesmo se dá em função da residência (para quem reside nesta localidade o recorte já está feito).

Portanto, o Grupo estar situado neste território possibilita atingir uma população residente que assume-se pertencer a uma faixa de baixa renda. Logo, a iniciativa da orquestra se insere em uma instituição que pretende atingir uma parcela específica da população. Considerar a instituição pela estratégia de governo que pode se servir a cumprir permite que investiguemos quais resistências pode-se objetivar evitar, domesticar, fazer renunciar a luta (FOUCAULT, 1995).

Ao acessar os documentos que nos deram subsídios para o material discursivo que possibilita reconhecer e utilizar neste estudo, tendo as descrições das características do bairro, pode-se considerá-los como não simplesmente como *dados* que foram *revelados* por pesquisas desinteressadas. Na medida em que um trabalho ativo, inserido em uma tecnologia de produção de enunciados verdadeiros sobre o bairro faz-se necessário para esses discursos, convém questionar se são desinteressados. Com isso, propõe-se como instrumento para pensar os discursos considerar sua produção em uma estratégica a partir de possibilidades institucionais e de saberes.

As informações sobre o bairro foram repassadas pela Instituição e como já foi anunciado, ela se localiza no Setor Nova Lima, no município de Campo Grande, no estado de Mato Grosso do Sul (MS) composto por nove bairros. Enquanto região conta com serviços de abastecimento de água, energia elétrica e telefonia fixa em quase a totalidade, 3 ONGs, o 4º pelotão da polícia militar, um ponto de ônibus que atende uma média de 2000 passageiros ao dia; 3 clubes, 7 Associações de moradores “pouco frequentadas” (sic.), 2 Centros de educação infantil, 4 instituições escolares municipais

que oferecem até o nono ano, 2 instituições escolares mantidas pelo governo do estado, uma delas que oferece ensino médio; coleta de lixo 3 vezes por semana; não há sistema de esgoto implantado sem previsão de fazê-lo; um hospital que faz tratamento de Hanseníase, um posto de saúde, um Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) que atende 40 idosos, 120 crianças, 640 famílias, sendo que 480 destas são atendidas pelo Programa Bolsa Escola; comércio composto por 101 lojas, 8 indústrias, 54 prestadoras de serviços, 8 igrejas católicas e evangélicas, feira livre aos domingos; 50 jovens de 15 a 17 anos são atendidos pelo Programa Agente Jovem e mais de 200 jovens são atendidos no Centro da Juventude; famílias mais numerosas (média) que é superior ao município, com alta taxa de informalidade no trabalho dos chefes de família, nas quais apenas 61% tem 1 membro que recebe renda fixa; população total de 19.932, sendo 6.879 menores de 14 anos. Não haveria equipamentos que incentivem a cultura no bairro. Considerado um bairro violento, no qual “Gangs de jovens que se formam por não ter opção para estudar, de lazer ou profissionalizar-se dentro do bairro que é distante do centro da cidade” (VICTÓRIO, s/d).

Pode-se observar que tais informações foram agrupadas de forma que justificassem inscrição da instituição neste bairro. Não são simplesmente dados quantitativos, mas passam a se configurar como enunciados que estão apresentados com o intuito de mostrar a importância da inserção da Instituição.

Entretanto surge a seguinte indagação: Onde poderão ser encontradas as condições de possibilidade para esse discurso? Não se trata apenas de descrever a realidade física da Instituição. Nesta descrição sobre alguns indicadores fechados (dados numéricos que não determinam sua enunciação) da distribuição de indivíduos num território, inscreve-se também, historicamente, a possibilidade de um saber estatístico que dá novas possibilidades de distribuição de indivíduos nos territórios:

Quis simplesmente mostrar algumas faces ou algumas arestas do que poderíamos chamar de prisma prático-reflexivo, ou simplesmente prisma reflexivo, em que apareceu no século XVI, fim do século XVI e início do século XVII, o problema do Estado. É mais ou menos como se eu lhes dissesse: não quis fazer a história do planeta Terra em termos de astrofísica, quis fazer a história do prisma reflexivo que permitiu, a partir de um certo momento, pensar que a Terra era um planeta. É mais ou menos a mesma coisa, mas com uma diferença. É que, quando se faz simplesmente a história das ciências, quando se faz simplesmente a história da maneira como se aprendeu, constituiu um saber tal que a Terra aparece nele como um planeta em relação ao Sol, quando se faz uma história assim, é evidente que se faz a história de uma série totalmente autônoma e independente que não tem nada a ver com a evolução do próprio cosmo. O fato de que, a partir de um certo momento, se soube que a Terra é um planeta não influenciou em nada sobre a posição da Terra no cosmo, é

óbvio, ao passo que o aparecimento do Estado no horizonte de uma prática refletida, no fim do século XVI e início do século XVII, teve uma importância capital na história do Estado e na maneira como efetivamente se cristalizaram as instituições do Estado (FOUCAULT, 2008a, p. 368).

Portanto, quando se trata de saberes que envolvam sujeitos, pode-se problematizar a concepção de uma neutralidade dos números, já que os números por si não explicitam processos. Os dados estatísticos de um bairro não foram sempre objetos de preocupação da mesma forma, mesmo que concretamente eles pouco tenham mudado. Há algumas décadas não eram pontos de apoio ou inferência da mesma forma, pois não se inseriam nos discursos e não se exercia a partir deles nenhuma política. O saber estatístico sobre um território se produz em um jogo de relações de poder.

O desenvolvimento tecnológico e informático possibilitou certas novidades no entrecruzamento de subsídios propiciados por indicadores e variáveis. O censo, bem como outras formas de pesquisas para produzirem dados são mais antigos que nossa atualidade informatizada. Mas, sem esse modelo cristalizado da pesquisa estatística tal como se conhece hoje, a própria objetividade suposta dos números não é suficiente e nem lhe dá sustentação para que eles sejam proferidos.

Isso se encaminha para a seguinte indagação: Seria o saber estatístico suficiente para explicar? Bastaria a possibilidade de conhecer um objeto para que se pudesse dizer algo sobre ele? Justamente para responder a essas e outras perguntas com estes mesmos propósitos é que Foucault (2005, p. 213) chama de genealogia a pesquisa que não siga o eixo conhecimento-verdade, mas discurso-poder.

O que distingue o que se poderia denominar a história das ciências da genealogia dos saberes é que a história das ciências se situa essencialmente num eixo que é, em linhas gerais, o eixo conhecimento-verdade, ou em todo caso, o eixo que vai da estrutura do conhecimento à exigência da verdade. Em contraste com a história das ciências, a genealogia dos saberes se situa num eixo diferente, o eixo discurso-poder ou, se vocês preferirem, o eixo prática discursiva-enfrentamento de poder.

Portanto, realizando uma pesquisa arqueogenealógica, cabe considerar os enunciados de Victório (s/D) não como conhecimento da verdade sobre a localidade, mas como enunciações visando um enfrentamento e produzindo ações: nas gestoras, que se valem desse discurso para justificar suas práticas institucionais e mesmo para revê-las; na prefeitura municipal, visando alianças; com os habitantes do bairro, no sentido de se interessar pela proposta institucional visando corrigir ou prevenir mazelas pela

educação (cursos oferecidos pela instituição: inglês, ballet, música clássica, e outros). Tal função de redentora das mazelas sociais, segundo Osório (2001, p. 30)

Com base nos ajustes necessários, a educação passa a ser vista como redentora de toda a tragédia do desemprego, tendo a responsabilidade de desenvolver habilidades básicas (conhecimento escolar, alfabetização...), habilidades específicas (tarefas produtivas – ofícios) e de gestão (qualidade, valores e atitudes), definidas a partir do novo conceito de mercado de trabalho, tendo como “missão” “formatar” em cada indivíduo “competências”, frutos do desenvolvimento dessas habilidades enunciadas, assegurando uma possível “empregabilidade” e uma renda mínima.

Portanto, podemos considerar a inscrição da Instituição, então chamada Grupo de Incentivo à Cidadania e Qualidade de Vida – Viver Bem!, como resultado de práticas de sujeitos, práticas discursivas que envolvem questões, não em relação à verdade e aos dados revelados desinteressadamente por não importa quem, mas às relações de poder e possibilidades de enunciação, além de processos históricos que distribuem indivíduos nos territórios e nas posições esquadrihadas da organização social, em que, na medida em que são operadas pelos sujeitos que não estão dados, as disposições deles passam a ser modificáveis conforme as estratégias utilizadas ativamente para produzir condutas por incitações.

No próximo capítulo abordaremos a história da instituição a partir dos discursos dos sujeitos envolvidos, não como narradores de uma verdade sobre a história que seja acessível aos portadores de certo conhecimento, mas como sujeitos que se utilizam, de um saber para, ao narrar a história, tentarem produzir coerções e incitações.

2 SITUANDO O “ASSISTENCIALISMO” NO PASSADO: TENTATIVAS DE SUPERAÇÃO?

Nas leituras dos documentos fornecidos pela instituição, durante as análises, foram encontrados enquanto expressão os termos “assistencialismo” e/ou “filantropia” nas problematizações identificadas. Pettengil e Szytbe (2007, p.2) descreveram para pesquisa de conclusão de curso, a busca por “uma ONG que fizesse jus ao que essa sigla pode significar”. As autoras narram o histórico dos projetos sociais no Brasil se referindo à possibilidade de revisão da forma assistência possível de ser oferecida, que já finda a ditadura a mais de duas décadas, para uma prática mais transformadora via fortalecimento das comunidades.

Ainda, segundo as autoras, nos anos da ditadura, o combate à fome foi mote para as ações sociais, mas que esse modelo pode ser transgredido, pela condição de ser ampliado. Há uma imagem pictórica disponível no Facebook a qual se pode retratar como analogia ao leitor, de forma pontual, o movimento de problematização que se segue:



Nessas imagens pode-se considerar enunciados dos discursos que fomentam as práticas sociais mostram alguns movimentos que se tem produzido nas novas possibilidades de atividades de assistência social, a partir de superação dos paradigmas do paternalismo, do assistencialismo ou da filantropia. Vê-se que, no terceiro quadro, encontra-se um momento final nessa trajetória de superação. Chegado ali, poder-se-ia descansar a atual posição de alerta contra o assistencialismo?

Trata-se, na sequência, de outros enunciados coletados na pesquisa para dar uma ampliação dessa problematização em estudo. Os enunciados escolhidos nesta seção do relatório de dissertação serão apresentados de forma a fornecer ao leitor um histórico do Ponto de Cultura Viver Bem.

Tal escolha é um ponto de sustentação para pensar o esforço de superação da vulnerabilidade de a Instituição ser apontada pela condição de assistencialista. Segue um trecho de outro texto disponibilizado pela Instituição para lidar com parte dos elementos que compõem a rede que se manifesta a princípio, na temática do combate ao assistencialismo:

Cresce em todo país [que é] uma prática filantrópica mais amadurecida, mais consciente que esse tipo de ação deve ser constante, persistente e com o compromisso de envolver toda a comunidade e as empresas responsáveis socialmente, com o fim último de participar numa política efetivadora de direitos aos cidadãos e não mais como dádiva aos pobres (VICTÓRIO, 2006, p. 6).

Nesse texto, em nome de um confronto ao assistencialismo, Victório (2006) se vale do discurso do serviço social para aliar as gestoras na superação de um modelo filantrópico e assistencialista. Aponta-se um caminho a partir de uma definição:

Todos estes empreendimentos sociais são oriundos de uma concepção: a filantropia. Podemos identificar como suas características principais: uma motivação humanitária, a preocupação com o ser humano, com a situação na qual o outro está vivendo, uma preocupação com o bem-estar do outro ou da comunidade onde o resultado é uma gratificação pessoal de se estar fazendo o bem (VICTÓRIO, 2006, p. 4).

Tal manobra de Victório passa a nomear como assistencialista um modelo identificável ao modelo prévio da instituição e oferece caminhos para a mudança:

Os principais indicadores são: melhorar a expectativa de futuro para 10% do total da população da comunidade num prazo de 12 meses; pelo menos 50% dos inscritos nos cursos/oficinas capacitados e aptos para o mercado de

trabalho ou com melhoria escolar das crianças participantes do Balé, Inglês e Português, no 1º semestre de implantação; Biblioteca instalada com formação de Rodas de Leitura para todas as Oficinas, bem como Palestras e Informativos oferecidos com a obtenção de participação no 1º semestre de no mínimo 50% dos usuários (VICTÓRIO, 2006, P. 16).

Por esse encaminhamento, Victório favorece uma governamentalização da instituição, isto é, um esquadramento pelo saber do serviço social sobre uma instituição, que antes funcionava sem essa configuração estruturada. (FOUCAULT, 2008a).

Tal proposta lida a partir de metas visa que as gestoras, os professores, os alunos e seus pais se envolvam ativamente na construção de uma nova possibilidade de “incentivo à cidadania” (termo retirado do nome da instituição). Trata-se, o encaminhamento de Victório, de uma estratégia, um meio de atingir um objetivo, no caso, muito diferente da busca do bem comum, que é generalizado, pertencente ao paternalismo, modelo que se pretende abandonar.

A governamentalidade, como lógica de governo, é uma forma de governar e historicamente viabilizada pelo Estado moderno, com raízes no pastorado medieval, na qual os sujeitos são governados como indivíduos, inscritos em discursos sobre sua realidade, amparado em saberes científicos (FOUCAULT, 2008a).

Em contraposição ao modelo do poder soberano, até então vigente, no qual seus súditos estariam ou plenamente de acordo ou deveriam ser punidos a fim de que possam ser conduzidos ao justo proceder; na governamentalidade, os sujeitos passam a ser atravessados por saberes específicos sobre suas práticas enquanto seres vivos, com isso se dá o nascimento da biopolítica. Trata-se não mais de um deixar viver ou fazer morrer, mas um fazer viver ou deixar morrer (FOUCAULT, 2005).

As formas de viver passam a ser investidas pelas ações governamentais. As ações dos governantes passam a ser inscritas em uma lógica da economia, na qual o menor custo deve fundamentar as intervenções, na medida em que o saber liberal permite ao Estado um saber que lhe embasa a lógica da intervenção mínima pela autorregulação da economia (FOUCAULT, 2008a).

Enquanto as intervenções devem ser racionadas conforme o efeito que se deseja produzir em termos de redirecionamento de condutas. Dessa forma, os sujeitos passam a não mais precisar ser mortos conforme não estejam de acordo. Os contratos e consensos passam a ser reposicionados: “Ou seja, se se respeita o contrato, não é porque há contrato, mas porque se tem interesse em que haja contrato” (FOUCAULT, 2008b, p.

373). Não mais uma coerção, mas uma incitação: os sujeitos enquanto ativos e produtores passam a ter um papel na estrutura social.

Portanto, a mudança nas ações de assistência pode ser compreendida como possibilidade de ações pautadas na governamentalidade. O modelo de combate à fome é apresentado como resultado de um período anterior, de ditadura, no caso do Brasil, mas que pode ser ampliado para possibilitar garantia de direitos, para além da sobrevivência.

Para isso, as ações institucionais, como a do Grupo Viver Bem são incentivadas, pela interlocução com esse saber, a se transformar para uma prática que supere o paternalismo, coisa que se afirma que o farão conforme seguirem certas metas.

Assim, no lugar do visar o “bem comum” (categoria presente em uma lógica centrada no soberano, pastor que deve se ocupar de seu povo), para passar a visar uma série de modificações. Nova economia das intervenções, agora vinculadas a uma lógica racional, condicionada a efeitos que visam se reproduzir.

As metas são propostas como meios de se chegar aos objetivos que se encontram nos documentos da Instituição, a saber: sintetizável à mudança da situação de vida na retirada da condição de “viver à margem da sociedade” (VICTÓRIO, 2006, p. 6) dos sujeitos jovens, pela reação aos “altos índices de violência” (VICTÓRIO, 2006, p. 16). São em si, os tirando da rua (como recorrentemente se ouviu nas entrevistas), pela “melhora no rendimento escolar” (PETTENGIL e SZTYBE, 2007, p. 11) e “preparação para o mercado de trabalho. [...] poder se sustentar e dar conforto a sua família.” (VICTÓRIO, 2006, p. 6).

Trata-se, portanto, de recolocar esses jovens, dando-lhes uma ocupação, inserindo-os por um período em um espaço institucional, esperando modificar suas condutas, na medida em que eles envolvem-se ativamente na mudança: realizando os exercícios, participando das atividades da instituição e alguns chegam a afirmar durante a entrevista que pensam em trabalhar profissionalmente com música. Inclusive, em uma das conversas informais, chegou a ser afirmado que os jovens dessa instituição apresentam bons resultados (aprendizagem rápida e tecnicamente acima da média), o que demonstra envolvimento e dedicação nos estudos. Tais atividades na instituição visam, enfim, favorecer o envolvimento de professores, gestores, pais e alunos ativamente na atuação em vista a esses objetivos de transformação social.

Segundo Pettengil e Szybe (2007, p. 11), “O objetivo da ONG é proporcionar uma melhoria na qualidade de vida das pessoas com permanência da mesma

extrapolando a solução de uma necessidade emergencial”. O uso do objetivo “melhoria na qualidade de vida das pessoas” pode ser um pouco generalizado, uma finalidade de tipo “bem comum”, contudo, também possibilita orientações específicas, direcionamentos claros visando esse objetivo.

Assim, o referir-se à qualidade de vida, por ser algo abrangente, é condição de possibilidade para uso tanto no antigo modelo (considerado filantrópico), quanto para o governamentalizado. Ao passo que tal terminologia pode servir de transição, também tem potencial para evitar uma mudança de paradigmas de assistência social, isto é, superação, que se assume acessível. Quem formará o quadro (nunca final nem definitivo) entre essas duas racionalidades serão os sujeitos, que poderão se valer desses elementos discursivos estrategicamente?

O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras (FOUCAULT, 2010a, p. 112).

Portanto, a disposição por dois grandes modelos ou condições ideológicas acaba sendo secundário em relação às medidas efetivas em que os sujeitos produzem seguindo cada um seus interesses, e suas formas de subjetivação, fazendo uso de discursos que lhes possibilitem produzir e incitar ações nos outros conforme lhes sejam convenientes.

Todos esses movimentos que se operam em uma lógica de liberalismo não rompem com a lógica do interesse econômico. E se mantêm em um formato institucional, por mais precário que seja para responder às demandas sociais. Tal manutenção se dá por interesses dos sujeitos em utilizarem-se dos mecanismos da instituição, por vezes alterando as regras prévias.

A partir dos referenciais foucaultianos, não se compreende os interesses pessoais como advindos exclusivamente do indivíduo, mas sim de um sujeito que não reclama para si uma origem e uma finalidade exclusiva. Um sujeito que não é composto por uma unidade e uma continuidade, pois estabelece múltiplas relações que resultam em uma polivalência, que não pode ser reduzida de fato a uma continuidade.

Tanto técnicas de saber, quanto as relações de poder possibilitam a formação dos objetos dos discursos (pobreza, vulnerabilidade, exclusão, justiça social, controle social, educação pela arte, por exemplo) sobre os quais Foucault (2010a, p. 13) postula que:

[...] cumpre interrogá-los nos dois níveis, o de sua produtividade tática (que efeitos recíprocos de saber e poder proporcionam) e o de sua integração estratégica (que conjuntura e que correlação de forças torna necessária sua utilização em tal ou qual episódio dos diversos confrontos produzidos).

A posição que o sujeito ocupa possibilita a presença de uma série de signos que devem acompanhar o seu discurso. Segundo Foucault (1979), essa posição parte de normas proferidas por autoridades assumidas como confiáveis, ocultando discursos onde veiculam relações de poder em uma suposta neutralidade e objetividade.

Mesmo em sociedades onde os discursos produzidos por um pequeno grupo de letrados sejam definidores gerais das práticas, esse pequeno grupo, supostamente sem necessidade de cumprir com uma postura esperada para ele, ainda a partir de seus próprios discursos, produzem possibilidades de posição de sujeito.

Com essa compreensão, Foucault (1995) enumera movimentos de resistência na relação consigo mesmo: resistência contra categorizações e normalizações sobre a própria autoconstituição do sujeito voltadas para a busca de novas formas de subjetivação. Na medida em que o sujeito que produz normas locais pode ser considerado um sujeito ético (que produz a partir de sua relação consigo e não com normas universais), o estudo localizado no Ponto de Cultura Viver Bem possibilita novas práticas, discursos, dispositivos e normas que estabelecem com ele relações de adjacência. E as relações de poder compõem alternativas de formação de discursos capazes de promover rupturas, na medida em que recorram a continuidades diferentes.

Tal movimento acaba conduzindo o Ponto de Cultura Viver Bem em direção ao formato de empresa: solução apontada pelo estabelecimento de metas, do saber do serviço social, que governamentalizam as práticas institucionais. Mas as aspirações ao bem comum, o que ocorre com elas quando as intervenções se inscrevem a partir de uma lógica liberal?

No tópico que se segue propõe-se um caminho para se pensar como se dá nesta instituição a convivência entre as duas racionalidades: a do bem comum e a da governamentalidade, e como os sujeitos produzem essa mudança.

2.1 REDIRECIONANDO IDEAIS HUMANITÁRIOS

Como contraponto à governamentalidade como esse novo conjunto de objetivos a se alcançar, apresenta-se os enunciados de Victório (2006), os quais nomeiam o que a instituição vinha fazendo como “preocupação com o ser humano”, como a parte das

iniciativas filantrópicas que deve ser mantida, com a aliança que se pode fazer entre os conhecimentos da assistência social e isso – preocupação com o ser humano - que as gestoras têm de diferencial, mas que deverá ser revisto para escapar do paternalismo.

Dar valor e saber compartilhar nosso conhecimento. Concluiu-se que todo o esforço esboçado acima é fruto de uma expressão que estava em desuso no atual contexto histórico: o amor ao próximo, à vontade de fazer o bem, de se obter como troca uma satisfação emocional que não pode ser quantificada em números ou valores, mas em resultados possíveis de se alcançar em prol da cidadania (VICTÓRIO, 2006, p. 24).

A partir desse trecho, vemos a produção de um discurso-negociação dessa estratégia de poder. A equação poderia ser assim descrita: o discurso da assistência social pode se configurar como uma tentativa de governamentalizar a prática das gestoras do projeto social; por outro lado, o próprio discurso da assistência social anuncia a posição importante que as gestoras do projeto ocupam com sua arma que é o amor à causa (além dos saberes tácitos); por fim, em nome da efetividade dos esforços em gerar como resultado o acesso à cidadania, configura-se o resultado provisório dessa negociação nesse momento de interlocução com essa assistente social.

A partir dessa proposta entre o saber do serviço social que seleciona certas práticas no campo de atuação com práticas avaliativo-prescritivas e a preciosidade (no sentido de raro e importante) do amor à causa das gestoras, se constrói um novo discurso que acompanha novas práticas, governamentalizadas de forma não a excluir as aspirações humanísticas, mas a dar-lhes um curso esquadrihado por um saber que transcende os gestores. Contudo, essa prática, uma vez posta em curso, não é apenas repetida e reafirmada pelos sujeitos, mas mesmo em seu cerne pode ser alterada, visto que o poder produz as práticas entre sujeitos que estão em posição de resistência.

Aproximando as reflexões encontradas em *O governo de si e dos outros* (FOUCAULT, 2010b) e *Vigiar e punir* (2010c), problematiza-se se compromisso apenas se conseguiria com a plena aplicação das leis, se a cidadania não é mais a do sujeito exemplar, mas do elementar e que um investimento que envolve iniciativa de sujeitos preocupados com seus valores, em nome de uma neutralidade, são chamados a assumir uma fala ascética, com metas, garantias fruto de um suposto conhecimento da realidade objetiva.

As respostas das do tipo de “amor à causa (declarado várias vezes durante a pesquisa pelas gestoras)” (VICTÓRIO, 2006, p. 11) podem produzir novos efeitos desejados no público se não vier acompanhada da conquista do status de ponto de

cultura, lembrando que o incentivo à cultura é “importante agente de transformação social” (FOLDER DO ESPETÁCULO DE FINAL DE ANO DO PONTO DE CULTURA VIVER BEM!, 2012). O status de verdadeiro e de efetivo ao discurso dá peso positivo e a Instituição muitas vezes recorre a essa manobra.

Tal discurso passa a incitar nos sujeitos envolvidos com a Instituição, uma série de ações concernentes a um conhecimento científico que eles não possuem, um saber sobre o campo desses sujeitos (institucional não governamental) em referência a dados estatísticos, os quais são advindos de um saber que as gestoras desconheciam. Se as gestoras ignoravam alguns conhecimentos científicos (especificamente, o uso de metas) com os quais entraram em contato, Victório (2006) apresenta um saber *sobre* a instituição, advindo d’alhores que as gestoras devem adquirir e aplicar.

Quando analisamos alguns projetos sociais ou até mesmo algumas políticas públicas constatamos que planejamento, monitoramento e avaliação passam ao largo, como se não fossem necessários para sua implementação ou para sua continuidade. Incrivelmente, muitos sobrevivem apenas com a suposição de que estão fazendo algo certo para seu público, se esquecem que dependem da captação de recursos e para isto é necessário planejamento (VICTÓRIO, 2006, p. 10).

Este enunciado foi devolvido à diretoria da ONG (atual Ponto de Cultura Viver Bem) como uma avaliação e direcionamento de uma assistente social que fez a pesquisa na localidade. Quando o formato do projeto antes da entrada da avaliação da assistente social é enquadrado como “não existência de um compromisso claro com seu retorno” (VICTÓRIO, 2006, p. 17), uma espécie de reestruturação é exigida ao projeto enquadrado pela assistente social como “filantropia”, para sintetizar a multiplicidade de iniciativas que muitas vezes não se preocupam com as diretrizes de sua disciplina a qual lhes impõe uma série de práticas.

2.2 A QUESTÃO DA SUSTENTABILIDADE NA INSTITUIÇÃO

Para que o projeto do Grupo Viver Bem possa funcionar de forma mais independente das gestoras, Victório (2006) recorre à noção de “sustentabilidade”, se referindo à possibilidade de o projeto se manter financeiramente. Frequentemente, nesse cálculo entra o financiamento feito pelo Estado, que acaba impondo à instituição certas modificações que se deva fazer para se enquadrar na política de assistência social. Contudo, na instituição em específico (algo que dá relevância à especificidade desta

pesquisa) não foi a trajetória de buscar financiamento estatal que foi mote das problematizações onde a sustentabilidade se inscreveu, mas sim, como se verá na sequência, sobre a exigência de que o projeto se sustentasse cada vez menos apoiado nas gestoras e cada vez mais na comunidade.

A diretora durante entrevista afirmou que não recebem financiamento estatal, não podem receber via Lei Rouanet, pois não quiseram se adequar às exigências para receber o status de utilidade pública. A entidade funciona exclusivamente por doações que a diretoria se empenha em conseguir.

Isso se deve, a princípio, segundo Pettengil e Sztybe (2007, p. 8) à instituição buscar, mais que doadores, parceiros. Não meramente “captação de numerário e sim, a captação de sujeitos envolvidos com o projeto” (entre os quais, enquanto pesquisador e psicólogo sou um desses envolvidos, implicado com a execução desta pesquisa):

[...] seus conhecimentos pessoais e sua credibilidade junto às pessoas significativas da sociedade de Campo Grande para viabilizar a realização do projeto. Apesar de parecer uma obviedade, esse conhecimento de pessoas e o lugar social ocupado podem fazer toda a diferença na captação de recursos e na credibilidade que a ação teria. [...] O resultado do trabalho iniciado em 1998 foi uma sede própria com 340m² de área útil adequada (PETTENGIL e SZTYBE, 2007, p. 9).

Tais discursos são apresentados da forma que o são, pois manifestam a preocupação em apresentar-se em um formato de atividade de assistência positivamente classificado depende de ser “uma ONG que fizesse jus ao que essa sigla pode significar” (PETTENGIL e SZTYBE, 2007, p. 2), de forma a não “carregar um ranço assistencialista” (VICTÓRIO, 2006, p. 11) e escapar de ser considerada local de “troca de interesses e da utilização da filantropia para tapar os buracos sociais onde seria de sua responsabilidade” (VICTÓRIO, p. 6).

A sustentabilidade aparece como questão de fundo na medida em que os moradores da comunidade (sobretudo pais) passam a serem requisitados a participar da instituição, de acordo com o saber do serviço social que define isso como pré-requisito para a sustentabilidade institucional.

Essa problemática da sustentabilidade chega a levar Victório (2006, p.1, grifos da autora) a se perguntar sobre como podem funcionar projetos que não se utilizam da teoria que lhes “diz que é preciso muita pesquisa e planejamento para se estabelecer parcerias, contatos, manter voluntários, captar recursos, elaborar projetos, efetivar

ações, enfim, buscar a *transformação* da situação encontrada no marco inicial de uma intervenção”.

Na medida em que a sustentabilidade é avaliada conforme os critérios da política de assistência social, esta cumpre uma função semelhante à da universidade que Foucault denuncia em *Em defesa da sociedade* (2005), de ser desqualificadora de saberes nascidos alhures. Apesar dessa semelhança, os meios que isso ocorre não permite estabelecer uma continuidade baseada na semelhança.

No caso da sustentabilidade como critério de avaliação dos projetos, no caso deste projeto, a instituição é confrontada ao enunciado: “Uma ação assistencialista ou filantrópica [quando] se caracteriza pela doação financeira momentânea, pelo caráter assistencialista e individualista e pela não existência de um compromisso claro com o seu retorno, e assim, restringe-se à boa vontade” (VICTÓRIO, 2006, p. 17).

Assim, com esse discurso, Victório incita, na equação que fornece, a diretoria a produzir uma transformação social inserindo-se como portadoras da “preocupação com o ser humano” e seu saber enquanto gestoras que garante o financiamento em um projeto que apresentam como diferenciado, não-assistencialista.

Mas isso na medida em que aplicam as metas fornecidas na revisão proposta por Victório, capazes de atingir não mais meramente o bem comum, mas eficiência em atingir objetivos específicos. Convivendo duas racionalidades, uma geral e outra específica, uma de fornecer oportunidades, outra de modificação de condutas.

Como se pode ver no Folder de divulgação do espetáculo de ballet e orquestra de final de ano de 2012, “A Orquestra Viver Bem é destaque no guia de música clássica do Brasil, com circulação mundial”. Portanto, tal presença não é justificada apenas pelo saber ou pelos méritos, mas também por uma rede de poder que produz o projeto social, o ponto de cultura e a orquestra Viver Bem!

3 A ORQUESTRA PARA OS SUJEITOS JOVENS

Conforme foi problematizado anteriormente quanto à integração estratégica do “bem comum”, “qualidade de vida”, “sustentabilidade” nos discursos institucionais, situados em relações de luta entre os sujeitos envolvidos, cabe discutir, a partir os enunciados captados nas entrevistas dos jovens, quanto ao impacto da inserção na orquestra para suas vidas.

Na medida em que consideramos que a forma das perguntas na pesquisa possibilitam certas respostas e não outras, não pretendemos reafirmar como se pode ser efetivo na nossa inserção nesses espaços, o que permitiria buscar compreender o que nos facilita e dificulta atingir metas, mas problematizar, a partir dessas metas que compõem esse campo (acessíveis via documentos institucionais), a própria trajetória das efetividades supostas na produção dos sujeitos envolvidos na política. Pensar na proveniência da produção dessa prática supostamente voltadas para as metas as quais pode-se ver nos discursos que justificam-no: função pedagógica, função de controle-governo, de proporcionar mudança econômica, promover igualdade de direitos.

Como já abordamos no primeiro capítulo, o próprio endereço da instituição pode ser considerado (em bairro de periferia) como significativo para uma inserção que é voltada para atingir populações potencialmente perigosas. Além disso, recorre-se a outro documento fornecido pela instituição, para pensar o trabalho que se objetiva se considerar a localização da instituição como estratégica: o que produz?

Segundo Foucault (2006b), nas instituições modernas, as intervenções de governo, diferentemente da soberania, envolvem uma série de objetivos não centralizáveis a uma justificativa, o “bem comum”, mas a uma pluralidade de objetivos específicos. Com isso se tratava mais de uma função tática das leis: não mais impor uma lei aos homens, mas dispor de coisas. Com isso, o governante tinha legitimidade em um sistema no qual ele aparecesse como servindo aqueles que por ele são governados. Trata-se agora de uma relação entre indivíduos livres. Mas essa relação não é de uma justa troca, baseada em um contrato previamente firmado, a partir do qual as relações podem ser assumir como simétricas, mas relações de poder e resistência, posto que são sujeitos livres e não submetidos.

Nesse texto, Foucault propõe que o governo não teria simplesmente substituído de uma hora para outra a soberania. Era período do mercantilismo quando isso se operou. Era um sistema político no qual a população era pensada em função da família e a palavra “economia” era aplicada e:

[...] entendida como gestão da família. A partir do momento, ao contrário, em que a população aparecerá como sendo absolutamente irreduzível à família, de repente esta última passa para o segundo plano em relação à população. Primeiro, ela não é mais um modelo; ela é segmento simplesmente privilegiado porque, quando se quer obter alguma coisa da população quanto ao comportamento sexual, quanto à demografia, ao número de filhos, quanto ao consumo, é bem através da família que isso deverá passar. Mas a família, de modelo, vai se tornar instrumento, instrumento privilegiado para o governo de populações, não modelo quimérico para um bom modelo (FOUCAULT, 2006b, p. 299).

Nesse deslocamento da família enquanto modelo de referência para instrumento de governo de populações, o nome economia (do grego, governo da casa) se manteve, a soberania não chegou a ser simplesmente eliminada, bem como a disciplina, apenas sua posição na estratégia de governo de condutas foi alterada.

A partir da racionalidade que identifica a educação como oportunidade de mudança de vida (OSÓRIO, 2001), vemos reforçar a concepção do movimento de transformação social por meio das garantias de superação de um status de vulnerabilidade social.

Em todos os casos nos quais pode ser pensada, ou a família ou os amigos, é descrito como importantes ou para o contato inicial ou para a continuidade da participação e desenvolvimento dentro do projeto. *Frédéric* (ENTREVISTA 4) narra que treina quase todos os dias com o irmão (um integrante do Ponto de Cultura Viver Bem!) e que a mãe o exorta a aproveitar a oportunidade, que ela não teve. Coerente com esses incentivos fala “É até legal tocar violino” (ENTREVISTA 4, p. 9). O que ele diz que pretende fazer com a música é muito próximo da sua situação social, posto que não conta com muitos repertórios discursivos e de posição ou status de sujeitos para enunciar:

É que eu treinando violino assim, daí no futuro eu posso usar essa profissão pra arranjar alguma coisa assim que eu preciso. É tipo assim... Se no meu futuro eu tiver tipo desempregado eu posso arrumar uma escola de violino e ensinar outras crianças e ganhar um pouco de dinheiro né? Ou às vezes eu posso ensinar pra elas sair da miséria também né? As outras crianças (FRÉDÉRIC, ENTREVISTA 4, p. 10).

Mas, nos enunciados coletados, não encontramos a família como exclusivamente interventora. A lógica neoliberal das intervenções de governo, amparadas no saber sobre uma população, possibilitam que mesmo sem incentivos explícitos a família ocupe um papel normalizador.

Renée (ENTREVISTA 18) relata a ameaça da família de tirá-la do curso de violino porque ela não ensaiaria em casa. A casa como local de estudo, portanto, é composta das influências, incentivos e até das ameaças da família. A casa é local potencial de estudo, de disciplina e trabalho sobre si para desenvolver a técnica, mas o posicionamento da família é decisivo para a produção da habilidade. Contudo, sem conexão necessária, como em *Claude* (ENTREVISTA 21, p. 33)

Minha família, ela não me apoia, nem me valoriza nisso [na participação na orquestra], ela deixa com que eu faça, pois ela sabe que é isso que eu gosto. Eles não implicam muito em fazer um curso daqueles profissionalizantes, ele quer que eu faça simplesmente o que eu gosto porque eles acham que é o melhor para mim.

Em casos como de *Claude* (ENTREVISTA 12) e *Galatea* (ENTREVISTA 9), o incentivo não é explícito: uma indiferença, uma não valorização, um não se importar dos pais também foi terreno para desenvolvimento da técnica nesses dois casos.

Nesses casos, pode-se pensar que o governo se dá em relações de resistência entre sujeitos envolvidos: o jovem, a ONG, seus pais e, em casos como de *Claude*, a exigência de fazer cursos profissionalizantes. Citando Martinelli s/d, p. 2) “a experiência tem demonstrado que para muitos jovens a profissionalização como músico representa uma real possibilidade de ascensão social”.

Veja que se não há resistência, não há relações de poder. Porque tudo seria simplesmente uma questão de obediência. A partir do momento que o indivíduo está em uma situação de não fazer o que quer, ele deve utilizar as relações de poder (FOUCAULT, 1995, p. 234).

Podemos então situar os membros família como atravessados pelas relações de governo, pensando a resistência como uma dinâmica que se dá pelas práticas dos sujeitos, como no de *Tábata* (ENTREVISTA 3, P. 7)

minha avó ela fala “*Tábata*, se ajuda, o violino é uma coisa que vai te ajudar e que pode te dar uma carreira de violinista que o ballet também pode te ajudar se você quiser ser uma bailarina profissional quando você crescer” e ela também me ajuda aqui no Viver Bem [...].

Pode-se considerar que a resistência não está ausente, na medida em que ela “reproduziu” uma fala da avó (dentre outras falas, de outros sujeitos) no contexto que foi o da entrevista. *Tábata* também fala nesse trecho que a avó participa da instituição, o

que nos faz pensar que a instituição, é outro instrumento privilegiado, além da família, para governar a população, no caso os jovens.

A função relatada por *Franz* (ENTREVISTA 5, p. 14) “acho que aqui é um estímulo, acho que é uma, acho que é tipo uma indicação” nos ajuda a compreender a produção de sujeitos ajustados, como em *Tábata* (ENTREVISTA 3, p. 7) “muito importante para as crianças, porque vai incentivar elas a ter um futuro”. Também em *Galatea* (ENTREVISTA 9, p. 25) “Ele tira as pessoas das ruas, tipo do mau caminho [...]”.

Vê-se, acompanhando esse agrupamento de enunciados dos jovens, a produção de uma norma que busca tirar as crianças da rua, impedir-lhes de fazer coisas erradas. Algumas condutas são impedidas em alguns domínios da existência nos quais se julga que haja nelas algo errado. Contudo, em uma formação de Panóptico, a punição pelo erro está implícita na própria observação, garantida por toda uma tecnologia de controle de condutas.

A vigilância possibilita um saber sobre a vida dos sujeitos governados. Ocorreu um deslocamento da disciplina a partir do governo sobre a vida:

Temos, pois, duas séries: a série corpo – organismo – disciplina – instituições; e a série população – processos biológicos – mecanismos regulamentadores – Estado. Um conjunto orgânico institucional: a organo-disciplina da instituição, se vocês quiserem, e, de outro lado, um conjunto biológico e estatal: a bio-regulamentação pelo Estado (FOUCAULT, 2005, p. 298).

Para o ensino da música, enquanto disciplina aplicada na instituição não se insere independentemente de uma estratégia de poder: ensinar a música erudita (entre outras formas de arte e cultura, ou mesmo esporte, os quais não serão nosso foco), para evitar que esses jovens envolvam-se com a violência e com as drogas.

A partir de um saber que possibilita prevenir condutas perigosas para a sociedade, pode-se inscrever uma terapêutica das pressupostas mazelas, de proporcionar o que lhes foi privado por sua condição de vulnerabilidade ou “risco”. Retomando a discussão do primeiro capítulo, a proposta do Grupo Viver Bem se instalar em uma região de baixa renda traz os discursos de oferecer oportunidades aos sujeitos jovens, mas que lhes exige uma adesão, produzindo nessa população ao mesmo tempo utilidade e docilidade. Nessa conjugação entre saber e poder, a disciplina se desenvolve, como:

[...] uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma

mesma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. (FOUCAULT, 2010c, p. 133)

Nesses termos, nota-se a dupla funcionalidade desses projetos: tornar a população estrategicamente mais útil (justiça social, formação profissional, fornecer oportunidades, dar ocupação) e obediente (controle social, prevenção e terapêutica da vulnerabilidade da população pobre). Na medida em que possibilita tornar corpos mais úteis e mais dóceis, o ensino de música clássica teve possibilidade de se inscrever no Grupo de Incentivo à Cidadania e Qualidade de Vida – Viver Bem.

Mas a utilidade da iniciativa não depende que todos ou cada aluno desenvolvam habilidades: restringi-los a espaços institucionais que os retire da condição de risco e vulnerabilidade já se enquadraria como uma utilidade social. Os discursos que tornam bem vindas iniciativas como estas – de aula de música clássica em projetos sociais – colocam esses sujeitos em posição não só de dotados de vulnerabilidade, mas também de produtores de vulnerabilidades, posto que, uma vez que se envolvam com violência, são considerados potenciais multiplicadores dessa violência. Preocupação que podemos encontrar no início Mapa da Violência no Brasil: “um dos maiores desafios que hoje enfrenta nosso país: o da violência irrompendo e transformando o cotidiano da sociedade” (WEISELFISZ, 2011, p. 5).

A proposta pedagógica que pretende operar esse ensino (MARTINELLI, s/d), intitulado Instrumentos de arco e o ensino coletivo, é um roteiro para as atividades docentes com instrumentos de arco (violino, viola, violoncelo, contrabaixo) no formato coletivo e não individual. Vê-se no documento um governo de condutas: apesar de a aula não ser individual, isso é fundamentado no argumento de que

A grande vantagem do ensino coletivo sobre o individual se dá em seu poder de estimular vigorosamente os alunos. Isto ocorre graças aos seguintes aspectos: Estudo dirigido O professor impõe e controla a disciplina de trabalho que com frequência falta ao iniciante em seu estudo solitário. Interação entre os alunos Em grupo o aluno tem seu rendimento aumentado ao observar seus colegas (MARTINELLI, s/d, p. 1).

Sobretudo, não podemos considerar a abordagem em grupo como menos reguladora que a individual, na medida em que ela mesma prevê, como se vê em Martinelli (s/d, p. 2), que, no caso de alunos especialmente dotados, o professor “não deverá hesitar em orientá-lo individualmente.” Pois, nesses casos, “o ensino em grupo se configurará um verdadeiro cabresto que tolherá suas possibilidades”.

Tal defesa da abordagem de grupo no ensino do violino feita pelo autor, maestro e professor na instituição, possibilita a produção de um saber pedagógico mais aplicável em contextos de trabalhos sociais, o que também compõe a governabilidade da população atendida pela orquestra.

Em Martinelli (s/d, p. 2) há também um tópico chamado “Aspectos extramusicais”, em cujo texto apresenta elementos importantes no sentido de trazer termos como “real possibilidade de ascensão social”, “enriquecer a vida cultural e social da região” e que “o aprendizado musical em grupo e a conseqüente atividade de uma orquestra de estudantes favorece os sentidos de socialização, responsabilidade e solidariedade” (MARTINELLI, s/d, p. 2).

Nesse tópico, encontramos justificativas para o formato do projeto, diferentemente das diretrizes para o ensino da técnica apresentado no resto do texto. Nessas justificativas os sujeitos atendidos são considerados como elementos a serem disciplinados e domesticados em vista de uma utilidade pública.

Com isso, podemos compreender a inserção do ensino de música clássica a jovens pobres não ocorreu aleatória ou naturalmente, mas foi viabilizado por relações de poder. Não era evidente que os músicos se ocupariam deste tipo de atividades, mas pelo interesse político de controle dessa população pelo oferecer vislumbres de “ascensão social”, enriquecimento da “vida cultural” e favorecendo a “socialização, responsabilidade e solidariedade”.

A partir da disciplina, observa-se uma produção que não segue um caminho linear, mas que visa ajustar os desvios perigosos. Em um ano e meio de estudos na instituição, nenhum aluno parou de frequentar o espaço. O que leva a pensar que, embora os jovens sejam atingidos por várias políticas em comum, a prática da resistência não se limita a se inserir na ONG para superar a condição de vulnerável. Condição essa considerada por nós em forma local, não “A pobreza” com mazelas supostamente inerentes a ela.

Um tipo de pobreza que se combate é a pobreza cultural, conforme o trecho de Martinelli (s/d, p. 2): “O ensino de música em grupo se disseminado e atuante por vários anos num mesmo local, criará não só músicos profissionais ou amadores, mas também um público de música culto que só terá a enriquecer a vida cultural e social da região”.

A disciplina, embora seja um modelo a ser aplicado em vários casos, atenta-se ao individual, ao detalhe, tanto que em Martinelli (s/d), Instrumentos de Arco e o Ensino Coletivo, as diretrizes de ensino são específicas, e ainda o professor pode alterar a

aplicação do corpo técnico-teórico da disciplina para atingir o efeito desejado em sua prática profissional.

Visa-se não uma obediência a um grupo de procedimentos de ensino, mas acesso a procedimentos considerados capazes de levar à “mudança social efetiva”, pela “formação profissional”, “melhora da situação escolar” e “enriquecimento cultural” que encontramos nos documentos analisados. Ampliação que possibilitou o ensino de instrumentos de orquestra no Grupo de Incentivo à Cidadania e Qualidade de Vida – Viver Bem.

No caso desta instituição, a proposta de enriquecimento da vida cultural não implica em negar a cultura local, mas inclusive usá-la como incentivo, como se pode ver no trecho de Martinelli (s/d, p. 7):

Pode-se valer ainda se outros recursos para aumentar o interesse dos alunos como por exemplo mostrar um berimbau, instrumento tão comum na nossa música folclórica, chamando a atenção para as semelhanças fundamentais existentes entre ele e os instrumentos de arco: corda esticada com seus respectivos pontos de apoio, elemento produtor da vibração (vareta), e caixa amplificadora (cabaça).

Não se pergunta aos jovens, o que eles querem – pois que conhecimentos técnicos de música clássica não estavam em seu repertório – mas negocia-se com eles visando à conduta que se pretende produzir, com a aplicação sobre eles de práticas disciplinares. Com a aprendizagem de instrumentos de orquestra, os jovens passam a poder desempenhar posições de sujeito para produzir enunciados com esse novo saber, sem que com isso deixe de ser em sua genealogia uma resposta a pressões sociais.

A inserção desses jovens na orquestra pode, por fim, ser considerada como uma possibilidade que lhes é apresentada para saída da condição de vulnerabilidade, mas que, paradoxalmente, é um passo que eles dão no escuro, em um envolvimento, na maioria dos casos, sem certezas nem conhecimento prévio. São conduzidos à adesão pela moral a um arcabouço que não lhes pertence, mas que pode ser apropriado e utilizado para a resistência, ainda que a instituição não procure neles elementos de interesse de sua vida prévia, sobre a qual ainda reina uma incompreensão e um medo.

Segundo a análise de Castel (2012), tal governabilidade via produção de competências resulta do movimento datado da primeira metade século XIX, quando o liberalismo e a industrialização levantaram a preocupação da nova barbárie que surgia da incompreensão e julgamento de depravação perigosa às condutas do operariado, frustrando o otimismo liberal do século XVIII. Para lidar com as necessidades que a

industrialização se impunha, mas sem recorrer a obrigações estatais de sistemas de proteção, tais atos foram prescritos para serem feitos pelos patrões aos seus funcionários. Contudo, conforme os operários foram se apropriando das doutrinas socialistas e comunistas, passaram a reconhecer a situação de exploração na qual se encontravam e a reivindicar que tais relações tutelares forneciam proteções que ainda os deixava em uma condição inferior, dependente, e que se valia da moral (na medida em que uma obrigação legal de proteção não seria coerente com as pretensões liberais que vinham do período anterior) para controlar os perigos do acontecimento, concebido como depravação. Tal hierarquização moral servia à manutenção das posições sociais.

A partir desse recurso a Castel (2012), reconhecemos em Foucault (2003) a possibilidade de considerar a governabilidade desses sujeitos como não uma exclusão, mas uma fixação dos indivíduos a instituições que administrarão disciplinas. Por exemplo, as caixas econômicas, instituições citadas tanto por Castel (2012) quanto por Foucault (2003), serviu para desenvolver nos pobres sentimentos de previdência, na medida em que a imprevidência é causa de desgraças, com isso, mostrando-se capazes de combater a insegurança fundamental da condição salarial.

Portanto, enquadrando como vícios de indivíduos que não se dominam e se entregam a riscos antes da industrialização inexistentes, incita-os a investirem em si mesmos, economicamente, resultando em uma adequação ao atual neoliberalismo, na medida em que ameniza a miséria, mas mantém uso de valores que Castel qualifica como imposição de valores que não lhes pertencem.

Em Foucault, contudo, pode-se ver mais ênfase na relação arbitrária da relação entre discursos e sua origem. Portanto, ainda que tenham sido usados como restritores, puderam produzir a Orquestra Viver Bem, elemento que pode ser usado como luta pelos jovens, na medida em que não sejam meros multiplicadores, mas, como diz *Johann* (ENTREVISTA 14) “deixar nossa história aqui. Então essa é nossa contribuição”.

3.1 AS PRÁTICAS DOS JOVENS COMO MULTIPLICADORES OU COMO RESISTÊNCIA

Inicialmente, uma pergunta que orientou este estudo foi: “seria esse projeto uma forma de resistência ou de dominação?” A partir desse ponto, se defronta com a permanência dos jovens e um progressivo desenvolvimento da técnica. Pode-se pensar

que o recurso que os jovens fazem a esse discurso como ações de sujeitos livres, que cumprem contratos apenas na medida de seus interesses.

Na medida em que o fizer, há possibilidade de considerar, mesmo o acordo com os planos institucionais, como estratégia em resistência, e propor que haja momentos nos quais os jovens façam algo diferente. Mas estão sempre fazendo diferente.

Do ponto de vista dos jovens (pensando-os como sujeitos ativos) o que é o projeto da orquestra? Como, enquanto sujeitos de interesses, se valem do repertório de experiências que tiveram com a participação para produzir os enunciados gravados na entrevista? Nas entrevistas em grupo, a maioria se colocou como sujeito de uma atividade de ocupação do tempo, seja para como forma de não ficar na rua aprendendo o que não presta, de desenvolver e aprender coisas (*FLORA*, ENTREVISTA 17) ou para ajudar na carreira profissional, aprender a conviver, dar sentido de se “entusiasmar mais um pouco na vida” (*AMADEUS*, ENTREVISTA EM GRUPO COM OS ALUNOS DA TARDE), ou estar ocupado sem ter nada ruim que possa vir a acontecer, porque, sem o projeto “Eu estaria morto, por causa que seria muito entediante ficar em casa e por isso que eu gosto do curso, porque eu venho, me divirto e toco. E seria muito, muito, muito chato” (*CLAUDE*, ENTREVISTA 12).

Encontram-se, nos fragmentos dos discursos desses jovens, posicionamentos enquanto sujeitos de interesse: se vinculam ao projeto como ativos nas relações de poder, buscam estrategicamente produzir um resultado a partir disso que se pode considerar uma oportunidade, a partir de diversas perspectivas, como a da diretora do projeto (dado coletado em conversas informais), *Heitor* (ENTREVISTA 13), *Cynthia* (ENTREVISTA 8) e *Frédéric* (ENTREVISTA 4) citando o que sua mãe lhe teria dito.

As orquestras aristocráticas de séculos passados, formadas por dezenas de violinistas e outros instrumentistas, foram se tornando economicamente inviáveis e tornando-se raras conforme o avanço da sociedade industrial. Faziam parte da corte, eram de elite, tinham uma função conservadora.

Contudo, foram recuperadas pelas iniciativas sociais para ocupar essas crianças (e ainda propiciando torná-las capital humano). Se a Orquestra Viver Bem é viável, é porque esses jovens se inserem ativamente no projeto. A democratização da cultura pode ser entendida como um movimento que se deslocou de um instrumento de manutenção do poder da corte para posteriormente se encaixar na demanda de ocupar jovens (que sem essa iniciativa, estariam “nas ruas”, ameaçando a sociedade), lhes proporcionando algo que definem como oportunidade, aprender a se desenvolver e a

conviver. Portanto, resultado da disciplina, produzir condutas úteis conforme sejam dóceis.

Na medida em que os interesses são conduzidos, não a partir do sucesso de uma garantia à qual se faça recurso, mas em processos dinâmicos de redirecionamento via vigilância, trata-se de um mecanismo que neutraliza a possibilidade de resistência. A instituição, contudo, uma vez que é constantemente operada pelos sujeitos que a ela se ligam, pode se prestar a outros usos. Nesse sentido, cabe problematizar a noção de multiplicadores. Encontramos o a noção da ONG como formadora de “multiplicadores”, os quais são aptos a funcionar como:

[...] garantia importante da sustentabilidade do projeto, visto que, com a sede própria instalada e a comunidade apropriando o espaço, mesmo que os objetivos se alterem ou reorganizem, sempre haverá continuidade a ser dada pelos multiplicadores formados, [...] (PETTENGIL e SZTYBE, 2007, P. 12).

Tal concepção pode ser problematizada pela arqueogenealogia neste estudo empreendida, especificamente quando se opera com a resistência e a governamentalidade para Foucault. Antes de os sujeitos serem multiplicadores de um ideal consensual, o saber do serviço social e do projeto não são meramente reproduzidos pelos jovens, mas são elementos discursivos disponíveis a eles para uma série de práticas diferentes entre si e de seu passado.

Os conhecimentos científicos do serviço social são algo que a própria assistente social recorreu para produzir um texto disponível para a instituição fazer uso (não meramente obedecer e pôr em prática, em um movimento de cima para baixo). A partir da prática institucional, enfim, compreende-se que os jovens podem se servir da instituição para produzir certos efeitos. Com isso, podemos suspender a continuidade do ideal de mudança social e compreender como os jovens se utilizam desse discurso em uma estratégia.

Essa compreensão dos jovens como sujeitos de interesses, e não meramente subordinados pode ser observada pelos seus discursos sobre os instrumentos musicais. O violão aparece em enunciados nas entrevistas como ligado aos períodos iniciais de sua história na Instituição. Tal regularidade não pode ser considerada como determinada, sobretudo porque o acontecimento do violão se deu de forma muito variada em suas trajetórias. *Heitor* (ENTREVISTA 13) disse se identificar mais com o violão, bem como *Claude* (ENTREVISTA 12) falou que sente mais afinidade por ele, talvez porque toque o violoncelo a menos tempo. Contudo, há quem hoje afirme estar mais próxima do violino,

como *Renée* (ENTREVISTA 18), que inicialmente preferia o violão, mas hoje prefere o violino, ou *Anastasia* (ENTREVISTA 15) que disse conseguido ter mais paciência com o violino.

Anastasia (ENTREVISTA 15) enuncia que se sentiu mais interessada, inicialmente, pelas músicas conhecidas, que acha muito legal as músicas tradicionais da região (fazem parte do repertório músicas chamadas “sertanejo de raiz” e outras também muito populares como *Chalana* e *Mercedita*) e começou pelo violão. Mas justifica sua ida para o violino pela paciência que não conseguiu ter requisitada no estudo do violão. Portanto, trata-se de uma dinâmica, e não uma justa determinação descendente do serviço social, passando pela assistente, gestoras, professores, e alunos.

Seria interessante frisar que as críticas que se empreendem não são condenações à Instituição, seu saber, sua prática e sua efetividade, nem mesmo ao serviço social, posto que consideramos que esta é condição para a ampliação das políticas e usa seu saber nesse sentido (não um empecilho à livre atuação das ONGs, pois que estas nem seriam como são sem a contribuição da assistência social) e que aquela é um elemento para a mudança que se propõe, e inclusive pode rever suas práticas (como já o fez, como constantemente o faz), no sentido de incorporar contribuições para atingir os objetivos.

O que se coloca é que a relação que se dá pode ser considerada como uma relação de governo que se opera a partir das extremidades, e que as políticas que vem de cima para baixo não determinam a execução dos que a ela se vinculam, mas possibilita certas coisas e busca evitar outras, e que quem irá operar essas práticas são sujeitos, em sua atividade restrita, mas múltipla e capaz de produzir, se não mudanças essenciais, mudança na condição adquirida de essenciais de seu ser, em outras palavras, colocar as continuidades supostas à prova.

As críticas e genealogias amparadas no referencial foucaultiano consistem em restituir a força ativa aos sujeitos os quais:

[...] não devem encontrar em meus livros conselhos ou prescrições que lhes permitam saber ‘o que fazer’. Mas meu projeto é justamente fazer de tal modo que eles ‘não saibam mais o que fazer’: que os atos, os gestos, os discursos que até então lhes pareciam andar sozinhos tornem-se problemáticos. [...] Em nenhum caso se devem ouvir aqueles que dizem: ‘Não critiquem, vocês que não são capazes de fazer uma reforma.’ Estes são ditos de gabinetes ministeriais. A crítica não deve ser premissa de um raciocínio que se concluiria por: eis aqui, portanto, o que deveriam fazer. Ela deve ser um instrumento para aqueles que lutam, resistem e não querem mais as coisas como estão. Ela deve ser utilizada nos processos de conflitos, de enfrentamentos, de tentativas de recusa. Ela não tem de impor a lei à lei. Ela não é uma etapa de uma programação. Ela é um desafio em relação ao que é (FOUCAULT, 2006b, p. 348-349).

A possibilidade de contribuição desta investigação, tema que será abordado na devolutiva, pretende oferecer elementos para trabalhar sobre as problematizações concretas de sujeitos específicos com seus saberes locais. As problematizações são “identificadas por aquelas pessoas que se incomodaram com elas” (KISIL apud VICTÓRIO, 2006, p. 9). Essas pessoas estão em uma relação de luta com outras, no caso da localidade de nosso estudo, conflito que encontramos em Victório (2006, p. 18):

Fica claro que uma mudança de atitude é necessária para se alterar esta equação, pois, temos uma visão preconceituosa sobre ações empreendidas por personalidades artísticas, pelas primeiras-damas ou por senhoras da sociedade. O profissionalismo versus a filantropia é um jogo que nunca terá um vencedor.

Como disse Foucault (2010a, p. 107) em *A vontade de saber*, “E é certamente a codificação estratégica desses pontos de resistência que torna possível uma revolução”. Pensar as ONGs como um local de promotor da resistência implica em buscar leituras capazes de provocar transformação social, convém que pensemos em possibilidades menos fechadas e deterministas. Isso implica em considerar os sujeitos envolvidos não a partir de um discurso naturalizante e individualizante, mas considerando-os como sujeitos históricos, buscando condições de possibilidade para transgressões das normas que controlam suas condutas e cristalizam sua subjetivação.

Na prática, uma forma de se conseguir provocar esse movimento é recorrer menos a garantias, a fixações da instituição (por exemplo, problematizar a terminologia “multiplicadores”) e ouvir os jovens mesmo. Portanto, na devolutiva, trata-se de fornecer à instituição uma análise dos discursos e dispositivos que a atravessam, o resultado da genealogia das modificações de sua prática no período dos documentos apreciados. Abordar o movimento da governamentalização, no qual objetivos específicos, um conjunto de resultados em intervenções calculadas, são confrontados com a busca do bem comum.

O que oferecer para a instituição? Quais as condições de emergência desses moldes de orquestra para jovens situada como uma política social, voltada para pobres (democratização, sua localização na periferia, enfim). A preocupação do serviço social possibilitou a inscrição da orquestra, mas em que medida manter-se correndo atrás de metas ainda é questão? Como Foucault no fim de *A verdade e as formas jurídicas*, o diálogo com os sujeitos da instituição é de indispensável prosseguimento às conclusões. Tal etapa, por questões de mudança de cidade do pesquisador, ainda está por fazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começou-se a pesquisar uma instituição que se chamava Grupo de Incentivo à Cidadania e Qualidade de Vida – Viver Bem! e que hoje altera o nome (para Ponto de Cultura Viver Bem!), sem que possamos dar uma explicação dessa condição de mudança. Sem sequer poder dar-lhes um bom ou mau prognóstico. Mas pode-se considerar que tal mudança é inscrita numa estratégia.

Agora que a entidade está deixando o campo da assistência para entrar na dos pontos de cultura, o proporcionar oportunidades e divulgar a música entra onde? Como compromisso contingente com os professores de música para fortalecer seu saber? Até que ponto mantém-se o modelo de assistência paternalista e até que ponto há uma superação, e em que sentido? A partir de Osório, entendemos que não é necessário que um evento de superação tenha lugar para que haja uma mudança verificável nos discursos e práticas. A busca de revisões e participação nas discussões sociais é o que se encontra nas problematizações dos sujeitos envolvidos com os acontecimentos acerca da instituição.

Não se trata de um recurso a um dever ser, a um onde chegar ou a entender as ideologias que se cristalizam, mas justamente um movimento que é investigativo apenas na medida em que encara seus dilemas, seus acontecimentos mais que seus fatos. As questões e os problemas que são condição de possibilidade para as práticas, e não as condições materiais.

A pesquisa, conforme as mudanças nas respostas dos sujeitos envolvidos naquilo que recentemente poderíamos chamar área do social ou então da área do terceiro setor (não que sejam a mesma coisa, mas que são questões que atravessam o campo deste estudo), está desatualizada com a recente entrada na política dos Pontos de Cultura (do Ministério da Cultura) e não se esperava ao fim desses dois anos que estivesse falando de uma instituição que não muda. É um campo produtivo, dinâmico, que realiza mudanças positivas na articulação dos enunciados, ainda que as possibilidades de enunciação estejam sempre de acordo com um campo de imanência, previstas pelas regularidades.

A instituição mudou de nome, da prática que foi nomeada como filantropia, para uma vinculação com o Programa Mais Cultura. Negocia com exigências. Os sujeitos se moldam, na medida em que não são constituídos, mas constituintes; não são dados, mas são livres. Além da contraposição ao assistencialismo, temos o campo do neoliberalismo como leitura possível, que podemos fazer para repensar a liberdade e cidadania que se

faz. Justamente, oferecemos como instrumento, pensar não as relações humanas como harmonizáveis, mas justamente que podem ser vistas como relações de luta. Não partir do princípio que haja uma convivência pacífica: uma coincidência na disposição de corpos como resultado de uma convergência de interesses. Mas, justamente, que a convivência é condicionada a tensões, e que as tensões existem mesmo dentro de um grupo que pretende ter objetivos em comum. Propor que algumas coisas não se encaixam naturalmente é apontar para as resistências como espaços da diferença, dos conflitos que produzem desestabilizações, onde os sujeitos possam deixar suas marcas sem necessariamente serem apenas multiplicadores.

É muito fácil criticar o Estado, o governo, ou mesmo o terceiro setor em geral, ou as mazelas de um estado provinciano dominado pelo paternalismo (Mato Grosso do Sul). Essas máquinas sem rosto, sobre as quais fazer crítica é algo de tão recorrente que as produções discursivas chegam a ser previsíveis. Mas, ao se confrontar com uma instituição específica, de pessoas que fazem um trabalho que consideram e que lutam para que seja diferencial, que atrai olhares admirados tanto das gestoras como do público nas apresentações de fim de semestre, a problematização que nos leva a criticar um trabalho como esse como cumprindo uma função de tolher resistências e produzir domesticação de corpos, tal problematização produz uma inquietação que se deve dar atenção quando o autor da dissertação, lá no começo (no segundo parágrafo do primeiro capítulo), apresentou-se como um membro daquela platéia que aplaudiu a iniciativa e a performance da orquestra de jovens. Seria, aí que a problematização leva, o fim de um encanto a ser difundida na devolutiva à instituição?

Ou talvez seja mais interessante apontar certos discursos que se produzem sobre instituições, que conduzem reformas recorrentes ou constantes, sem nunca chegar a um modelo adequado. Disso se resulta uma condição a partir da qual não se pôde com esta pesquisa apontar uma saída definitiva. Contudo, apresentar esses discursos, apesar de insucessos e frustrações que se podem chegar, permite vislumbrar muita coisa que se produziu de interessante, como a Orquestra Viver Bem, surpreendente deslocamento resultado de um jogo de forças, sem nunca poder dizer do presente que se chegou a um modelo adequado definitivo, em respeito, inclusive, ao novo, ao que até então foi silenciado, domesticado. Soa como uma esperança, mas uma esperança não teleológica: uma postura de recepção ao devir, nem que seja para, dentro de bem pouco tempo, estabelecer novas relações de governo com os novos elementos presentes nos saberes – posto que o mesmo nunca retorna.

Desperta surpresa que eles tenham um desempenho técnico superior a jovens de classe média que também estudem os instrumentos. O interesse e a disposição para os estudos, se não maior, se dão de forma diferente: valoriza-se, pois se configura como uma oportunidade preciosa. Os vários momentos que se utilizou a palavra “precioso(a)” neste texto podem ser considerados como “acontecimento” em contraponto à relação entre “fato” e “preciso”.

A instituição faz interessante manejo dessa potencialidade, mas talvez seja interessante apontar problematizações como as que Castel apresenta, de outras épocas, quanto ao caráter voluntário do oferecimento dessas oportunidades. Ele não usa esse termo, que talvez seja concernente a uma prática que incorpora novas potencialidades, mas ele apresenta que, em certos contextos, o oferecimento dessas atividades como voluntárias não dá garantias, de forma que os deixa vulneráveis, de forma que a condição de vulnerabilidade não é satisfatoriamente modificada, e ainda muito condicionada a um voluntarismo que pode cessar a qualquer momento. Trata-se para aplacar esse iminente risco, o cálculo do serviço social de dispor de condições de construir uma instituição que não dependa da boa vontade dos voluntários das classes abastadas. Contudo, ao estabelecer metas, os saberes chegam a uma ingenuidade de supor continuidades, mas que podem ser refutadas, na medida em que confrontadas com enunciados que foram marginalizados pelas formações discursivas, mas que desses enunciados que se pode problematizar as instituições.

O problema é saber se podemos, dentro do regime atual, transformar em níveis microscópicos – na escola, na família – as relações de poder de tal maneira que, quando houver uma revolução político-econômica, não encontremos, depois, as mesmas relações de poder que encontramos agora (FOUCAULT, 2003, p. 154-155).

Saber das gestoras como algo que não deve ser menosprezado, e que não se considera que só se insiram na estratégia de evitar a marginalização sem permitir questionar o Poder opressor. Essa questão atual (mas que já se formulara no século XIX) gera revisões dos formatos institucionais de projetos do chamado terceiro setor. Chamar a atenção para os saberes das gestoras implica em não menosprezar suas atuações enquanto sujeitos.

Na medida em que as inserções propõem revisões que governamentalizam a prática institucional, recorrer ao status de Ponto de Cultura e recusa do termo ONG

pode servir para afastar-se da tentativa do saber do serviço social e do movimento do Estado de condicionar o financiamento a revisões que deem estabilidade e garantias à instituição, produzindo uma busca por uma cidadania, se não sem humanismo, com um humanismo esquadrihado. Não o fim dos termos humanistas, mas dando-lhes curso em uma estratégia de obter vitória sobre as resistências.

REFERÊNCIAS

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. 10. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FOLDER DO ESPETÁCULO DE FINAL DE ANO DO PONTO DE CULTURA VIVER BEM! Ponte para a imaginação. Campo Grande, 12 de novembro de 2012.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2006a.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. 3. ed. Rio de Janeiro: NAU, 2003.

_____. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo : Martins Fontes, 2005.

_____. *Ditos e escritos VI: Estratégia, poder-saber*. [Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro; org. e sel. de textos: Manoel Barros da Motta] – 2. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 20. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2010a.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *O Governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)* / Michel Foucault; tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

_____. *O nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. *O sujeito e o poder*. In: Rabinow & Dreyfus. *Foucault uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1995.

_____. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*/ Michel Foucault ; edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de Francois Ewald e Alessandro Fontana; tradução Eduardo Brandão; revisão da tradução Claudia Berliner. – São Paulo : Martins Fontes, 2008b.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 38 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010c.

GUARESCHI, N. F. (org) et. al. *Foucault e a Psicologia*. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém* [tradução e notas explicativas da simbólica nietzscheana de Mário Ferreira dos Santos. 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das letras, 1887/2009.

OSÓRIO, Antônio Carlos do Nascimento (org.). *Políticas e Desafios na Educação para os Trabalhadores Empregados e Desempregados*. Intermeio, Campo Grande, v. 7, n. 14

(2011). Disponível em: <
<http://www.intermeio.ufms.br/ojs/index.php/intermeio/article/view/218>> Acesso em:
27/06/2013.

PETTENGIL, Cristina Siliano; SZTYBE, Ines Aparecida do Nascimento. O grupo de incentivo à cidadania e qualidade de vida –Viver Bem!: um projeto de mobilização social por meio da dança. São Paulo/ Campo Grande: 2007 (mimeo).

SPINK, Mary Jane; FIGUEIREDO, Pedro; BRASILINO, Jullyane. Psicologia social e personalidade. Rio de Janeiro: Centro Eldstein de Pesquisas Sociais, 2011.

VICTÓRIO, Edna Maria Almeida. Filantropia: um caminho possível para a cidadania. Campo Grande: 2006 (mimeo).

WASELFISZ, J. J; Mapa da Violência 2011: os jovens no Brasil/Julio Jacobo Waiselfisa.-São Paulo: Instituto Sangari; Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2011.

ANEXOS

2012

Relatório:

Transcrição das Entrevistas

Grupo Viver Bem – Campo Grande/MS



Arthur Galvão Serra

Mestrando em Psicologia - UFMS

21/12/2012

Sumário

Sumário	48
1ª Entrevista - <i>Clarice</i>	50
2ª Entrevista – <i>Irene</i>	55
3ª Entrevista – <i>Tábata</i>	57
4ª Entrevista – <i>Frédéric</i>	60
5ª Entrevista – <i>Franz</i>	66
6ª Entrevista – <i>Ophélie</i>	69
7ª Entrevista – <i>Roxanne</i>	74
8ª Entrevista – <i>Cynthia</i>	78
9ª Entrevista – <i>Galatea</i>	81
10ª Entrevista – <i>Dietrich</i>	87
11ª Entrevista – <i>Umma</i>	92
12ª Entrevista – <i>Claude</i>	95
13ª Entrevista – <i>Heitor</i>	98
14ª Entrevista – <i>Johann</i>	101
15ª Entrevista – <i>Anastasia</i>	104
16ª Entrevista – <i>Nicoló</i>	108
17ª Entrevista – <i>Flora</i>	114
18ª Entrevista – <i>Renée</i>	116
19ª Entrevista – <i>Helen</i>	122
20ª Entrevista – <i>Audrey</i>	125
Entrevista com os alunos da manhã.....	129
Entrevista com os alunos da tarde	135

1ª Entrevista - Clarice

Arthur explica A Entrevista é orientada por palavras chave. Eu vou falar algumas palavras e vou pedir para você falar alguma coisa para cada palavra que eu falar.

Início

Arthur **Orquestra.**

Clarice Legal, tudo de bom, eu gosto muito.

Arthur Pode falar bastante, não precisa ser curta, mas se você não tiver mais nada para falar, tudo bem.

Clarice Eu não tenho mais nada para falar.

Arthur Não? Então corta. **Grupo viver bem.**

Clarice Bom, eu gosto... bastante, é muito legal, me ensina muitas coisas, gosto muito também de fazer violino.

Arthur **Família.**

Clarice Legais. É..., Interessante também. É..., amigos...

Arthur Verdade. Como assim, amigos?

Clarice Ah, toda hora eles estão perto.

Arthur Sua família é ... como os seus amigos?

Clarice É.

Arthur Ahh!... **Perspectiva de vida.**

Clarice Não entendi... (?!)

Arthur O que que você quer para sua vida. O que você acha que vai ser da sua vida...

Clarice Eu quero ser violinista! É, eu quero ser violinista... Se não der, eu quero ser médica! Ah, eu vou ver se dá para mim estudar, né? É.

Arthur Como assim, vai ver se se dá para estudar?

Clarice É que eu espero muito ser um desses dois, que foi o meu sonho.

Arthur Entendi. É... **Instrumento.**

Clarice Violino.

(risos)

Arthur Pode falar mais sobre o violino.

- Clarice Violino: eu gosto muito de tocar, é uma inspiração, é um passar do tempo, uhn... Só isso... (sussurros)
- Arthur* ???
- Clarice Nada não.
- Arthur* **Contribuição.**
- Clarice Contri..???
- Arthur* O que que ajuda? Contribui. Permite que você melhore...
- Clarice Aqui?
- Arthur* É, ou alguém que contribui com você, ou você contribuindo com alguém.
- Clarice Este projeto me ensinou muitas coisas, não é só aqui também, é que eu aprendi a respeitar as pessoas, meus professores, as fami..., as pessoas da família, ...
- Arthur* Ah é?
- Clarice Uhum...
- Arthur* Você aprendeu a respeitar os professores?
- Clarice Aham!
- Arthur* Quais professores?
- Clarice Na escola, daqui também.
- Arthur* Como que aqui te ajudou a respeitar os professores? De que forma?
- Clarice Deixa eu pensar...
- Arthur* É que é assim... você está aqui e aqui te ajudou a respeitar os professores... Você não respeitava muito os professores?
- Clarice Ah, respeitava, mas (pausa)
- Arthur* ... respeitar ainda mais...
- Clarice Aham. Tirar notas boas.
- Arthur* Ah sim, valorizar, você quer dizer?
- Clarice É.
- Arthur* Entendi. Não tem resposta errada, tá? Eu não estou te avaliando. Falando quais estão certas, quais estão erradas. Só estou incentivando para você falar mais. Se você fala dos professores, "aqui me fez respeitar melhor os professores", eu vou

querer saber um pouco mais... Só isso tá?

Clarice Aham. Tá. Aham.

Arthur Você tem mais alguma coisa para falar sobre isso?

Clarice Não!

Arthur Tá bom, obrigado.

Arthur **Importância.**

Clarice Importância, respeito, dignidade, é... estudo, futuro.

Arthur Estudo e futuro é importante.

Clarice É.

Arthur Você sempre achou isso?

Clarice Aham.

Arthur Alguém reforçou você a achar que o estudo é importante, que o futuro é importante?

Clarice Não. As vezes minha mãe fala isso para mim, meus professores mesmo. Aí eu vi que eu tenho que estudar, para ter o que eu quero.

Arthur Ah, então é importante você ter o que você quer... Você falou: é importante para ter o que eu quero.

Clarice Um futuro melhor.

Arthur O que mais que você quer além de um futuro melhor?

Clarice (pausa) Ter minha própria casa. Uhm, eu acho que só.

Arthur Tudo bem. **Medo.**

Clarice Perder amigos, minha família. É meu maior medo, perder pessoas que eu amo.

Arthur **Possibilidade.**

Clarice Que é isso?

Arthur Coisa que é possível. Que permite, que abre portas.

Clarice Violino!

Arthur Violino abre portas? Como que o violino abre portas para você?

- Clarice Aham. É assim, eu já comecei a viajar...
- Arthur* Que legal.
- Clarice Isso me...me... eu comecei a gostar bastante. Eu aprendi que agente não pode largar as coisas assim de uma hora para outra. E isso é muito bom.
- Arthur* Você aprendeu que não pode largar as coisas de uma hora para outra?
- Clarice É.
- Arthur* Você largava de vez em quando algumas coisas de uma hora para outra?
- Clarice As vezes.
- Arthur* É. Daí o violino te ensinou a não largar.
- Clarice É
- Arthur* De que forma?
- Clarice Aiii.
- Arthur* Estou perguntando porque eu quero saber. Não é porque você tem que saber dizer!
- Clarice Ah, eu não sei.
- Arthur* Deixa eu tentar perguntar de outro jeito. O violino te ajuda como. De uma forma direta ou seria mais indireta?
- Clarice Direta.
- Arthur* Direta. Como que seria? Depois que entrou o violino na sua vida, o que aconteceu?...
- Clarice Ah, eu... ficou mais legal. Eu comecei a gostar mais de estudar, das coisas, eu sempre gostei, mas tive mais vontade.
- Arthur* Mas como, alguém aqui te incentiva?
- Clarice Os professores.
- Arthur* O que que você pensa, assim para você querer estudar?
- Clarice Prá mim ter um futuro.
- Arthur* É? As coisas que os professores dizem?
- Clarice Uhum...
- Arthur* O que que eles dizem?

Clarice Eles falam que agente tem que estudar para agente ter o que que agente quer. para agente ter notas boas, respeitar os professores. Eles incentivam bastante.

Arthur O que mais que poderíamos falar? Já acabaram as palavras...

Clarice Ah, deixa eu pensar. (pausa). Não tá vindo nada.

Arthur Não tem problema então.

2ª Entrevista – Irene

Arthur explica Bem, agora vamos começar a entrevista. É... A entrevista não vai ser em forma de perguntas, vai ser por palavras chaves: eu vou falar uma palavra e você fala sobre essa palavra. Vamos começar.

Início

Arthur Família.

Irene Família pra mim é que a gente se reunir fica todo mundo junto e tudo que a gente faz tem sempre família. Só isso.

Arthur Como assim?

Irene É família pra mim é tipo a gente se reunir nos almoços, com a família toda ... e não sei o que mais.

Arthur E orquestra.

Irene Orquestra... É onde se juntam os músicos pra apresentar alguma coisa, algumas músicas que a gente aprende durante o período.

Arthur Perspectiva de vida.

Irene Isso pra mim... perspectiva de vida é ... é eu me formar, né e ter uma casa pra mim e me casar

Arthur Instrumento.

Irene O instrumento que eu gosto de tocar é o violino e um violão que eu tenho.

Arthur Contribuição.

Irene É a gente quando contribui com alguma coisa, né?

Arthur Ou alguém contribuindo com vocês.

Irene Contribuição é quando a gente faz algum trabalho em grupo, contribui com alguma coisa e faz também alguma coisa... sei lá.

Arthur Importância.

Irene Alguma coisa importante pra gente, e também é algo de valor, só.

Arthur Mas, em relação a orquestra, ao projeto, que importância tem pra você?

Irene Eu tô aqui pra aprender o básico né, e depois eu vou aprender umas músicas da minha igreja e tocar na igreja. Essa é a importância.

Arthur Medo.

Irene ...da morte (risos), só, eu acho.

Arthur Possibilidade.

Irene Não sei... Não sei de possibilidades... Para mim possibilidade é... Viajar pra longe, sozinha (risos), que minha mãe eu acho que nunca deixa... É só isso.

Arthur É só isso.

3ª Entrevista – Tábata

Arthur explica A entrevista vai ser assim eu vou fazer a entrevista não em perguntas mas vou fazer em palavras chaves, como assim: eu não vou fazer uma pergunta e você vai me responder, eu vou falar uma palavra e ai você fala sobre essa palavra.

Início

Arthur Bom, vamos começar então. Orquestra

Tábata Orquestra... Orquestra é... É um lugar que, toca instrumentos, que é um conjunto que tem todos, quase todos os tipos de instrumentos que a gente toca, isso que eu sei que é orquestra.

Arthur Mas, assim, o que você faz na orquestra que você participa?

Tábata Na orquestra eu toco violino.

Arthur Eu vou falar outra palavra, tá? Grupo Viver Bem.

Tábata O grupo Viver Bem é... tem... O Viver Bem é um lugar que dá, assim, um ... aula pra incentivar as crianças a ter um futuro melhor . É, o Viver Bem tem aula de violino, aulas de informática, tem aula de ballet, tem... Vai ter aula de português, e é muito importante para as crianças, porque vai incentivar elas a ter um futuro. É tudo que eu sei do Viver Bem.

Arthur É... Família.

Tábata Família é um, família é um, é um, é umas pessoas que cuidam das crianças pra falar que não pode fazer coisa errada, ensinar o que é certo e o que é errado. Família também é incentivar as crianças. Família é cuidar, é dar carinho, família é dar amor, família é dar... Dar, dar educação. Isso que eu sei que é família.

Arthur E a sua família te ajuda nessas coisas que são importantes?

Tábata Sim.

Arthur Ela ajuda aqui na orquestra, no violino?

Tábata Ajuda.

Arthur É? E como você acha que eles te ajudam?

Tábata Ela assim, me ajuda a... Como que eu vou dizer, ela me traz pra cá, ela me ajuda aqui no violino, porque tem tantas crianças que levam os violinos pra casa e não estuda e a minha avó ela fala “Tábata, se ajuda e violino é uma coisa que vai te ajudar e que pode te dar uma carreira de violinista que o ballet também pode te ajudar se você quiser ser uma bailarina profissional quando você crescer” e ela também me ajuda aqui no Viver Bem, quando eles estão precisando ela ajuda também, quando tem alguma apresentação ela ajuda, é isso que eu sei sobre...

- Arthur* Legal. É... Perspectiva de vida. O que é que você quer fazer, o que é que você se vê fazendo?
- Tábata* Quando eu crescer?
- Arthur* É.
- Tábata* Quando crescer eu quero ser cirurgiã plástica.
- Arthur* É? Por quê?
- Tábata* A... Não sei. Só que eu acho que, é legal, porque, eu acho que também ajuda as pessoas e eu acho muito interessante pessoas que são cirurgiãs plásticas. Eu acompanho muito as pessoas que são, assim, cirurgiã plásticas.
- Arthur* A é? Como? Você conhece, pela TV?
- Tábata* Então, porque eu só sei o nome das pessoas que eu não gravo, só que eu acompanho assim no jornal quando passa elas, eu gosto muito das pessoas que são cirurgiã plástica.
- Arthur* Tá bom. É... Instrumento.
- Tábata* Instrumentos são, tipo violino, violoncelo... E a flauta, tudo que toca é um instrumento. É... \o violão, tudo que toca, tudo que a gente escuta é um instrumento.
- Arthur* Entendi. Contribuição.
- Tábata* Como assim?
- Arthur* Como que você ajuda alguém ou alguém te ajuda? Aqui, a respeito do Viver Bem, do violino, do *ballet*...
- Tábata* Bem, eles me ajudam por que, me ajudam a seguir em frente, no futuro, e eu ajudo por causa que estou fazendo a participação, porque não tem como existir um lugar se não tem pessoas.
- Arthur* É verdade.
- Tábata* Então, eles me ajudam e eu ajudo eles. E todos nós ajudamos também.
- Arthur* Legal. É... Importância.
- Tábata* Importância... Importância é... É assim, é a gente gostar de uma coisa e praticar. É... Eu não vou pegar o violino e deixar ele guardado, é uma importância você pegar o violino e aprender, passar os passos do ballet mesmo em casa, é importância, é importante eu vir pra cá, vir pra aula, e importante eu ter compromisso e se eu fiz uma coisa e não posso deixar de fazer, isso que é importância.

- Arthur* E você gosta dos exercícios ou eles são um pouco chatos?
- Tábata* Tem uns exercícios de *ballet* e de violino que são meio, não chatos, mas são difíceis, e você, a pessoa quando não consegue fica brava, entendeu..., aí a gente acha que é chato mas não é, é porque não consegue, mas tem coisas também que a gente gosta que é legal e a gente pede para fazer também.
- Arthur* Legal. Medo.
- Tábata* Medo? Medo de... Medo é ... Medo é tipo, ter vergonha, muitas pessoas acham que vergonha é medo, por que tem muitas pessoas na minha sala de *ballet* e em todo lugar que assim, tem medo dos professores, que tem medo de faltar muito, e de vir aqui, mas isso não é medo, é vergonha. E tem muita gente que pode ter medo e também podem ser traumatizadas se aconteceu alguma coisa, porque se afogou, porque meu primo tem medo de água, quando ele vai pra perto da piscina ele tem medo, porque a correnteza levou um dia ele, ai a pessoa pode ter medo e “traumatismo” também por causa que, se aconteceu alguma coisa, a criança fica com medo, porque a criança é sensível.
- Arthur* Possibilidade.
- Tábata* Possibilidade... eu não tenho muita coisa pra falar de possibilidade não. Mas assim, possibilidade é a gente fazer ou tentar fazer, se você consegue, se você não consegue, se você quiser fazer alguma coisa e já tiver noite assim, com sono, e a pessoa pergunta se tem possibilidade de continuar com isso aqui ainda. Ham... Possibilidade é isso. Tentar fazer é isso que é possibilidade. É isso.
- Arthur* Você tem mais alguma coisa que quer falar sobre esse assunto?
- Tábata* Não.
- Arthur* Não? Então eu vou terminar a gravação.

4ª Entrevista – Frédéric

Arthur explica Assim, eu vou fazer uma série de falas que não são perguntas, eu vou falar uma palavra e você fala sobre essa palavra.

Início

Frédéric Sobre?

Arthur É. Não vou fazer pergunta, eu até posso fazer pergunta mas vou primeiro falar a palavra. Tá certo?

Frédéric Tá...

Arthur Orquestra.

Frédéric Orquestra é composta assim, de vários grupos, pode ser orquestra tocata, que pode ter violão assim, qualquer tipo de coisa. Eu toco mais violino, meu irmão toca violão, né. É... É... Orquestra, não sei o que falar assim, é...

Arthur Você não precisa explicar a orquestra, pode falar como é essa orquestra aqui.

Frédéric Como é? É até legal participar de uma orquestra assim, quando a gente vai apresentar, toca todo junto, assim participa assim, é... Faz as partes que tem que tocar, as que não pode tocar, os tempos tudo... Aprende isso tudo na orquestra.

Arthur Grupo Viver bem.

Frédéric Aqui a gente aprende muitas coisas assim, de instrumentos, que a gente tem que, aprende a tocar violão, violino, violoncelo, contra-baixo, muita coisa assim, é, eu já falei, eu toco violino né, é... não sei o que mais. É até legal tocar violino

Arthur Você já imaginava tocar violino?

Frédéric Não.

Arthur Não?

Frédéric Minha mãe que achou esse cursinho, assim né, ai ela mostrou pra mim, e eu comecei a me inscrever, é legal até.

Arthur Legal, ela encontrou pelo seu irmão? Ou ela encontrou antes?

Frédéric Não, na verdade ela encontrou e já me colocou no curso, né, ai depois veio meu irmão.

Arthur Ah sim...Entendi.

- Frédéric Eu comecei tocando violino, ai ensinei um pouquinho pro meu irmão, dai ele já aprendeu um pouco, dai agora ele tá tocando violão, e depois ele começou a tocar violoncelo, contra-baixo, igual o amigo dele, o *Heitor*.
- Arthur* Entendi. Tá. Família.
- Frédéric A família... Minha mãe incentiva bastante, assim o estudo do violino, sempre ela fala pra mim treinar uma hora, e depois, tá liberado assim, eu sempre treino com meu irmão, ele, ele toca no violão acompanhando comigo e eu toco no violino. Sempre as músicas que o professor fala pra treinar assim, uma música antiga também, ele só me ensina música...
- Arthur* Como assim música antiga? Vocês já aprenderam essa?
- Frédéric É ó... Ai a gente vai treinando assim, até pegar assim, decorado mesmo. Daí ele vai pegando assim, me ensinando bastante e até pega umas músicas assim, que não tem assim, e coloca tudo pra violino, e me ensina as músicas lá, ai eu mostro pro professor ...
- Arthur* Legal. Então seu irmão ajuda?
- Frédéric É.
- Arthur* Legal, e você sempre treina antes?
- Frédéric Sempre.
- Arthur* Quase todo dia?
- Frédéric Ham?
- Arthur* Quase todo dia?
- Frédéric Quase todo dia sim, tem uns dias que ele sai e eu fico treinando sozinho, mas quase todo dia a gente treina junto.
- Arthur* Perspectiva de vida.
- Frédéric Perspectiva? Como assim perspectiva?
- Arthur* É... O que você imagina pra sua vida, que que você vê disso aqui contribuindo pra sua vida, o que que você quer fazer...
- Frédéric É que eu treinando violino assim, daí no futuro eu posso usar essa profissão pra arranjar alguma coisa assim que eu preciso. É tipo assim... Se no meu futuro eu tiver tipo desempregado eu posso arrumar uma escola de violino e ensinar outras crianças e ganhar um pouco de dinheiro né? Ou às vezes eu posso ensinar pra elas sair da miséria também né? As outras crianças.
- Arthur* Legal.

- Frédéric Isso que minha mãe falou também. Que tem que aprender, ela falou que não teve muita oportunidade, que eu tenho que aproveitar também.
- Arthur* Aham... Instrumento.
- Frédéric Instrumento... É... Deixa eu ver... Instrumento ... É legal tocar um instrumento assim, é... Meu instrumento é o violino, de novo. Sempre que o professor vê assim que eu tô assim, querendo aprender o violino, e eu sempre tô, né? (risos) Ele vai lá né e começa passar umas músicas, ele vê se eu tô bom nelas né, e vô pegando até decorar, e quando eu decoro, uma vez eu fui até pra aula dos avançados, assim, só que tô voltando aqui, só fui uma aula lá, dai né, é... o professor ensinou umas musicas novas assim, né, Yesterday também, meu irmão sempre treina comigo, e dai meu irmão começou a explicar pra mim a questão do si bemol e fá sustenido e tudo só que eu não consigo pegar todos os acordes assim, né, eu tenho mais dificuldade. Daí né, ele fica me ensinando, daí eu aprendo. Eu sei tocar violão também, um pouquinho só, e eu também quero aprender a tocar violoncelo.
- Arthur* Contribuição.
- Frédéric Contribuição... É... Não sei dizer assim, contribuição é? Contribuir, como assim?
- Arthur* Contribuir... Aqui contribui com você, você contribui com alguém...
- Frédéric Ah... É... Sempre assim, quando... Assim quando minha mãe fala alguma coisa, ela fala alguma coisa pra mim trabalhar assim, questão de casa, daí né, tipo ajudar, né.
- Arthur* Você diz em casa mesmo?
- Frédéric Aham.
- Arthur* Lavar louças, essas coisas?
- Frédéric Essas coisas sim. Aqui eu também contribuo assim, sempre eu posso guardar estante, arrumar folha, essas coisas assim né. Sempre quando entra uma pessoa nova, não, não sempre, o professor pede pra mim tocar umas músicas que eu já sei, que ele tá ensinando lá né, já aconteceu isso, faz tempo assim, quando chegou uma turma nova ele falou pra mim tocar “Brilha, brilha estrelinha”, daí eu toquei né, daí eles viram o ritmo e começaram a pegar a música daí eu fiquei naquela turma um pouco depois já fui passando, tô nessa agora.
- Arthur* Então você contribuiu naquela vez.
- Frédéric Aham.
- Arthur* Legal. Importância.

- Frédéric É... Importância? ... Uma coisa importante pra mim... eu acho importante assim, eu gosto de tocar violino, eu acho importante treinar bastante, pra mim ir evoluindo assim, e talvez no futuro ser assim, um, como se diz? Tipo, alguém que toca muito bem no violino,
- Arthur* Virtuoso?
- Frédéric É, tipo assim.
- Arthur* Profissional?
- Frédéric É! Profissional. Posso ser profissional, igual o professor J., e ficar tocando um monte de instrumentos, igual o professor R. também, é isso.
- Arthur* É... eu falei o que agora? Contribuição?
- Frédéric É, contribuição.
- Arthur* Importância.
- Frédéric Não, não, você tinha falado importância mesmo.
- Arthur* Tá, então medo.
- Frédéric Medo? É... medo, qualquer medo assim, pode falar? Tenho medo do escuro.
- Arthur* Ah é?
- Frédéric É. Mas as vezes assim, quando acaba a luz, assim essas coisa né, e não tem vela, eu pego um celular assim, e fico iluminando as coisas assim. Quase sempre acontece quando eu tô treinando. Quase sempre né?
- Arthur* Ah é?
- Frédéric Aham.
- Arthur* Acaba a luz quando você tá treinando?
- Frédéric Quando eu tô numa música bem difícil assim, não consigo decorar, aí acaba a luz.
- Arthur* (risos)
- Frédéric Sempre... Daí né, eu tento pegar o celular só que minha mãe fala “para com isso Frédéric, você tá forçando tua vista né”, aí eu paro né, daí só...
- Arthur* Para o que? De tocar?
- Frédéric Aham, de treinar. Daí quando chega a luz...
- Arthur* E se você sabe de cor?

- Frédéric As músicas que eu sei de cor?
- Arthur Ainda assim é difícil de tocar. Não dá pra ver né.
- Frédéric É mas, eu consigo tocar assim sem olhar mesmo. Só que minha mãe não deixa eu tocar quando tá muito escuro.
- Arthur Entendi.
- Frédéric É... Daí, as vezes... Mais um medo assim ... É ficar sozinho em casa. Mas aí sempre que eu fico sozinho assim tento tocar violino, assim, aí escuto um eco, fico dando assim medo né, aí eu começo a tocar umas músicas com ritmo rápido daí passa.
- Arthur Ah é?
- Frédéric Aham, assim tipo (cantarola). Aí fica passando, até minha mãe chegar em casa.
- Arthur Legal. Tá, vou falar a palavra: possibilidade.
- Frédéric Possibilidade? É... como assim?
- Arthur O que que é possível...
- Frédéric Ah, o que que é possível? É...
- Arthur O que é que aqui, a orquestra faz ser possível.
- Frédéric Ah, é, pode, é possível apresentar-se, né, é possível, meu irmão já foi lá pra Três Lagoas, assim, eu acho que, qualquer dia eu posso ir, isso se eu me esforçar bastante, é possível, isso.
- Arthur Seu irmão é esforçado?
- Frédéric Aham, é, ele toca bastantes instrumentos, que eu nem... Eu até esqueço.
- Arthur É? (risos).
- Frédéric É possível tocar esses instrumentos também às vezes. Como eu já disse eu tô começando violão e eu vou pro violoncelo e vô indo assim, até tocar todos. Desde criança eu sempre quis tocar piano.
- Arthur Ah é?
- Frédéric Aham.
- Arthur Legal.
- Frédéric Daí eu não sei se aqui tem aula de piano assim né,
- Arthur Não, não tem.

Frédéric É, dai eu vou procurando assim, até achar.

Arthur Aham.

Frédéric Possível.

(risos)

Arthur Só isso?

Frédéric Aham.

5ª Entrevista – Franz

Arthur explica Bem, a entrevista vai ser assim: eu vou falar palavras, eu até vou fazer perguntas depois, mas ela não vai ser orientada por elas, e é, eu vou pedir que você fale sobre essas palavras pra você. Tá certo?

Início

Arthur Família.

Franz Tudo. Acho que, ah, não sei, acho que tipo, é meu alicerce entendeu? Acho que é isso.

Arthur Orquestra.

Franz Ah, orquestra ... ah, é um, estímulo sabe. Tipo, acho que é ... superação eu acho, eu nunca fui chegado a música, acho que é isso.

Arthur Como assim?

Franz Ah... não sei tipo, nunca, nunca gostei de música, nunca quis aprender e aí ano passado que eu comecei só, então tipo, acho que eu tô me conhecendo aos poucos, entendeu? Acho que vai disso.

Arthur Mas o que é que aconteceu na sua vida até aqui, assim que você...

Franz Ah nada... tipo, eu nada, eu quis aprender, nunca tive vontade de tocar violino, não, nunca conheci ninguém que toca violino, aí do nada, eu conheci aqui tipo, e vim fazer, que aqui, acho que se tornou parte da minha vida já, a música,

Arthur E é uma superação também?

Franz Acho que é, tipo, vô me conhecendo aos poucos.

Arthur Entendi. Mas, eu que sentindo superação, em que sentido se conhecendo aos poucos?

Franz Ah, porque tipo, não sei, eu nunca, nunca gostei de música, como eu falei e tipo, acho que tá aqui sabe, tipo, já vai, e eu tipo, vou me conhecendo porque, tipo, eu nunca quis aprender e aí depois que eu fui descobrir, sabe, que é legal, e que vai de circunstância, entendeu?

Arthur Aham.

Franz E acho que é isso.

Arthur Perspectiva de vida.

Franz Aí eu não sei... Não sei dizer ... Não sei dizer.

Arthur Aham. Instrumento.

- Franz Instrumento... Acho que, tipo, violino, entendeu? Acho que vai chegar um negocio, e eu vou conseguir, tipo, me enturmar mais, entendeu? Porque, tipo, eu sou meio tímido, meio nervoso ...
- Arthur* Aham...
- Franz E eu acho que... novas amizades, entendeu?
- Arthur* Aham.
- Franz Acho é isso, sabe.
- Arthur* Contribuição.
- Franz Eu que acho que tipo, que é essencial, não, não participo muito, mas quando posso eu me dou o máximo, entendeu? Acho que, acho que é o necessário, que é o que o que o povo precisa.
- Arthur* Você se dá o máximo onde? Em que tipo de situação?
- Franz Ah, as vezes, tipo, na Igreja a gente arrecada sabe, e aí a gente distribui, e aí tipo, eu me dou o máximo, entendeu?
- Arthur* Entendi.
- Franz Me esforço o máximo.
- Arthur* Mas e aqui?
- Franz Aqui eu nunca, nunca, ajudei nada, mas tipo, mas acho que a contribuição também vai de si, entendeu? Tipo, acho que isso só.
- Arthur* E como que aqui te contribui de alguma forma? Você tá falando até agora da sua contribuição, mas e da contribuição daqui por exemplo, pra você?
- Franz Ah, eu acho que é legal, acho que tipo, que é um estímulo, entendeu? Para.. para, tipo, me integrar melhor à sociedade, entendeu? Tipo, acho que vai da, do caminho que a pessoa escolhe, entendeu? Tipo, acho que aqui é um estímulo, acho que é uma, acho que é tipo uma indicação, entendeu? Acho que é isso.
- Arthur* Você pode explicar melhor o que você quis dizer com “indicação”?
- Franz Ah, não sei, porque tipo, tem gente que tem tipo... a gente tem sempre dois caminhos pra escolher entendeu? Tipo tanto o certo quanto o errado e tipo, eu acho que aqui, tipo depende da cabeça da pessoa também, aqui ensina você tipo, a seguir o melhor caminho entendeu? Vai de...
- Arthur* Entendi.
- Franz Tipo, ser uma pessoa melhor, entendeu? Acho que é isso.

- Arthur* Entendi. Justamente eu queria perguntar pra ter uma clareza melhor (risos ao fundo).
Importância.
- Franz* Aí é, importância eu acho que é... Que é dar valor, acho que é você dar valor ao que você tá ganhando hoje, ao que você tá vivendo hoje, entendeu? Acho que você tem que dar valor a tudo que você faz, porque a vida é única sabe, tipo, e a qualquer momento qualquer coisa pode acontecer, tipo, acho que você tem que dar valor ao que você faz agora, entendeu? Acho que é isso.
- Arthur* Arthur: Medo.
- Franz* Medo? ... Meu medo é de, acho que correr eu acho, de... ah, não sei, perder a família, tipo, amigos entendeu? Acho que o medo é, tipo, é meu maior medo entendeu? Eu tenho medo da morte. Acho que só também. Ah! E de bicho asqueroso, vai de cobra até o que você imaginar (risos).
- Arthur* Possibilidade.
- Franz* Possibilidade? Ai... ah, não sei, não sei ... não sei te falar ... não sei, não sei.
- Arthur* Já que a gente tá acabando, essa foi a última, fala desse “não tem o que falar”.
- Franz* Aí, sabe, tipo, não tem o que falar é acho que ainda não pensar em nada entendeu? Tipo, não ter algo certo aqui dentro entendeu?
- Arthur* Entendo.
- Franz* E aí, tipo, que achar, não sei, entendeu, não tem palavras que respondam certo entendeu?
- Arthur* Entendi.
- Franz* Acho que é isso.
- Arthur* Tá ótimo.

6ª Entrevista – Ophélia

Arthur explica Vai ser assim: essa entrevista não vai ser em forma de perguntas, vai ser em forma de palavras-chave. Eu vou falar uma palavra e você fala algo sobre ela. Se você tiver uma dúvida e tal eu posso até fazer pergunta, mas eu vou partir das palavras. Tá certo? A primeira palavra é orquestra.

Início

Ophélia É... Não, não entendi.

Arthur Falar sobre

Ophélia A orquestra? Ah... eu não sei explicar assim, você quer que eu fale sobre a orquestra?

Arthur É.

Ophélia Foi onde eu aprendi muitas coisas entende? É... Uma coisa que eu não conhecia era orquestra, eu nunca tinha ido ao teatro, ou vi, eu via violino pela TV, mas eu nunca tive interesse assim, mas depois que eu conheci eu comecei a gostar. Já toquei em orquestra, já conheci até teatro, coisa que eu não conhecia.

Arthur Legal, então significou, significou não, te possibilitou isso tudo.

Ophélia É.

Arthur Legal.

Ophélia É, eu gosto muito.

Arthur Uhum, e como é que você entrou aqui?

Ophélia É... Eu vim fazer inscrição pra ballet, aí não tinha, aí eu vi o violino, aí eu falei “ah, tá na hora de eu aprender, né? Eu quero conhecer”. Daí fez dois anos que eu tô aqui já.

Arthur Legal. A segunda, palavra né, é o Grupo Viver Bem.

Ophélia Ai, eu gosto muito do Grupo, são bem juntos, unidos, sabe? Ninguém tem rivalidade com ninguém, aqui todo mundo é amigo de todo mundo. O Grupo, ele ajuda quando você precisa, então ninguém tem rivalidade. Quando você não sabe uma coisa, vai lá um colega que sabe mais e te ajuda.

Arthur Legal. É... família.

- Ophélia Ah... é... sei lá, minha família, assim, não é muita unida, eu tenho bastante convivência com minha família, só que eu sou do tipo de pessoa que ... convive com as pessoas só que de maneira diferente. Eu sou, eu sou mais no meu canto, entendeu? Só que eu também sô muito bruta com as pessoas as vezes, assim, eu sô muito... sei lá, que é difícil de entender as pessoas, elas podem estar me ajudando mas eu, eu acho que não tão.
- Arthur Sua família te ajuda?
- Ophélia Ajuda, ajuda bastante, só que as vezes eu não reconheço que elas, que eles me ajudam.
- Arthur Eles te ajudam de alguma forma aqui?
- Ophélia Ajuda, eles apoiam, falam que é bonito, que eu tenho que tocar. E eu... eu escuto eles.
- Arthur Eles que ficaram sabendo do *ballet*?
- Ophélia Não, não, é porque eu, uma amiga minha que recomendou e eu fiquei de fazer, mas aí não tinha.
- Arthur Perspectiva de vida.
- Ophélia Não entendi.
- Arthur Perspectiva de vida: o que você imagina pra sua vida..,
- Ophélia O que eu quero?
- Arthur É. Do seu futuro e daqui. O que é que você vai aproveitar daqui?
- Ophélia Daqui eu vou levar muitas experiências pra minha vida, coisas que eu jamais poderia ter aprendido, mas eu quero estudar, quero me formar em medicina, quero ser é... Pediatra ou também cuidar de criancinhas com câncer, que é o meu sonho sabe? Ajudar e... É isso. E eu vou levar sempre pra mim, mesmo que não tenha dado certo minha medicina, meu estudo eu vou seguir no violino, vou seguir na orquestra, vou arranjar algum meio de ir bem profundo né assim, na orquestra.
- Arthur Instrumento.
- Ophélia O que eu gosto? O instrumento que eu gosto?
- Arthur Pode ser.
- Ophélia Ah, eu gosto de violino. E eu queria aprender teclado.
- Arthur Ah é?

- Ophélia Eu não sei tocar, eu tenho, só que não consigo tocar.
- Arthur Entendi. Você tem o teclado em casa por quê?
- Ophélia Oi?
- Arthur Como que você tem o teclado?
- Ophélia É que assim, meu pai falou que queria muito que eu tocasse, ai ele foi lá e comprou o teclado e falou “agora você aprende a tocar”, então, daí, eu não consegui, entendeu? Aqui não tem aula de teclado e se eu pegasse o teclado ia ficar mais difícil porque o teclado é diferente do violino, então daí eu ia des acostumar, mas eu tô pensando em ano que vem entrar em uma aula de teclado também.
- Arthur Entendi.
- Ophélia Ou de piano, não sei. Aí ele comprou e tá lá, guardado, numa caixa. ARQUIVO
- Arthur Legal... É... Contribuição.
- Ophélia Como assim?
- Arthur O que é que contribui, o que que você acha de Que contribui com você ou que você contribui.
- Ophélia Ah... eu não tô entendendo.
- Arthur Contribuição: algo que dá uma ajuda, dá um apoio, dá um “a mais”...
- Ophélia Aqui, acho que a ONG Viver Bem, é, dá um apoio pra mim, porque se eu não tivesse aqui eu ia tá ou dormindo ou fazendo alguma coisa, sabe, é... Ou eu estaria na rua, não na rua assim, mas andando, sabe, fazendo nada, porque assim eu tenho muita dificuldade nos estudos, eu... Eu já reprovei, dois anos, não porque eu sou uma péssima aluna, mas porque eu tenho muita “falta de desinteresse” nas coisas, aí eu acho que eu não estaria estudando, não estaria fazendo nada, estaria em casa ou andando...
- Arthur Entendi.
- Ophélia Então esse, o violino, a ONG me apoio, entendeu, agora se eu tô em casa ou eu tô treinando o violino, ou eu tô aprendendo músicas novas ou eu tô estudando, é isso.
- Arthur Aqui o Grupo Viver Bem te ajuda até a estudar na escola? Não só as coisas daqui?
- Ophélia Não, eles até incentivam que é pra estudar, que tem que estudar, mas não tem assim...
- Arthur Aham, entendi... Mas o violino de alguma forma te deu o interesse pra estudar?

- Ophélia Me deu interesse pra estudar. Muito interesse, que até notas boas que eu não tinha eu comecei a ter ...
- Arthur* Aham.
- Ophélia Porque agora eu não saio de casa, eu fico só em casa ou eu tô com o violino ou eu tô estudando ou eu tô lendo um livro, que eu gosto muito de ler livro.
- Arthur* Aham, legal. É... Importância.
- Ophélia O que que é importante pra mim? ... Ah, é o estudo, é... A importância é o estudo, estudo é tudo, porque na minha vida mais pra frente eu vô, eu quero seguir carreira, entendeu? Não quero deixar o estudo, importante pra mim também é o violino, minha família, isso é importante pra mim.
- Arthur* É... medo.
- Ophélia Ah... eu tenho muito medo... Do que eu tenho medo?
- Arthur* Pode ser.
- Ophélia Ah... eu tenho medo de perder minha bisavó.
- Arthur* Ah é?
- Ophélia Porque ela que me criou, desde pequena, minha mãe me deixou com ela, então eu moro com ela faz quinze anos. Sempre morei com ela. E ela me apoia em tudo.
- Arthur* Aham.
- Ophélia Sempre me dá força. Tudo.
- Arthur* Entendi. Possibilidade.
- Ophélia Como assim? Possibilidade?
- Arthur* Uma coisa que é possível de acontecer.
- Ophélia Hum... Eu não sei responder essa...
- Arthur* Não sei... Aqui, na sua vida, o que é que você vê assim, que abre portas...
- Ophélia É possível eu arrumar um bom emprego, trabalha, entendeu? Porque eu também quero ajudar minha vó, quero ajudar ela nas coisas, a comprar as coisas pra casa, quero ajudar eles, então é possível eu ter um trabalho bom, mas o trabalho não vai dificultar nas minhas aulas, eu posso até trabalhar, mas vai ter o dia pras minhas aulas de violino, porque eu vou trabalhar, mas eu não quero deixar de fazer o violino.
- Arthur* Sim, entendi. É... basicamente é isso, você tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Ophélia Não não, só isso.
Obrigada.

Arthur De nada, eu que agradeço.

7ª Entrevista – Roxanne

Arthur explica A entrevista vai ser assim: eu vou falar algumas palavras, uma de cada vez e você vai me falar sobre essa palavra, alguma coisa sobre essa palavra, tá bom? Então eu vou começar. Ah! É pra falar aqui perto do microfone. É... Orquestra. O microfone tá aqui.

Início

Roxanne Orquestra é um... grupo de música que a gente toca juntos, e ... todo mundo é um... tá no número, não e só uma pessoa, sozinha. Não é um ser melhor do que outro o que importa é todo mundo tocar junto... É...

Arthur Entendi. O Grupo Viver Bem.

Roxanne Grupo Viver Bem... É um grupo de incentivo às crianças, pra não ficar na rua, brincando, as vez entrar nas drogas e ir pra policia. Ajuda muito, quanto menos passar tempo na rua, mais é... mais difícil é, melhor fica pra eles.

Arthur Entendi, mas as pessoas aqui ficam na rua, é... até quando não tão aqui?

Roxanne Ah, eu não sei...

Arthur Ficam estudando, ficam mais tempo estudando e menos tempo na rua... estudando violino.

Roxanne Alguns ficam, não passa lá pro *Heitor* (colega pedindo para entregar um papel) (risos)

Arthur Ah, verdade, você não sabe né (risos). Então tá.

Roxanne Eu acredito que ficam.

Arthur É não dá pra dizer que é todo mundo. É... Família.

Roxanne Família? É uma família. ... (risos)

Arthur Pode falar...

Roxanne Família... É uma união entre todos . (risos) É... A gente é uma família todo mundo, nós temos que ajudar um ao outro ... Acho que é isso.

Arthur Sua família, lá fora, família mesmo, eles ajudam você no violino?

Roxanne Um pouco.

Arthur Um pouco.

Roxanne Deixando eu tocar..

Arthur Oi?

Roxanne Deixando eu tocar.

Arthur Deixando tocar? Por que tem que deixar tocar?

Roxanne Porque tem vezes que não deixam.

Arthur Não deixam? Por que não deixam?

Roxanne Por que vão dormir,

Arthur Ah!.. Você quer tocar de madrugada?

Roxanne Não, eu quero tocar lá por ... a noite.

Arthur Ah... Entendi.

Roxanne De noite só de vez em quando eu posso tocar, de noite.

Arthur Só quando tá todo mundo acordado?

Roxanne É.

Arthur Entendi.

Roxanne Pra não atrapalhar também a [...].

Arthur E a televisão não tem problema? Estudar ... Alguma coisa que eles estão fazendo. Eles só não gostam que você atrapalhe o sono.

Roxanne É, só o sono, e o meu padrasto que não gosta, que ele chega cansado do trabalho e aí quer já ...

Arthur Descansar.

Roxanne É.
(risos)

Arthur Tá. Perspectiva de vida.

Roxanne Ham?

Arthur O que é que você imagina, assim, pra sua vida, o que que você quer fazer.

Roxanne Ah, eu quero ser uma violinista, uma “musiquista”, mesmo que não parece existe essa palavra. Quero... Eu gosto de tocar violino, eu quero seguir isso, eu quero ser uma grande violinista, seguir os caminhos dos meus ... Não vou caçar palavras... Assisti um que tocam violino ... violinistas ...

Arthur Ah é? Você conhece a carreira de alguns?

Roxanne É.

- Arthur* Entendi.
- Roxanne* Acho legal
- Arthur* Legal. Você conversa sobre essas histórias dos violinistas com seus colegas aqui?
- Roxanne* De vez em quando.
- Arthur* De vez em quando. Alguns deles também acompanham? Não os mesmos violinistas, mas ficam sabendo das histórias?
- Roxanne* Eu acho que... Sim.
- Arthur* E acham... Você fica achando bem... Interessante.
- Roxanne* Eu acho.
- Arthur* É... Instrumento.
- Roxanne* Instrumento... Instrumento é... 'É tudo, tudo que sai som é um instrumento (risos) por causa que o instrumento pode ser feito de tudo, tem gente que faz, bate na mesa pra sair som, como batucar. Pra mim, dos instrumentos, e a alma, é tudo ...
- Arthur* Contribuição.
- Roxanne* Contribuição... com o que?
- Arthur* Sua com alguém, de alguém pra você, ou daqui pra você.
- Roxanne* É, é?
- Arthur* Qual que é essa contribuição?
- Roxanne* Tem gente que aqui tem, uns amigos que me ajudam durante, quando eu não consigo tocar alguma coisa e eles conseguem, eles me ajudam.
- Arthur* Entendi. Daí você imita igual, faz parecido.
- Roxanne* É, vou tentando.
- Arthur* Entendi.
- Roxanne* Todo mundo aqui ajuda um ao outro.
- Arthur* Entendi. É... Importância.
- Roxanne* Tem muita importância isso pra mim, por que eu quero seguir né, a carreira [...]. E eu quero saber mais, conhecer as coisas sobre o violino. E viver o violino.
- Arthur* Legal. É... medo.
- Roxanne* É as vezes nas apresentações dá um pouco de medo.

- Arthur* Ah é?
- Roxanne* É, mesmo sendo música que eu toco a tempo, mas tem vez que ... mesmo quando vai tocar só para o professor, da um... (risos) assim de errar ...
- Arthur* Tocar para o professor?
- Roxanne* Aham, da medo de errar, e ele brigar.
- Arthur* Mas na apresentação ele vai brigar ou... tem medo de alguma outra coisa, na apresentação?
- Roxanne* Ah, é que ele chama atenção, durante a apresentação.
- Arthur* Aham.
- Roxanne* Às vezes ele faz isso.
- Arthur* Entendi. É... Possibilidade.
- Roxanne* O quê? (risos)
- Arthur* Que possibilidade você vê...
- Roxanne* Então, possibilidade de eu entrar em uma boa orquestra, viajar pelo mundo.
- Arthur* Você foi já pra algum lugar?
- Roxanne* Três Lagoas e Aquidauana.
- Arthur* Legal.
- Roxanne* E é, é isso... eu quero seguir a carreira na orquestra.
- Arthur* Parecido com esses músicos, os violinistas que você ...
- Roxanne* É, o meu principal, que eu acho legal é "David Garreti", acho que é por ai o nome dele, que ele desde os 12 anos começou a tocar, a viajar assim, o mundo inteiro, ele começou a tocar violino com 4 anos, por causa que o pai dele comprou um violino pro irmão dele.
- Arthur* Aham, legal. É isso. Ah, desculpa. Mais alguma coisa?
- Roxanne* Não.

8ª Entrevista – Cynthia

Arthur explica É, eu vou fazer uma série de, não perguntas, mas eu vou falar a palavra, então a partir dessa palavra você fala alguma coisa sobre ela. Tá? Sobre ela pra você, enfim... A primeira palavra é orquestra.

Início

Cynthia Orquestra pra mim é um grupo de pessoas que tocam a música erudita, né, que é a música clássica e eu gosto muito da orquestra, eu acho uma orquestra muito bacana.

Arthur Legal. Grupo Viver Bem!

Cynthia É uma, um grupo, eu considero o Grupo Viver Bem como uma família, né, que dia de segunda -feira e de terça e de sexta-feira eu fico a maioria do meu tempo aqui, né, e eu considero a Viver Bem uma família pra mim, já, eu gosto muito do Viver Bem.

Arthur Segunda e quarta você falou?

Cynthia Não, eu falei, que eu faço ballet na segunda

Arthur Ah!...

Cynthia Já, por fora.

Arthur Ah, entendi. Legal. Família.

Cynthia Família pra mim é a melhor coisa, eu considero família meu melhor amigo, minha mãe, meu pai, principalmente né, por que com ele eu posso ter tudo sabe? Eu conto com eles sempre, quando eu preciso das coisas, tanto amor, carinho, o que eu mais tenho é na família.

Arthur E eles ajudam de alguma forma aqui, no violino?

Cynthia É, eles ajudam sempre que precisa, né, pra espetáculo, essas coisas, meus pais sempre ajudam, a levar, o transporte, essas coisas eles sempre ajudam.

Arthur Eles gostam?

Cynthia Gostam. Eles sempre falam que o melhor lugar que tem pra mim participar é aqui, que eles conhecem as pessoas que coordenam, tudo.

Arthur Ah é? Legal.

Cynthia Aham.

Arthur Perspectiva de vida.

Cynthia Que significa isso, gente?

- Arthur* Que é que você quer fazer, o que que você se vê fazendo...
- Cynthia* Olha, eu pretendo no futuro ser engenheira. Ai eu quero estudar muito, né, pra ser alguém na vida e pode ajudar sempre meu pai e minha mãe né, que devo tudo a eles. E eu gosto muito de tocar violino, né, eu parei uma vez, só que eu senti muita falta e voltei, porque eu gosto muito disso, então eu sinto muita falta quando fico sem tocar.
- Arthur* Entendi. Como que foi essa história de quando você parou?
- Cynthia* É porque estava corrido pra mim, eu tinha que chegar da escola, vir, ai eu comecei a fazer curso de artesanato, não aqui, em outro lugar, só que não deu certo, porque não tinha como meu pai sempre me levar, ai eu peguei e eu tava sentindo muita falta mesmo, eu tocava em casa, mas eu sentia falta das apresentações, das coisas, dos meus amigos aqui do projeto né, ai eu voltei e conversei com o professor J., ai ele falou assim “não, você pode voltar, só que você tem que correr atrás do prejuízo, né”, ai eu tô correndo atrás das músicas que eu perdi, no tempo que eu tava fora.
- Arthur* Legal. Você ficou quando tempo sem vir?
- Cynthia* Acho que foi seis meses. Foi bastante tempo, que foi perdido.
- Arthur* Aham, você começou a quanto tempo?
- Cynthia* Acho que vai fazer já 4 anos, só que eu parei, então deve ter uns 3 anos e alguns meses.
- Arthur* Instrumento.
- Cynthia* Instrumento. Instrumento pra mim é o que faz o som né, o que a gente toca, o que produz a orquestra né, que vários instrumentos, podem fazer a orquestra. Acho que isso instrumento.
- Arthur* Contribuição.
- Cynthia* Contribuição é a gente ajudar quem precisa ou fazer uma contribuição, por exemplo, aqui no projeto tá faltando alguma coisa, a gente vai lá e contribui com o que tá faltando, essas coisas assim.
- Arthur* Entendi, a gente quem? Você e seus colegas?
- Cynthia* Eu, meu pai, meus colegas, os familiares, a maioria dos pais dos alunos ajudam. Sempre colaboram.
- Arthur* Importância.

- Cynthia Importância. A palavra importância pra mim é que a gente sempre tem que dar importância as coisas boas, sabe, assim tipo, pra mim, tocar violino é uma coisa muito boa, então eu me importo muito em tocar, aprender as músicas, me esforçar o máximo que eu posso, pra poder dar o meu melhor.
- Arthur Aham, legal. É, medo.
- Cynthia Medo. Acho que medo é quando a gente sente medo de errar, sabe? Quando a gente tem aquela angústia de alguma coisa, a gente tem medo, muito medo mesmo. Acho que medo a gente supera com o tempo. Aquilo que a gente tem medo a gente vai superando.
- Arthur Possibilidade.
- Cynthia Possibilidade. Pode explicar de novo, que agora eu...
- Arthur Possibilidade é as portas que se abrem, as coisas que se tornam possíveis.
- Cynthia hum... Possibilidade, possibilidade, eu acho que a gente tem que dar oportunidade pras pessoas né, tipo aqui sempre tá de portas abertas paras pessoas, né, sempre ajuda as pessoas que estão necessitadas, sempre tem doação de coisa, aqui que eles dão né, para as pessoas que estão mais necessitadas, tem muitos alunos que a gente conhece que tem necessidades e que ...
- Arthur Da orquestra?
- Cynthia Aham, da orquestra. E outros projetos também que estão...
- Arthur Tem alunos aqui que em alguns momentos passam necessidades? Algum colega seu?
- Cynthia Aham. E o projeto sempre tá atento pra buscar e ajudar essas pessoas.
- Arthur Aham.
- Cynthia O projeto é sempre uma família com essas pessoas.
- Arthur Entendi. Basicamente era isso.
- Cynthia Tá bom.
- Arthur Aliás, se você tiver mais alguma coisa que você gostaria de falar.
- Cynthia Não, acho que é só isso mesmo.

9ª Entrevista – Galatea

Arthur explica Está gravando já. É assim, a entrevista vai ser em forma não de pergunta, mas de palavra chave. Eu vou falar uma palavra e você fala alguma coisa sobre ela. Eu posso até fazer perguntas, mas a orientação da sequência da entrevista vai ser pelas palavras, tá bom? Vou falar a primeira palavra então, **Orquestra**.

Início

Galatea Instrumentos musicais?

Arthur Não precisa dar uma definição, pode falar o que é para você, coisas que você pensa sobre a orquestra, coisas que você já viveu com a orquestra, ou quer viver.

Galatea Pessoas tocando junto.

Arthur Isso é o que você entende por orquestra? Mas o que mais você tem a dizer sobre orquestra, não só o que você entende.

Galatea É um grupo social.

Arthur É um grupo social? Não sei, eu não estou procurando respostas certas ou erradas, estou procurando ouvir o que você tem a dizer sobre orquestra. [...] Você quer falar mais alguma coisa sobre orquestra ou a gente pode pular para a próxima?

Galatea Pode passar para a próxima.

Arthur É... Grupo viver bem.

Galatea Pode usar a mesma resposta?

Arthur Pode.

Galatea Grupo social com pessoas, jovens.

Arthur Como assim, grupo social, fala melhor sobre isso.

Galatea É... Um grupo tipo [...] social

Arthur Eu não tenho uma definição só, cada pessoa pode falar uma coisa diferente.

Galatea Um grupo de pessoas inseridas com um mesmo objetivo.

Arthur Qual que é o objetivo de vocês aqui?

Galatea Aqui a maioria é a música.

Arthur O que você pensa, assim, com a música, no seu caso ou no caso de quem você vê, na sua opinião? O que que você acha que eles, seus colegas, ou que você quer com a música, que vocês aproveitam com a música?

Galatea Aqui cada um está aprendendo um instrumento diferente, um instrumento musical.

Arthur É isso, aprender um instrumento?

Galatea Arrã.

Arthur Entendi. É... Próxima... Família.

Galatea [...] Não está gravando nada, não está pegando minha voz

Arthur Então chega mais perto, é preciso ouvir.

Galatea Família, né?

Arthur Família.

Galatea É, tudo, não sei te explicar como, não sei.

Arthur Vou fazer uma pergunta específica então: é... como que a sua família te ajuda a participar aqui?

Galatea [...] Ela, minha mãe me ajuda. É que eu moro só com minha mãe.

Arthur Sua mãe, ah, sim.

Galatea Só eu e minha mãe.

Arthur Então, se eu for falar em família vou focar mais na sua mãe. Então sua mãe, ela te ajuda? Como que ela te ajuda? Ela te traz?

Galatea Não.

Arthur Ela te incentiva?

Galatea Não.

Arthur Não? Então como que ela te ajuda? Ela ficou sabendo que ia aqui e pediu pra você começar?

Galatea Não. Eu fiquei sabendo através de uma amiga. Aí eu pedi pra minha mãe.

Arthur Ela deixou quando você falou?

Galatea Ahã.

Arthur E como é que é na sua casa, você treina o violino e sua mãe gosta.

Galatea Sim, ela não liga muito.

Arthur É?

Galatea Não incomoda ela.

Arthur E o que é que ela acha de você participar aqui?

Galatea Bom, assim eu tô ocupando meu tempo.

Arthur Ela fala isso? Que mais de família?

Galatea Não tem muito de família para falar. Você vai cortar depois, né?

Arthur O que?

Galatea Você vai cortar depois, né?

Arthur Se você fizer questão eu corto. Mas a idéia é eu pegar o que você tem a falar sobre. E ninguém vai saber que é você depois. Só que uma pessoa disse, aqui da... E eu também não vou colocar na íntegra, disponibilizar o que cada pessoa falou. O que fulano falou, isso, isso e aquilo. Vou articular o que vocês falaram com o que eu tenho para falar sobre isso, entendeu? Mas, família só isso? Perspectiva de vida. Quer que eu fale um pouco sobre o que é perspectiva de vida, ou você já tem uma idéia do que é perspectiva de vida?

Galatea Eu deixo você falar.

Arthur Tá bom, perspectiva de vida é o que você quer para sua vida, o que você imagina para sua vida. Como você acha que vai ser sua vida.

Galatea Que eu vou fazer?

Arthur É.

Galatea Eu vou fazer faculdade de música.

Arthur Ah é?

Galatea Uhum. E eu vou dar aula, de violino ou de violão ou de alguma coisa.

Arthur Você já pensava nisso desde quando?

Galatea Desde quando eu comecei aqui, a fazer aula.

Arthur Então você já gostou?

Galatea É que eu já mexia com música antes, há mais tempo. Comecei com violão, aí depois comecei com clarinete, saxofone.

Arthur Sério? Você tinha seu próprio clarinete, seu próprio saxofone?

Galatea Não, era em outro local, em outra escola, tinha uma banda.

Arthur Entendi.

- Galatea* E agora eu toco trompete na escola também.
- Arthur* Então você toca vários instrumentos? Legal. E você usa todos esses instrumentos até hoje?
- Galatea* Não.
- Arthur* Hoje você toca o que?
- Galatea* Ambos: Trompete, violino e violão.
- Arthur* Clarinete e saxofone muito pouco hoje em dia?
- Galatea* É porque eu não tenho. Daí num tem muito contato e faz tempo que eu não toco.
- Arthur* Entendi. Então, calma aí, você já tocava, mas quando você entrou aqui, você pensou em fazer faculdade de música e dar aula de música?
- Galatea* Ahã.
- Arthur* Mas antes você não pensava?
- Galatea* Pensava em fazer medicina.
- Arthur* Ah, é? Daí aqui te incentivou de uma outra forma? É, porque antes você já sabia que existia música, você tocava. Pra próxima? É... Instrumento... Já falamos bastante coisa de instrumento. Mas o que mais tempo pra falar de instrumento já que a gente está... Apareceu essa palavra.
- Galatea* Bom... Não sei, música.
- [Colega avisa que vai começar a aula]
- Arthur* Que mais? Que mais você teria para dizer sobre instrumento, só isso mesmo?
- Galatea* Só isso.
- Arthur* Contribuição.
- Galatea* De quê?
- Arthur* Do que você pensar.
- Galatea* Contribuição de quê?
- Arthur* De você pra alguém, de alguém pra você. Daqui do viver bem pra você, de você para o viver bem...
- Galatea* [...]
- Arthur* Você nunca pensou sobre isso? Sobre você te ajudar ou sobre você ajudar

alguém.

Galatea Ah, ajudar alguém eu acho alguns. Parece que é interessante você ensinar e depois ver a pessoa tocando o que você aprendeu. Parece uma alegria.

Arthur E você quer ser professora.

Galatea Ahã.

[Colega entra]

Arthur Pode pegar. Vamos esperar ele. Desculpa aí. É... Importância.

Galatea Importância daqui?

Arthur Pode ser. São realmente palavras abertas, você pode falar qualquer coisa. Não tem uma resposta errada ou uma certa.

Galatea Vou fazer daqui.

Arthur Sim.

Galatea A importância na vida das pessoas?

Arthur Sim, pode ser.

Galatea É que aqui, tipo, [longo silêncio]

Arthur Na sua vida, talvez seja mais fácil que falar da vida das pessoas, ou talvez seja mais difícil, hehe.

Galatea Mais difícil.

Arthur Mais difícil? Estão te chamando?

Galatea [fala baixo] Ele tira as pessoas das ruas, tipo do mau caminho, não sei...

Arthur É, isso é uma importância.

Galatea Precisa de mais?

Arthur Não

Galatea Então está bom.

Arthur Tá, é, medo.

Galatea Meu medo?

Arthur Pode ser também. Do que você quiser falar.

Galatea [...]

- Arthur* Você está ciente disso, né? Fala mais alto então.
- Galatea* [...]
- Arthur* O seu pode ser diferente de todo mundo ou igual também. Mesmo não, porque cada um é de um jeito. Medo de quem? No máximo de um ou dois, hehe.
- Galatea* Medo de quem?
- Arthur* No máximo de um ou dois, hehe.
- Galatea* Não sei, não tenho muito medo.
- Arthur* Não precisa ser seu.
- Galatea* Mas eu também não sei o medo das pessoas.
- Arthur* Entendi, já é uma resposta.
- Galatea* Não é uma resposta.
- Arthur* É sim, eu falo “medo” e você fala “não tenho muito medo e não sei o medo das pessoas”: já é uma resposta. [Falo o nome da aluna que entra], você avisa que estou terminando a entrevista.
- Arthur* Não precisa não.
- Galatea* Acho que não.
- Arthur* É, não precisa não? Você já deu uma resposta, pode ser só isso, ou você queria falar mais alguma coisa sobre medo?
- Galatea* Pode ser só isso.
- Arthur* Tá bom, agora é a última. Possibilidade. Possibilidade, vou falar de outra forma. É, uma coisa que é possível, que pode acontecer, que é possível que aconteça, que pode ser que aconteça... Mais ou menos nesse sentido.
- Galatea* Tipo, na música há possibilidade de muitos seguirem a carreira na música, igual tem alguns que já trabalham na orquestra.
- Arthur* Ahã. Sim, é uma resposta. Mais alguma coisa.
- Galatea* Não.
- Arthur* Posso desligar a gravação?
- Galatea* Pode.

10ª Entrevista – Dietrich

Arthur explica Bem, vou começar a entrevista agora. A entrevista, ela não vai ser em forma de perguntas, vai ser em forma de palavras-chave. Então vou falar uma e você fala alguma coisa sobre ela. Tá certo?

Início Então vou começar com a primeira palavra, é: **orquestra**.

Dietrich Tudo. Pra mim é... Interessante.

[longo silêncio]

Arthur Interessante como?

Dietrich Porque dá pra trabalhar com a música.

Arthur Por isso? Outras coisas também?

Dietrich Pra mim é isso.

Arthur É? O mais interessante para você é que pode trabalhar com isso?

Dietrich É.

Arthur Mas e se você não for trabalhar, com isso, ainda assim vai ser interessante? [risco?]

Dietrich Talvez, depende.

Arthur É, então tá, vou passar para a próxima então, tá? Grupo Viver Bem. [longo silêncio] O que que você tem a dizer aqui do grupo viver bem?

Dietrich É bom porque as crianças saem da rua e vêm estudar.

Arthur É? As crianças ficam bastante na rua?

Dietrich Um pouco...

Arthur É? [pausa] Mais alguma coisa? Família.

Dietrich Tudo, de bom. [longo silêncio]

Arthur Que mais? Sua família te ajudou para você vir aqui?

Dietrich Me ajuda.

Arthur É? Como é que você começou a vir pra cá, foi idéia deles ou...

Dietrich É, foi da minha mãe.

Arthur Sua mãe ficou sabendo?

Dietrich Não, ela veio aqui daí arrumou a vaga.

- Arthur* Daí você concordou? O que é que você achava no começo?
- Dietrich* Um pouco, um pouco, um pouco...
- Arthur* Um pouco assim?
- Dietrich* Um pouco, um pouco.
- Arthur* Você já entrou no violino?
- Dietrich* Já.
- Arthur* Você faz algum outro curso aqui?
- Dietrich* Eu fazia.
- Arthur* Qual?
- Dietrich* Ballet, fazia canto.
- Arthur* E o ballet?
- Dietrich* Ballet eu não estou mais fazendo por causa que eu estou morando lá perto do aeroporto.
- Arthur* Ah, você mudou para lá, longe?
- Dietrich* Eu morava aqui na esquina, daí virava, a segunda casa era minha.
- Arthur* Nossa, que longe que você foi.
- Dietrich* Eu fazia segunda-feira.
- Arthur* Entendi, mas você continua na orquestra? Porque você continua na orquestra e parou o ballet?
- Dietrich* O violino eu continuo por causa que, por causa que dá pra eu vir, pra me trazer, mas o ballet não da pra mim fazer por causa que é segunda-feira. Porque é segunda feira e é uma hora, começa uma hora.
- Arthur* Entendi. Tá, vou pra próxima, tá? Perspectiva de vida. [longo silêncio] Não tem resposta certa nem errada, tá? Se você não entender, você pode perguntar. Você entendeu, mais ou menos? Perspectiva de vida é mais ou menos assim: o que você vê para sua vida, o que você quer para sua vida?
- Dietrich* O que eu queria mesmo era ser professora de ballet, mas como eu saí do ballet...
- Arthur* Você se dava bem com sua professora de ballet?
- Dietrich* Dava.
- Arthur* E com os professores da orquestra?

- Dietrich Também. [longo silêncio]
- Arthur* Passar pra próxima, então: instrumento. [longo silêncio] [entra outra] Eu já te chamo. Eu já te chamo quando terminar aqui. Não. [de volta para a entrevistanda] O que que você teria para dizer sobre instrumento? [longo silêncio] Você vai falar alguma coisa ou não vai falar nada sobre instrumento? Você não precisa falar, pode pular.
- Dietrich Pulo.
- Arthur* Então tá. É... Contribuição. Você sabe o que é contribuição? Mais ou menos? Quer que eu explique um pouquinho, pra você entender melhor? Contribuição é uma ajuda, uma coisa que vem pra acrescentar. Alguma coisa que te ajuda ou você que ajuda alguma coisa ou alguém, ou alguém que te ajuda. Você teria alguma coisa a falar sobre isso? Se você quiser eu espero você pensar um pouco. [longo silêncio] Pensou alguma coisa pra falar?
- Dietrich É bom ficar assim, você ajuda uma pessoa, daí você recebe de novo, de volta.
- Arthur* Entendi. Isso já aconteceu com você? Você ajudou alguém e a pessoa devolveu? Ou o contrário, alguém te ajudou e você retribuiu?
- Dietrich Já.
- Arthur* Quer contar ou não, que tá gravando, né?
- Dietrich Não.
- Arthur* Tá. Vamos pra próxima pergunta?
- Dietrich Vamos.
- Arthur* Pergunta não, palavra. Tá, a próxima palavra é importância. [longo silêncio] O que que você pensou, sobre importância? [longo silêncio] Já pensou alguma coisa? Não? Você quer pensar mais um pouco ou a gente pode pular para a próxima?
- Dietrich Pular.
- Arthur* Pular? Você não falou nada nem de instrumento nem de importância? Vamos para a próxima então? É... Você tá achando que está difícil...?
- Dietrich* Mais ou menos.
- Arthur* Mais ou menos? Você está demorando pra responder. Que foi, hoje você não está muito bem? Quer deixar para a gente fazer a entrevista outro dia ou é assim mesmo?
- Dietrich É.

- Arthur* É assim mesmo, normal, está bom pra você? Então vamos continuar. Tá bom? Tá. A próxima palavra é medo. [longo silêncio] Se você tem, o que é que você tem a dizer sobre medo?
- Dietrich* Eu acho que só tem medo quem faz alguma coisa errada.
- Arthur* Ah, é?
- Dietrich* Quem faz alguma coisa errada, daí que vai ficar com medo.
- Arthur* Mais alguma coisa sobre medo? Vou passar para a próxima, então: possibilidade. Você entende exatamente o que quer dizer possibilidade ou prefere que eu fale um pouco?
- Dietrich* Fala um pouco.
- Arthur* Tá. Possibilidade é o que é possível no futuro de acontecer, é, o que que foi possível de acontecer, que que alguma pessoa fez alguma coisa para viabilizar, para acontecer, que pode ser que aconteça... Entendeu? [longo silêncio] O que que você acha disso? [longo silêncio] Já pensou em alguma coisa? [longo silêncio] Você tem alguma coisa a dizer sobre possibilidade?
- Dietrich* Eu nunca senti isso, mas minha madrinha já sentiu.
- Arthur* É, como é que foi com ela?
- Dietrich* Ela, ela emprestou o carro pro meu padrasto, daí ela sentiu que ia acontecer algum acidente. Daí ele já tinha saído, não tinha como ela falar com ele, porque ele tinha esquecido o celular lá em casa. Daí aconteceu o acidente.
- Arthur* Mas não precisa ser desse jeito, que eu perguntei. Não precisa ser pressentimento, pode ser só uma coisa que você acha. Por exemplo, quando você estuda bastante, você acha que você vai bem na prova, quando você não estuda às vezes você não vai. Tem alguma coisa assim, desse tipo, que não precisa ser tão mística?
- Dietrich* Tem.
- Arthur* O que?
- Dietrich* É que...
- Arthur* O quê?
- Dietrich* Tipo assim igual você falou. De... Eu não pude estudar pra prova.
- Arthur* De quê?
- Dietrich* Do violino mesmo, que você falou que, que ele falou que ia ter tipo uma prova surpresa não sei que dia. Que ia ter que tocar, ele não falou a música nem que

dia. Daí eu estudei uma música e foi a música mesmo.

Arthur Ah, daí você achou que ia bem?

Dietrich Ahã.

Arthur Legal. Você tem mais alguma coisa pra falar? Porque as palavras já acabaram. Então vou desligar a gravação, tá?

11ª Entrevista – Umma

- Arthur explica** É, bem, eu vou começar a entrevista agora. A entrevista vai ser assim. Eu vou falar algumas palavras, uma de cada vez, e você fala alguma coisa sobre elas, tá bom?
- Início** Então vou começar. Orquestra.
- Umma** O que que eu cito por orquestra?
- Arthur** Quê?
- Umma** O que que eu cito por orquestra?
- Arthur** Pode ser também.
- Umma** Não sei. Eu não sei.
- Arthur** Que que é orquestra pra você?
- Umma** Tocar instrumentos, é, tocar violão, um monte de coisa. Deixa eu ver o que mais, fazer muitas apresentações. Só.
- Arthur** Tá. É... Grupo viver bem.
- Umma** É fazer muitos cursos, é... Aprender muitas coisas, só.
- Arthur** Aqui aprende muitas coisas? Que coisas você faz?
- Umma** Eu fazia ballet e agora estou fazendo violino só.
- Arthur** Entendi. É... Família.
- Umma** É as pessoas [...]
- Arthur** Você pode falar mais alto? Porque eu tô, preciso da gravação.
- Umma** É... Fazer bastante coisa com as pessoas, com os pais, com as mães. Hum... Só.
- Arthur** Você faz bastante coisa com seus pais.
- Umma** Ahã.
- Arthur** E sua família ajuda você aqui?
- Umma** Ajuda, meu pai que sempre faz a matrícula.
- Arthur** Eles gostam que você toca violino.
- Umma** Gostam.
- Arthur** Agora... Perspectiva de vida.
- Umma** Hã?

- Arthur* Que que você quer, que que você espera pra fazer mais pra frente no futuro?
- Umma* Tocar mais músicas, fazer mais apresentações. Fazer muitas outras coisas.
- Arthur* Entendi. Instrumento.
- Umma* Falar sobre instrumento, instrumento...? Eu gosto de tocar violino, viola, ops, violão, e só. Só.
- Arthur* Uhum, é, contribuição. O que é que você contribui pra orquestra, o que é que a orquestra contribui com você?
- Umma* Um monte de coisa.
- Arthur* É?
- Umma* Só, um monte de coisa.
- Arthur* Um monte de coisa? Tenta falar algumas coisas.
- Umma* Não sei.
- Arthur* Não sabe? Tá: importância.
- Umma* [...] meus pais. Sempre quando eu falto aqui eles sempre ligam [...] Quando não tem aula eles avisam. Só.
- Arthur* Medo.
- Umma* Que que eu tenho medo? De alguns bichos, tenho de ficar sozinho em casa. Daí meu avô deixa lá na minha avó pra eu ficar lá. Deixa eu ver o que mais. Perder meus pais. Só.
- Arthur* É, possibilidade.
- Umma* Hum?
- Arthur* Possibilidade, coisas que podem acontecer.
- Umma* Meu pai se separar de minha mãe, alguém ser atropelado... Deixa eu ver o que mais.
- Arthur* Tem coisa boa também, que pode acontecer?

Umma Uhum.

Arthur O que, por exemplo?

Umma Meu pai trabalhar mais, arranjar outros trabalhos para fazer e conseguir comprar meu violino.

Arthur Você leva o daqui pra casa?

Umma Hã?

Arthur Você leva o violino daqui pra sua casa?

Umma Ahã.

Arthur Você estuda lá?

Umma Estudo. Meu pai gosta que eu tire nota boa na escola, pra não reprovar.

Arthur Legal

Umma Só. Tem mais coisa, mas eu esqueci.

Arthur Tá, tudo bem.

Umma Só.

Arthur É isso, tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Umma Não.

Arthur Não? Então é isso. Deixa eu fechar aqui.

12ª Entrevista – Claude

- Arthur explica** Bem, iniciei a gravação já. É, a entrevista, ela não vai ser no formato de pergunta, eu até posso fazer pergunta, mas eu vou me orientar pelas palavras-chave. Como é que é isso? Eu vou falar uma palavra e vou pedir pra você falar algumas coisas sobre ela, está bom?
- Início** Então vou começar, a primeira palavra é orquestra.
- Claude** Posso.
- Arthur** Fala alguma coisa, qualquer coisa.
- Claude** Bom, diferente de uma aula simplesmente para aprender, na orquestra estão todos os meus amigos juntos e nós tocamos. Hum, é uma coisa muito legal de se fazer e por isso eu gosto.
- Arthur** É, Grupo Viver Bem.
- Claude** [...] Há um ano e alguns meses, desde que eu entrei eu me incentivei bastante para ficar mais e mais aqui, mais tempo aqui porque aqui eu acho ótimo, eu aprendo, eu tenho meus amigos, a gente estuda, a gente bagunça, bastante.
- Arthur** Entendi. É, família.
- Claude** Hum... Minha família, ela não me apoia, nem me valoriza nisso, ela deixa com que eu faça, pois ela sabe que é isso que eu gosto. Eles não implicam muito em fazer um curso daqueles profissionalizantes, ele quer que eu faça simplesmente o que eu gosto porque eles acham que é o melhor para mim.
- Arthur** Entendi. Com quantos anos que você está agora?
- Claude** Catorze.
- Arthur** Eles não pedem que você faça curso profissionalizante. Você quer fazer aula de violoncelo, de orquestra, eles, eles, estão de acordo?
- Claude** Uhum.
- Arthur** Entendi. E, como é que você veio até aqui? Se não foi pela família.
- Claude** Foi por amigos meus, que me chamaram pra esse lugar e eu vim e eu queria fazer mais, aprender mais sobre o instrumento, que era o violão primeiramente e por isso eu vim para cá.
- Arthur** Entendi. É, perspectiva de vida.
- Claude** Sobre a música, eu pretendo ser um dos melhores, um dos melhores que tem, pois... Eu quero almejar ao máximo pra talvez chegar lá. Desde o violão até o violoncelo, eu pretendo ser o melhor, pra assim, não ser algo grande, alguém

famoso, mas alguém onde eu mesmo saiba que eu sou bom.

Arthur Entendi. Instrumento.

Claude Eu toco, como disse, violão e violoncelo. Primeiramente o violão: eu não poderia dizer que é o que eu mais gosto, mas sim o que eu tenho mais afinidade. Violoncelo eu toco a pouco tempo, por isso não é tão... Tão grandioso assim. Eu acho violoncelo, apesar de tudo, mais difícil, pois para tocar novas músicas, a afinação que é mais complicada enquanto que no violão não.

Arthur Entendi, é, contribuição.

Claude A música contribuiu pra tudo, tudo. Eu pretendo viver com ela para o resto da vida porque é uma das melhores coisas que existe no mundo.

Arthur Como é que era antes assim, de você entrar na orquestra, a sua relação com a música.

Claude Eu não tinha relação. Eu não entendia o que era realmente música. Aquilo de você entender, ouvir uma nota e gostar daquilo. De ouvir uma música e entender que aquilo sim é diferente de uma música barroca, pra uma clássica, para uma contemporânea, uma moderna. A partir do momento que eu entrei aqui isso começou a mudar. Eu entendi mais e mais e agora eu gosto bastante.

Arthur É, importância.

Claude Importância?

Arthur De qualquer coisa, nada... Não vou definir o que, importante.

Claude Uma grande importância para mim são meus professores. Existem também vários artistas que eu vejo pela internet que me inspiram a tocar e tocar mais, mas meus professores estando presente aqui é o que faz eu ir mais para frente, aprimorar cada vez mais minha música.

Arthur Ahã, legal, medo.

Claude Meu medo é errar.

Arthur Errar?

Claude Quando eu estiver no palco, ciente daquilo e errar alguma nota, porque se eu estivesse lá eu deveria treinar, ter treinado bastante e errar é praticamente um pecado.

Arthur Uhum, entendi. Possibilidade.

Claude Possibilidade de entrar em uma grande orquestra. Começar a partir do Viver Bem pra ir pra uma maior como a orquestra de Campo Grande, para aí sim eu sentir que estou melhorando na música e se me convidassem para que eu entrasse lá seria uma extrema... Coisa ótima.

Arthur Uhum, legal. Como, de alguma forma, já aconteceu com alguns colegas seus?

Claude Uhum.

Arthur É isso. Mais alguma coisa que você queira falar, porque as palavras já acabaram.

Claude Não.

13ª Entrevista – Heitor

Arthur explica É, tá gravando já. É, eu vou fazer a entrevista. Essa entrevista ela não vai ser baseada por perguntas. Eu posso até falar perguntas, mas ela vai ser orientada pelas palavras-chave .

Início

Heitor Uhum

Arthur Então, vou falar uma palavra e peço que você fale alguma coisa sobre ela, tá? Primeira palavra é orquestra.

Heitor Orquestra, meu sonho, meu sonho, o que quero seguir, profissão, é isso aí, [...] eu sempre quis participar.

Arthur Ah, sim. Tenta falar sempre alto. É, Grupo Viver Bem.

Heitor Viver Bem, onde que eu comecei, que eu gosto porque foi de onde eu parti, meu ponto de partida, minha oportunidade pra entrar na orquestra.

Arthur É... Família.

Heitor Família. Essencial, né. Minha base de tudo, que me apoia, e se hoje eu estou participando dessas coisas é porque minha família me apoia. Meu pai, minha mãe.

Arthur É... Perspectiva de vida.

Heitor Perspectiva de vida. Terminar meu ensino médio, começar minha faculdade, é, de música. Pretendo de música, né, se meus pais autorizarem e seguir, terminar e...

Arthur Se seus pais autorizarem?

Heitor É, porque meio assim, não é 100%

Arthur Não tá muito definido.

Heitor É

Arthur Hehe.

Heitor Tá meio assim... Daí eu pretendo, de música, e trabalhar de música, daí pra frente.

Arthur Legal. É... Instrumento.

Heitor Instrumento. Toco alguns, o que eu mais gosto, o que eu mais identifico é o violão, daí tem também contrabaixo, percussão, essas coisas eu toco alguma coisa também. Pouquíssima coisa de tecla, piano, essas coisas.

Arthur É... Contribuição. Ajuda, alguma coisa que você contribui ou que contribui com você, que te ajuda, que te apoia, que te dá...

- Heitor Acho que minha família, o Viver Bem, que é o projeto que apoia a gente, que incentiva.
- Arthur* Mas de que forma que sua família e o Viver Bem te ajudam?
- Heitor A minha família, de permitir que eu esteja fazendo isso, né, às vezes me incentivando, também. Assim, pedindo pra eu procurar lugares assim pra eu poder seguir uma carreira. E o Viver Bem que abriu as portas, que esteve ali, onde a gente se reuniu e abriu oportunidades para a gente entrar e daí a gente vai abrindo espaço para outros lugares.
- Arthur* Sua família que te, que ficou sabendo daqui.
- Heitor É. Que me indicou. Foi um colega meu, na verdade, o [fala o nome do colega] aquele que já deve ter feito entrevista com você. Que, ele fazia curso de inglês aqui, daí ele ficou sabendo, né, daí ele falou pra minha mãe, daí minha mãe me avisou.
- Arthur* Ela já sabia que você gostava de música ou você não gostava?
- Heitor Não, eu fazia aula de violão, bem antes, bem antigamente, mas só que daí eu comecei e parei, porque o rapaz lá não pôde mais continuar dando aula. Daí eu entrei.
- Arthur* Importância.
- Heitor Importância, da música? Importância da música? Ah, importante que não é uma coisa que, por exemplo, assim, a gente não fica sem o que fazer, uma boa ocupação.
- Arthur* Ah, é?
- Heitor Uma boa ocupação e, eu acho que é isso. É uma coisa que eu gosto, né, que eu pretendo formar nisso, começar a ganhar meu dinheiro com isso, e é uma coisa que eu gosto, eu acho importante isso.
- Arthur* E como é que você, que a música ocupa seu tempo?
- Heitor Depois das minhas aulas, sempre no período da tarde, concertos, essas coisas, com a orquestra mesmo, e em casa também, que eu estudo, chego e estudo na parte da noite. Só no período da manhã que não dá, por causa da escola.
- Arthur* Ahã, tem que terminar o ensino médio.
- Heitor Mas o ano que vem, se Deus quiser...
- Arthur* Entendi. É... Medo.
- Heitor Medo... Medo de não conseguir passar no ENEM desse ano [isso assujeita] e começar minha faculdade ano que vem. Porque daí vai ser praticamente um ano

perdido.

Arthur É verdade.

Heitor Porque minha família sim, acho, de cara, não tem condição de pagar uma faculdade de música... Faculdade, né.

Arthur De música aqui só tem...

Heitor Acho que só a federal né? E dependo disso, e meu medo é não passar nisso aí. Tô estudando, mas tomara que eu passe, se Deus quiser eu passo. Porque senão é um ano que eu perco, né.

Arthur Mas é um medo que você tem.

Heitor Medo, assim [...]

Arthur Você acha que é muito provável de acontecer ou pouco provável?

Heitor Acho que pouco, mas, pode acontecer, né, tudo pode acontecer, né? Algum vacilo, na hora de fazer.

Arthur Entendi. É... Possibilidade.

Heitor Possibilidade... Possibilidade. Assim, como assim, possibilidade, em que sentido?

Arthur Uma coisa que possibilita novas coisas, possibilita coisas, de abrir portas, de futuro, de, possibilidade nesse sentido.

Heitor Possibilidade, acho que minha faculdade, de música, depois que eu fizer ela daí eu já vou ter, acho que, já mais, como que eu posso dizer, daí eu já vou poder mesmo seguir nisso, porque por enquanto eu tô só estudando, por causa da escola também. Daí acho que ano que vem, depois da faculdade, fizer faculdade daí vai estar mais livre e já vou ter mais conhecimento também para trabalhar nessa área.

Arthur É... Tem alguma outra coisa que você, que você pensa em dizer, porque as palavras-chave acabaram.

Heitor Não, por enquanto não, estou sem idéia.

Arthur Então é isso, interromper a gravação.

14ª Entrevista – Johann

Arthur explica Já tá gravando. Eu vou fazer. Em vez de fazer a entrevista por perguntas eu vou falar palavras-chave. Então eu vou falar uma palavra e você fala, relacionado ao que você pensou, tá bom?

Início Então, é, a primeira palavra é orquestra.

Johann Bom, é, orquestra pra mim é um conjunto de músicos que tocam. Aqui nós somos uma pequena orquestra de violinos, violoncelo e tem o contrabaixo também.

Arthur Mas assim, isso é o que é uma orquestra, mas e pra você como é participar dessa orquestra.

Johann Muito bom você poder tocar com uma orquestra. Interagir com ela, só do ato de você participar, assim, pensar que você faz parte já é especial pra você, se sente diferente.

Arthur Entendi. Vou falar mais uma palavra. É... Grupo Viver Bem.

Johann Grupo Viver Bem é tudo que os violinos também tem a parte do ballet. Quando juntam pra fazer apresentação, a que teve ano passado, fica muito bonito, também.

Arthur É.

Johann Daí, fazer curso aqui também, muito bom. Encontrar com os colegas aqui, toda semana, legal também.

Arthur É. Família.

Johann Família é uma responsabilidade, alguma coisa assim. Também tem muito amor, tem que ter entre a família, união. Uma coisa bem especial, também.

Arthur Especial.

Johann Importante, que acho que todo mundo acho que tem ou vai ter uma família.

Arthur Uhum, e a família pra você aqui, como que sua família contribui?

Johann Minha família aqui tem meus colegas tudo junto, conversando, trocando idéia, um ajudando o outro.

Arthur É, perspectiva de vida.

Johann Todo mundo sonha, né, em ter, ser alguma coisa na vida, mas, sempre focar em uma coisa certa, música, que é seguir uma carreira, se você quiser seguir uma carreira tem que se dedicar muito. Tem que levar a sério, nunca pode ficar, brincadeira, essas coisa. Isso aqui é um curso, é de graça isso, mas uma hora isso vai acabar, então tem que aproveitar bastante, conseguir arrumar um lugar pra

tocar, conseguir entrar numa orquestra. Essas coisas.

Arthur Legal. É, instrumento.

Johann Instrumento, o meu instrumento é violoncelo, então, cada um tem seu instrumento, cada um tem que ser bom no seu instrumento pra na hora que juntarem todos, ficar um som bonito. E se o violino só, se o violoncelo estiver errado vai estragar toda orquestra, então cada um tem que se aperfeiçoar no seu instrumento.

Arthur Eu tenho uma curiosidade, posso aproveitar pra perguntar?

Johann Pode.

Arthur Por que é que poucos alunos aqui tocam violoncelo?

Johann Bom, porque aqui foi bem assim no começo. Primeira turma que deu foi turma de violinos e uma orquestra sempre tem que ter mais violinos, porque violoncelos vai ficar sempre na base, daí os alunos que tocaram violino foram os primeiros, estão há 4, 5 anos aqui no curso. E os violoncelos entraram depois que a gente estava fazendo aula de violão, daí estava faltando. Começaram a chegar os violoncelos aqui na ONG, começaram a comprar, daí quem estava tocando violão passou pra violoncelo.

Arthur Quem quis?

Johann Quem quis, daí quem não quis ficou no violão ou foi pro contrabaixo, daí foi formando a orquestra.

Arthur O violão pra alguns foi meio que...

Johann Foi o começo. [...]

Arthur Contribuição.

Johann Nossa contribuição aqui pra orquestra é sempre ajudar esse projeto. Tudo as coisas. Respeitar, deixar nossa história aqui. Então essa é nossa contribuição.

Arthur Importância.

Johann Importância... É sempre tem essa importância, tem que levar tudo a sério, sempre algo muito importante, tem um propósito aqui. Tem que ter muita importância, não pode deixar passar, aproveitar mesmo.

Arthur Entendi. Medo.

- Johann Medo de ser muitas vezes não consegue fazer uma coisa vai sendo deixado para trás, deixar de estudar, essas coisas [...] Daí tem que estudar ainda pra não ter esse medo, quando está com seu instrumento, você tem medo de tocar mal, afundar a orquestra, tem essas coisas.
- Arthur* É, possibilidade.
- Johann Bom, tem muitas possibilidades aqui. Alguns podem ir atrás, se tornar grandes músicos, outros podem só fazer o curso e depois voltar para a vida que sempre tiveram, ou os outros podem continuar no curso aqui por muito tempo, então, essas probabilidades, né.
- Arthur* Você falou da vida que sempre tiveram. É, como assim?
- Johann Da vida que sempre tiveram, assim, da vida no bairro, assim, tem a rotina de casa, mas sempre se diferenciavam por causa do curso, tinha um curso, alguma coisa pra fazer, daí terminou esse curso, você poderia arrumar um emprego, de músico ou qualquer coisa assim. Mas se não dedicar pode voltar pra vida de ficar às vezes em casa assistindo televisão a tarde inteira ou então ficar brincando, correndo, essas coisas assim. Sem fazer nada.
- Arthur* Era isso, agora espera que eu vou [...]

15ª Entrevista – Anastasia

Arthur explica É... Eu vou fazer a entrevista não em forma de perguntas; eu até posso fazer uma pergunta ou outra, mas a entrevista vai ser baseada em palavras-chave. Como assim? Eu vou falar uma palavra, e você fala sobre ela: não uma definição, não dizer o que ela é, mas falar alguma coisa sobre isso, o que que isso te, o que você experiencia disso, o que que você acha disso, o que que você valoriza disso, tá? Primeira palavra é orquestra.

Início

Anastasia Bom, a orquestra, eu decifro assim, é uma orquestra que toca só música clássica, música conhecida também, e pra mim eu gosto muito porque eu não gostava muito de música clássica, eu achava que não fazia meu tipo, aí quando eu comecei a tocar, pegar o instrumento, tocar músicas que bem de Campo Grande mesmo, que tem a ver com Mato Grosso...

Arthur Essa que você estava tocando...

Anastasia Isso, eu comecei a gostar e, tipo, orquestra pra mim é um gesto sem comparação, qualquer pessoa ia gostar de assistir, qualquer pessoa gosta de ver. Então não é igual outras músicas que a pessoa ouve e fala, ah, a aquela não é. Então música clássica é umas básicas que todo mundo gosta.

Arthur Legal, é... Eu posso sair um pouco da sequência... Como que você veio começar a fazer aqui.

Anastasia Eu descobri pelos colegas meu que morava perto de casa e fazia, tipo a [fala o nome da colega]. Ela fazia aula, aí fiquei começando a saber, daí comecei a fazer vários cursos aqui e comecei a fazer curso de inglês, curso de ballet, de jazz, um monte de coisa, aí eu se interessei por violão, mas violão eu não tinha muita paciência. Aí resolvi fazer o violino, e violino eu tive paciência, aprendi e até hoje estou tocando.

Arthur Legal, agora vou continuar com as palavras: o Grupo Viver Bem.

Anastasia Grupo Viver Bem, ah, é como se fosse uma família para mim, porque tipo eu conheço todo mundo, todo mundo trata todo mundo bem, muito educativo eles. Ainda mais o pessoal que trabalha aqui, tipo, tem uns que achavam que eram chatos, que ia brigar muito, mas daí quando você entra no curso e começa a fazer aula e começa a conviver com eles, no dia a dia, você começa a perceber que é uma ONG que planeja coisas educativas para a gente, então assim, todo dia quando eu venho para cá eu penso, ah, hoje eu vou aprender uma coisa. Por que? Porque hoje eu vou aprender isso; nunca sabe o dia de amanhã, vai que eu estou em um espetáculo, em alguma coisa apresentando o que eu aprendi.

Arthur Aham.

Anastasia Aí então, é uma família para a gente aqui, quem coisa.

- Arthur* É... Família.
- Anastasia* Bom, família. Família é um modo bem de ficar. Porque, tipo assim, tudo que eu estou fazendo aqui eu penso na minha família. Eu estou fazendo um curso de violino, quando eu vou fazer apresentação eu penso neles. Penso assim: ah, se eu estou fazendo apresentação hoje, no dia de amanhã eu posso estar em outro pa... Em outra cidade fazendo apresentações, minha família sentir orgulho de mim, porque muita gente aqui não dava muito orgulho, não pensava que dava orgulho. Então comecei a prestar atenção, comecei a me comportar mais, agora estou me comportando bem, pra quando chegar um dia eu dar valor para minha família o que eu fazia antes.
- Arthur* Uhum.
- Anastasia* Então é isso.
- Arthur* Legal. É... Perspectiva de vida.
- Anastasia* Perspectiva de vida, afe. Num sei, carinho, amor, muita atenção.
- Arthur* Uhum.
- Anastasia* É isso.
- Arthur* E assim, e daqui o que que você pretende tirar, assim, pra sua vida.
- Anastasia* Eu estava pensando em formar em música, né, pra mim ser, pra dar aula, ser maestra, só que também tem o lado do ballet, que eu também quero ser bailarina, sei lá. Daí eu queria ser então, eu estou vendo o que eu quero ser, porque daqui tem muito futuro. Eu quero levar o futuro com violino e com ballet, vamos ver o que é que dá, mas eu queria mesmo formar em música, é o que eu gosto mais.
- Arthur* Querendo ou não, ballet também é música, né.
- Anastasia* É, querendo ou não, ballet também.
- Arthur* Hehehe, tá, instrumento.
- Anastasia* Instrumento... É, tem que ter muito cuidado, principalmente quando tá tocando você leva ele, você curte ele. Agora, tem que tomar cuidado quando você vai guardar, vai sair com ele, vai fazer apresentações, tem que cuidar. Porque muitas vezes você está tocando ele pode desafinar, pode dar uma afinação aqui, uma afinação ali. Isso muda. Aí então tem que tomar cuidado para não quebrar, tem que tomar cuidado para limpar, para afinação, tudinho, cuidado.
- Arthur* Legal. É, contribuição.
- Anastasia* Contribuição?

- Arthur* Aham. Que que você acha que você contribui com alguém ou que que aqui contribui com você? Ou outra pessoa, não precisa ser você.
- Anastasia* Ah, professor contribui comigo, de violino, a aula dele, pra mim aprender. E eu contribuo com ele no meu ensino, que eu estou mostrando para ele que eu estou levando a sério, que eu estou gostando, que eu estou valorizando.
- Arthur* Legal. É... Importância.
- Anastasia* A aula. Muita importância porque, você pode até perguntar, eu sou raramente muito difícil de faltar no curso. Só falto quando acontece alguma coisa muito grave, tipo, ficou doente, aconteceu um acidente, essas coisas. Mas faltar assim, nunca. Então dou muito valor no curso, assim, nunca falto, dou importância sempre porque eu gosto muito, todo mundo fala que é importante, então estou levando isso com muita importância.
- Arthur* É, medo.
- Anastasia* Ai, quebrar o violino, tipo, eu também já quebrei o violoncelo.
- Arthur* Quebrou o violoncelo!
- Anastasia* Na viagem.
- Arthur* Você quebrou qual violoncelo?
- Anastasia* Do [fala o nome do colega], do aluno. A gente estava em três lagoas daí eu caí em cima, quebrei, agora vou ter que pagar, vou pagar o violoncelo, certeza, porque foi descuidado meu, e meu maior medo é que aconteça alguma coisa comigo e eu tenha que sair do curso, que eu não possa mais realizar meu sonho que meu sonho era super tocar violino e fazer aula de ballet. Então meu medo é esse: perder alguma coisa, perder a aula, perder alguém da família também, meu medo.
- Arthur* Possibilidade.
- Anastasia* Possibilidade, ah, não sei, é... Futuro?
- Arthur* Aham.
- Anastasia* Seguir a carreira, não sei, carreira de música, assim.
- Arthur* Uhum, entendi. Eu vou voltar agora em uma coisa lá atrás, atrás não, na hora que você falou da contribuição, que o professor te dá aula e você dá o seu aprendizado. Eu achei interessante você falar disso, que, querendo ou não, se o professor desse aula sem que nenhum aluno aprendesse nada, ele ia ter que rever o método dele e, querendo ou não, é, você está realmente contribuindo com o professor de estar aprendendo e mostrando para ele que você está dedicando.
- Anastasia* Aham.

- Arthur* E não que esteja tudo certo, né.
- Anastasia* É.
- Arthur* Que todas as aulas sejam boas, que todas as dicas sejam boas, mas, assim, de você poder estar contribuindo com o professor, influenciando ele também.
- Anastasia* Influenciando ele a dar aula, porque você viu naquele dia da apresentação, ele chorou até porque ele estava vendo que o que a gente aprendeu a gente já conseguiu demonstrar pros pais, pros tios, avós, que a gente está conseguindo pegar a música, né, no violino.
- Arthur* Sim. Até falar, aquele dia, eu fiquei surpreso porque eu perguntei: “que música vocês vão tocar?” E vocês nem tinham...
- Anastasia* É, porque tipo assim, quando a gente vai fazer apresentação, chega no dia a gente não sabe, é na hora que a gente vai saber. Porque a gente aprende muitas músicas, mais de vinte músicas [curiosidades: quais as músicas do repertório] ao total. Aí vai misturando aqui, Mercedita daqui, Yesterday, Além do arco-íris, a gente não sabe, aí a gente até dá um palpite pro professor e o professor dá para a gente fazer, daí a gente acaba sabendo só na hora. Mas ainda bem que corre tudo bem.
- Arthur* Que bom.
- Anastasia* No final
- Arthur* Aham. Tem mais alguma coisa que você queira falar, minha parte...
- Anastasia* Não, acabou.
- Arthur* Então é isso, vou desligar aqui a gravação.

16ª Entrevista – Nicoló

- Arthur explica** Pronto, iniciou a gravação, é, eu vou explicar como vai ser a entrevista. Dessa vez a entrevista não vai ser baseada por perguntas, tá, eu vou falar, eu vou usar palavras-chave. Eu vou falar uma palavra e eu vou pedir pra você falar alguma coisa sobre ela. Tá bom? Então, a primeira palavra é orquestra.
- Início*
- Nicoló** Primeira palavra que veio na minha mente foi música, porque toda orquestra [...] por causa da música. A união entre os músicos, a convivência que você tem com eles a cada apresentação, a cada ensaio.
- Arthur** Aham, entendi. E de onde que você pensa todas essas coisas sobre orquestra?
- Nicoló** Como?
- Arthur** Assim, de onde você tirou isso? Você já viveu em alguma orquestra? Como é que foi?
- Nicoló** Já, agora eu estou na orquestra da [nome de outra instituição].
- Arthur** Também? Você está em duas?
- Nicoló** É. Viver Bem e lá. Então já é mais pessoas convivendo. A gente já foi nos festivais e eles fazem uma orquestra e a gente fica com as pessoas, conhece mais pessoas e é sempre a mesma união. Um músico tem que ser amigo do que está mais, mais amigo da pessoa do lado até do que uma pessoa da família. Porque você vai tocar com ela e a pessoa da família não, você vai viver o resto da sua vida.
- Arthur** Então é muito importante esse momento.
- Nicoló** É.
- Arthur** Vou para a segunda palavra. Grupo Viver Bem.
- Nicoló** Ah, pra mim, na música, simplesmente é, bem, é tudo, né. Quase tudo, porque eu irmão ensinou o violão. Mas aqui eu aprendi violino, violoncelo. Então, aonde que eu agora, por causa disso eu estou na orquestra também. Então aonde que se iniciou tudo, a fase, assim, de ser, como está começando a fase de ser um bom músico.
- Arthur** Como assim, começando.
- Nicoló** Porque é assim o início de tudo, quando a gente vai vindo, primeira fase, tipo quando a gente começa a estudar. Primeira, segunda série.
- Arthur** Aham, e quando que foi essa primeira fase?
- Nicoló** É... Já há um ano acho.

- Arthur* É? Tá, próxima palavra, família.
- Nicoló* Família é um incentivo, mais um incentivo. Porque sem a família, e sem o incentivo também, você não teria nada. E até porque eu não ia descobrir a música se não fosse meu irmão, e meus tios também que são músicos, então também é muito importante.
- Arthur* Seus tios são músicos de que tipo.
- Nicoló* Eles são, eles tinham um grupo de samba, mas agora não tem mais. Mas outros agora, dois tocam rock.
- Arthur* Hum, entendi. Mas de violino ninguém.
- Nicoló* Não, música clássica não.
- Arthur* É... E como que eles te incentivam assim.
- Nicoló* Eles falavam sobre o assunto, conversam bem, falam que não desista, pra a gente ser, sempre lutar, correr atrás, ajudar a manter. Porque eles sabem ler partitura e ensinam um pouco, muito, então, até que mais fácil.
- Arthur* Eles sabiam ler partitura apesar de não tocar música clássica?
- Nicoló* É.
- Arthur* Legal, vou para a próxima então, é, perspectiva de vida.
- Nicoló* Perspectiva de vida.
- Arthur* Você quer que eu fale um pouco, de outra forma?
- Nicoló* Sim.
- Arthur* Perspectiva de vida é o que você acha que vai acontecer, o que você quer que vá acontecer, na sua vida.
- Nicoló* Sim, eu quero ser um grande músico. Não tem outra opção. Quer dizer, opções tem, mas é o que eu quero pra minha vida, porque é o que eu gosto, é o que eu me adapto mais, na música [subjetivação, liberdade, estética, askesis].
- Arthur* Entendi, você se adapta mais na música?
- Nicoló* Sim.
- Arthur* Mais na música do que...
- Nicoló* [...] Outra [...] Eu estava fazendo curso de ciências, mas não [...] o que eu quero.
- Arthur* Entendi, é... Próxima palavra então: instrumento.

- Nicoló Instrumento [risos]. Depois do cachorro seu melhor amigo. [risos] É, você tem que cuidar dele, e ele tem que estar bom pra você tocar.
- Arthur* Uhum.
- Nicoló Então aí, mesma coisa o cachorro, você cuida, limpa o cachorro e quando alguém... Ele pode te defender, então cada um precisa do outro. Sem o instrumento a música não é nada. E o instrumento sem o músico também não é nada. Então pra mim também é super importante. Né. Não tem outra coisa.
- Arthur* Aham. Tá certo. É... Contribuição.
- Nicoló Pessoas que...
- Arthur* É pode ser pessoas.
- Nicoló Os professores. É... amigos, é [...]. As pessoas mais que ensinam são os professores. Sem eles a gente primeiro que, hum, é, quando a gente está ensaiando assim entre amigos, um sabe ensina pro outro, assim vai. Mas o que ensina para todos simplesmente é os professores.
- Arthur* Aham.
- Nicoló E o que é mais importante para o ensino, porque a gente também necessita, sempre vai necessitar de um professor. E pra gente ser um professor de música, dependendo dos músicos também, você tem que ter aula com o professor.
- Arthur* Então os professores são quem tem uma contribuição decisiva.
- Nicoló Tem.
- Arthur* Mas são só os professores que contribuem?
- Nicoló Sim, é, os alunos, nossa família também, outras pessoas que conhecem, sabem sobre a música.
- Arthur* E como que essas pessoas que sabem sobre a música ajudam?
- Nicoló Elas ensinam, elas... Porque eu tenho um amigo, é um amigo e ele faz, toca teclado, e ele sabe ler partitura, sabe, fez, terminou agora a faculdade dele na UFMS...
- Arthur* De música?
- Nicoló Aham. Ele é um grande músico, mesmo. E ele ensina bastante, assim. Ele toca com meu irmão. E ele é um, ele ensina assim pra mim, passa as coisas e, professor, amigo dele. Então ele ajuda também, bastante.
- Arthur* Aham.
- Nicoló Como outros amigos, também, do meu irmão, bastante ele ajuda até. Bastante

contribuição. [...]

- Arthur* Vou passar para a próxima então: importância.
- Nicoló* Uma pessoa importante...?
- Arthur* O que você quiser sobre essa palavra.
- Nicoló* Importância... A importância, acho que é o querer da gente. Porque o que a gente quer. Então, se você quer aquilo, você tem que colher a graça, você tem que saber o que você está querendo [...] É isso. Pra mim é o que...
- Arthur* Espera aí, vamos conversar mais um pouco sobre isso. Quando você quer, como é que é?
- Nicoló* Não, porque, até que eu não entendi, mas eu acho que a gente, nosso, aquilo que a gente quer, a gente... Você faz faculdade de...?
- Arthur* Psicologia.
- Nicoló* ... Clínica.
- Arthur* Na verdade eu faço mestrado, faculdade já terminei.
- Nicoló* Aí a gente tá fazendo música, simplesmente a importância para você é psicologia, pra mim é música.
- Arthur* Aham.
- Nicoló* E é a música.
- Arthur* Não, sim, eu queria saber um pouco mais sobre esse querer. Quando você quer, você corre atrás. Mais ou menos isso?
- Nicoló* É, você, se você quer aquilo, é aquilo que você tenta conseguir.
- Arthur* Você tenta conseguir? E os desafios?
- Nicoló* Ah, muitos desafios também, pra...
- Arthur* Fala um pouco sobre alguns desafios.
- Nicoló* É assim, quando começou, eu fazia aula de violão, aí as posições do violino eram diferente. Você tem que ter unha pra tocar violão. Já no violino não pode ter unha. [Risos] Pra tocar violoncelo também não pode ter unha, mas pode ter... Mão direita, pra tocar o violão, mas o violino não pode
- Arthur* Ah, [risos].

- Nicoló Pra tocar teclado também, aí já é outra coisa. Daí você abre mais os dedos e no violino já é bem fechado. Então quando você abre você acostuma, você tem que ser fechado. É, [...]
- Arthur* Desculpa, não ouvi.
- Nicoló Os métodos são difíceis, é, que você tem que ficar treinando, treinando muitas vezes. Pra você saber tocar eles. São provas. Os professores passam os métodos, você estuda, toca, bem [...]. Os concursos também, pra entrar, na orquestra, os testes antes de entrar. Então tudo isso é, são dificuldades.
- Arthur* Entendi.
- Nicoló Fora outras coisas, porque a gente estuda. Aí, conviver, sem. Eu fazia curso de inglês e curso de ciências, então o horário, assim, é ruim. No estudo a gente tem que ter horário para tudo isso, então isso aí é muita dificuldade.
- Arthur* Verdade.
- Nicoló É isso.
- Arthur* É, mais uma palavra, medo.
- Nicoló Medo na vida em geral?
- Arthur* Alguma coisa, algum medo.
- Nicoló Que eu tenho... Aí é difícil.
- Arthur* Uhum.
- Nicoló Num tenho, até que não tanto assim. Mas toda pessoa pessoa tem medo, assim, de acontecer alguma coisa, medo mas todo mundo fala, resumindo, medo da morte, que todo mundo tem. É, até que medo não, mas não querer morrer. Querer viver mais a vida. E graças a Deus que eu não tenho nenhuma doença. Pelo menos disso eu posso até viver muito tempo ainda. Mas, assim, é isso. Medo da morte. Não medo da morte, mas mais que ela não venha rápido pra mim. É isso.
- Arthur* Tá certo. Possibilidade.
- Nicoló Possibilidade de eu não ser um músico. Porque eu não, minha mãe tá querendo mudar pra outra cidade. Então se eu for com ela vai demorar, daqui dois anos eu vou voltar então já vai ser um grande atraso para a música. Então, é, ou ainda ela querer ir mais para longe. Minha mãe ficar querendo, ela tá pensando daqui três anos ir para a África. Então vai ficar muito ruim mesmo.
- Arthur* Você acha que vai ficar ruim?
- Nicoló Ah, tenho certeza.

Arthur Tem? Mas antes de ir para a África, ela não quer ir para outro lugar.

Nicoló Não. Quer...

Arthur Onde que é?

Nicoló Uma cidade aí perto de Nova Andradina.

Arthur Ah, é lá. Lá num deve ter professor mesmo.

Nicoló É

Arthur Lá é perigoso você dar aula [risos]

Nicoló Então essa é a possibilidade. De você não alcançar seu sonho.

Arthur Entendi.

Nicoló O que você quer ser mesmo. É isso.

Arthur É, mais alguma coisa? As palavras já acabaram.

Nicoló Não.

Arthur Então está certo, vou encerrar a gravação.

17ª Entrevista – Flora

Arthur explica Então, vamos começar a entrevista agora, eu vou anotar algumas no papel, que eu achar que precisa, mas no geral eu não vou anotar, vou só gravar o que você for falar. Vai funcionar assim: eu não vou te fazer perguntas, eu posso até te fazer, mas eu vou falar palavras-chaves e você vai falar sobre aquilo. Tá? Isso pra minha pesquisa é pra saber a importância da orquestra pra vocês, ta certo? Então vamos começar. Família.

Início

Flora Família representa pra mim pessoas que me cuidam, que me ajudam, que me incentivam a estudar, a praticar as coisas que eu gosto. Só isso.

Arthur Orquestra.

Flora Orquestra? Representa um grupo de pessoas que sonham em prestigiar o futuro. O seu futuro, por exemplo, conseguir um bom, uma boa faculdade, em outros países por exemplo, Estados Unidos, França, e é só isso.

Arthur Mas de que orquestra você tá falando?

Flora Daqui mesmo.

Arthur Você ta falando dessa orquestra?

Flora Aham.

Arthur Porque eu falo orquestra e você pode falar tanto dessa orquestra como de outra orquestra. Perspectiva de vida.

Flora Perspectiva de vida... Quer dizer que... Eu vou construir meu futuro, eu vou tentar ser uma professora, e vou tentar fazer uma faculdade na França. Só isso.

Arthur Instrumento.

Flora É violoncelo, violão, violino e viola.

Arthur Contribuição.

Flora Contribuição é... Com o curso que eu estou fazendo, no meu futuro vai ter uma contribuição do esforço que eu fiz.

Arthur Contribuição de quem pra quem?

Flora Para o professor.

Arthur E você vai ser professora?

Flora Aham.

- Arthur* E você vai contribuir? Ou vai “ser contribuída”?
- Flora* Não, vou contribuir.
- Arthur* Importância.
- Flora* Importância... do que eu estou fazendo, violino, *ballet* e estou estudando bastante pra mim conseguir um futuro melhor.
- Arthur* Medo.
- Flora* Medo? Medo de não conseguir fazer o que eu quero no futuro.
- Arthur* Possibilidade.
- Flora* Possibilidade... Conseguir estudar bastante para me formar alguém. Que não seja professora de violino, alguma outra coisa.
- Arthur* Como assim?
- Flora* É... Professora de escola, de educação física.
- Arthur* Só?
- Flora* Só isso.

18ª Entrevista – Renée

Arthur explica Bem a entrevista vai ser assim, eu vou falar algumas palavras e você vai falar sobre essas palavras. Tá certo? Eu não vou fazer perguntas, vou até fazer perguntas mas pra esclarecer melhor, ta bom? Eu vou falando as palavras e você falar, ta? Chega bem perto aqui, tenta falar por que senão vou me... vou sofrer meu ouvido pra passar a entrevista.

Início

Arthur **Orquestra.**

Renée Tudo, é pra mim, eu aprendo mais, várias músicas. Eu aprendo muitas músicas, igual hoje, eu to aprendendo uma nova música... Só.

Arthur Posso fazer um pouco mais de pergunta?

Renée Pode sim.

Arthur Assim, você diz que a orquestra te ajuda a fazer mais músicas, mas fora da orquestra como é que seria? Como você faz fora do orquestra?

Renée Ah, eu ensaio bastante né, por causa das apresentações, que no final desse ano a gente vai se apresentar. Ai mais pra frente eu continuo ensaiando em casa, na hora que eu vou dormir eu ensaio, à tarde, de manhã.

Arthur **Grupo Viver Bem.**

Renée Ham? Como assim?

Arthur É o instituto aqui, o nome da instituição, da entidade. Grupo Viver Bem.

Renée Como assim?

Arthur Essa entidade, o nome dessa entidade, o que é ela pra você?

Renée Ah, tudo!

Arthur Tudo como?

Renée Ai meu Deus, eu não vou saber explicar.

Arthur Não tem problema, não precisa saber, não tem certo e errado. É o que você for falar.

Renée Não faço nem idéia.

Arthur **Família.**

- Renée Como assim?
- Arthur Família.
- Renée Ai, também é tudo, por que né, senão fosse pelo meu vô eu não estaria aqui aprendendo músicas.
- Arthur Ah é? Por quê? Como que ele te ajudou a chegar aqui?
- Renée Não, é por que a minha casa fica aqui perto, ai pra mim, que eu queria aprender aula de violão, ai não tinha, ai eu aprendi a tocar violino, meu vô me colocou aqui.
- Arthur Entendi. E como é que é pra você? Você queria aprender violão e tá aprendendo violino? Como é que foi isso?
- Renée Ah, foi meio complicado.
- Arthur E hoje?
- Renée E hoje eu to bem né, melhor no violino do que no violão.
- Arthur Ah é? Você preferia o violão ao violino e agora prefere o violino ao violão. Legal. **Perspectiva de vida.**
- Renée Como assim?
- Arthur Perspectiva de vida, o que é que você tem de perspectiva de vida, e o quê que isso tem há ver com aqui, a orquestra, com isso.
- Renée Eu não entendi a pergunta...
- Arthur O seu futuro.
- Renée O meu futuro? ... Deixa eu ver... Ser professora de violino, ajudar os alunos, né. Ajudar eles a tocar música. Só, eu não lembro mais nada pra falar, eu esqueço.
- Arthur Tá. Aqui, água, bebe um pouquinho pra ficar mais tranqüila. Obrigada. Desculpa.
- Instrumento.**
- Renée Que eu toco?
- Arthur Fala alguma coisa sobre instrumento.
- Renée O violino, por exemplo, deixa eu ver. O violino pra mim é tudo né, porque, são... Nós aprendemos bastantes músicas com ele, se não fosse por ele, o quê que a gente ia ficar? É, por exemplo, por exemplo, eu, sem o violino, eu não estaria fazendo nada. O violão é meio complicado pra tocar também, né. Por causa que...
- Arthur Por que é complicado?

- Renée Por que são seis cordas, e eu não aguento muito, seis cordas, quatro cordas, o violino é melhor.
- Arthur Você acha o violino melhor? Mais fácil?
- Renée É mais fácil, porque tem quatro cordas e é mais fácil de pegar. Porque é mais prático. Acho que só.
- Arthur Tá. **Contribuição.**
- Renée Como assim?
- Arthur O que contribui pra você ou você o que contribui.
- Renée Eu não entendi essa pergunta.
- Arthur Contribuição é como se fosse uma ajuda. Como que aqui ajuda você, como que outras coisas ajudam você e como que você ajuda, e como você que ajuda.
- Renée Quando eu quero ajudar, eu ajudo meus colegas, por exemplo, hoje a *Irene*, o professor estava falando sobre uma nota do violino, ai ela colocou o dedo na corda errada, ai eu fui e ajudei ela a colocar na coisa certa, e o professor me ajuda bastante lá e os outros alunos, porque eu tenho meio dificuldade, vou fazer um ano e pouco né, então eu não sô muito de ensinar [...], eu não tenho muita paciência.
- Arthur Como assim?
- Renée Assim, é que eu sou meio irritada, não tenho paciência de ensinar ninguém.
- Arthur Mas você tenta ajudar? Hoje você conseguiu ajudar.
- Renée Tento. Hoje eu consegui.
- Arthur Legal. E os professores conseguem te ajudar?
- Renée Conseguem. Tem que ter paciência pra poder ensinar.
- Arthur É? Mas eles tem?
- Renée Aham.
- Arthur Geralmente?
- Renée Não, geralmente não, né. Mas quando pega no pé comigo eu sô braba.
- Arthur Então é um desafio pros professores dar aula pra você?
- Renée Um desafio? Deixa eu ver... Pode ir pro resto?
- Arthur Pode. Tá, **importância.**

- Renée Importância pra mim é tudo.
- Arthur O quê? Importância de alguma coisa.
- Renée Do violino.
- Arthur Do violino. O violino é importante pra tudo?
- Renée É pra mim...
- Arthur Como é que é esse tudo? Fala um pouquinho mais, tudo é muito abragente...
- Renée É assim, o violino é tudo pra mim porque ele, porque eu ensaio bastante, como eu já disse, eu ensaio bastante, eu não deixo de ir lá, às vezes, quando eu estou com uma preguiça que não me deixa em paz, aí eu fico deixando de lado e não toco. Ai é muito arruinado pra mim.
- Arthur Arruinado? Por que arruinado?
- Renée É que é assim, porque quando eu quero tocar violino a preguiça não deixa, aí quando eu quero mesmo, eu consigo tocar, aí por exemplo, você já ouviu falar da música "Star day" ?
- Arthur Desculpa.
- Renée "Star day".
- Arthur "Star Day"? De estrela no inglês?
- Renée É.
- Arthur Não, nunca ouvi falar.
- Renée Então, eu to tocando essa música, o professor começou sexta-feira, terça-feira, nessa terça agora, que começou, eu aprendi ela tudinho, já. Já foi muito rápido!
- Arthur Está aprendendo mais rápido.
- Renée Tô aprendendo mais rápido que os outros alunos. Só.
- Arthur Tá, vò perguntar mais uma. **Medo.**
- Renée Medo? Como assim?
- Arthur Medo, relacionado a isso que a gente ta falando. Você tem algum medo? Fala, pensa algum medo, você vê algum medo?
- Renée É sim, eu vejo.
- Arthur O que?
- Renée De não fazer mais aula de violino.

Arthur Você tem medo?

Renée Tenho.

Arthur Por que isso poderia acontecer?

Renée Assim, porque eu não ando ensaiando em casa, esses tempos atrás meu vô disse que ia me tirar, ai eu fiquei com bastante medo de sair do violino.

Arthur Entendi.

Renée Só.

Arthur Então é difícil pra você ensaiar? Mas não é difícil tirar música, você está indo bem apesar de tudo, mas você também não deixa de ensaiar de vez.

Renée Aham, aham.

Arthur Tá. Última agora. **Possibilidade.**

Renée Como?

Arthur Possibilidade.

Renée Como assim?

Arthur Que possibilidade o violino te dá.

Renée De tocar! Se souber, tocar.

Arthur Mas o quê que você vê assim, te possibilitando, daqui pra frente, além de tocar. O quê que você vai fazer com esse tocar? Você só vai tocar?

Renée Não, vô fazer apresentação pelos outros países, fazer apresentação, sair de Campo Grande, ir pra outros estados, pra outros países, e continuar minha carreira como tocadora de violino.

Arthur Você quer tocar violino, assim, como profissão?

Renée Aham.

Arthur Como única profissão?

Renée Como a única profissão.

Arthur Ou professora de violino?

Renée Ou professora também. Só isso.

Arthur Tá, pode falar agora do desafio.

Renée O desafio do professor, é que de dá três músicas de uma vez, pra mim ensaiar

tudo de uma vez e passar tudo sem olhar nas partituras.

Arthur Aham.

Renée E vai ser complicado.

Arthur Tá certo.

Renée E só.

Arthur Aham, obrigado.

19ª Entrevista – Helen

Arthur explica Arthur: bem, a entrevista vai ser assim, eu não vou fazer em forma de perguntas, eu posso até fazer perguntas, mas vai ser baseado em palavras-chaves. Eu vou falar uma palavra e você fala alguma coisa sobre ela. Tá certo? Se eu acho que ficou alguma ainda que eu quero investigar, ou enfim, se não ficou claro ou se eu pensei em outra pergunta, eu pergunto, se não vai ser por palavras.

Início

Helen Mas vai falar uma palavra eu falo outra?

Arthur Do jeito que você quiser, mas não responde com uma palavra só. Fala sobre a palavra. Tá? **Orquestra.**

Helen Orquestra, ah, é bom, eu quero um dia participar.

Arthur Você não participa ainda?

Helen Não, comecei ano passado, ainda tô aprendendo.

Arthur Mas os ensaios não deixam de ser orquestra?

Helen Ah, eu não sei...

Arthur Você diz mais de se apresentar?

Helen Mas no final do ano nós nos apresentamos, pode considerar uma orquestra. No fim do ano nos apresentamos lá e tal.

Arthur Mas você ainda quer participar de uma orquestra maior?

Helen Ah, eu quero.

Arthur Legal. **Grupo Viver Bem.**

Helen Nossa! É ótimo! Eu ficava em casa lá sem fazer nada, ai de repente eu fiquei sabendo, uma amiga minha me contou, ai eu vim fazer o curso aqui, e é ótimo.

Arthur Legal. **Família.**

Helen Nossa! Muito importante, minha família ta sempre junto comigo, é bem unida, assim.

Arthur **Perspectiva de vida.**

Helen Como assim?

Arthur O que você vê assim, de perspectiva de vida relacionado ao que a gente ta falando.

- Helen A orquestra? Ah, eu quero né, tipo, trabalhar de orquestra, mas não disso, eu quero trabalhar de outra coisa também, entendeu, mas não sei do que ainda. Mas não quero trabalhar só nisso.
- Arthur* Mas essa já é uma coisa que você, assim, se interessa?
- Helen É, bastante.
- Arthur* Legal. **Instrumento.**
- Helen Ah, instrumento é a melhor parte que tem né, porque é o que a gente faz, ah eu gosto, eu vou começar também a fazer outras aulas, fora daqui também. Aí vai ser bom. Tocar mais instrumentos.
- Arthur* **Contribuição.**
- Helen Como assim?
- Arthur* O quê que contribui, o quê que ajuda, o quê que dá alguma coisa a mais.
- Helen Ah! Tudo, o professor, os alunos, acho que todo mundo aqui, é bom, fica mais fácil de aprender, melhor.
- Arthur* **Importância.**
- Helen Ah! Importância, tudo também, aqui tudo é importante para a gente. Cada segundo é importante, da aula, tudo.
- Arthur* Importante como? Assim, só pra explicar um pouquinho melhor.
- Helen Ah, tipo faltando, tipo, faltando, a gente não aprende, sabe, eu faltei semana passada, agora tem que ficar pegando tudo de novo, aí atrasa os outros alunos, aí compensa mais vim direto do curso sempre.
- Arthur* **Medo.**
- Helen Medo, nossa, senti muito já. Mas daqui, do que a gente ta falando, não tenho medo de nada.
- Arthur* Aqui é sem medo.
- Helen É, normal.
- Arthur* **Possibilidade.**
- Helen Como assim?
- Arthur* O que é possível, o que você vê assim, de acontecer em um futuro próximo , o quê que já está acontecendo, o quê que isso aqui te possibilita, te permite pensar, fazer, querer...

- Helen Eu não sei, por que eu to começando agora, aí não sei se vai dá pra fazer ano que vem. Não sei... Direito...
- Arthur* Por que não poderia dar?
- Helen Ah, não sei, é que talvez vou ter que estudar de manhã, não sei, talvez vou começar a trabalhar, não sei. Mas eu vou continuar fazendo sim, talvez eu possa mudar de ONG.
- Arthur* Legal.
- Helen Vô continuar fazendo, mas não aqui, em outro lugar.
- Arthur* Então mesmo que você não continue aqui, aqui teve uma importância? De te possibilitar e deixar você...
- Helen Ah, foi onde eu comecei, né, primeiro lugar. Aí foi aqui, é bastante importante aqui, mas acho que vou continuar fazendo aqui sim.
- Arthur* Legal. Tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer agora?
- Helen Não, é só isso.

20ª Entrevista – Audrey

Arthur explica A entrevista não vai ser em forma de perguntas. Posso até fazer até perguntas, mas a entrevista vai ter como base as palavras-chaves. Então eu vou falar uma coisa, uma palavra e você vai falar sobre essa palavra, o que você acha, o que você teria a dizer sobre isso. Então vou começar.

Início

Arthur **Orquestra.**

Audrey Ah, a orquestra pra mim é muito importante, porque a gente participa em grupo, pra tocar com as outras pessoas, você tem que saber né, assim... Ah, como eu digo isso, você tem que participar em grupo, saber, se encontrar com outras pessoas.

Arthur **Grupo Viver Bem.**

Audrey Ah, o grupo Viver Bem foi muito importante pra mim, porque eu sempre quis fazer esses cursos e eu nunca achava em nenhum lugar né, ai o grupo me deu a chance de fazer esses cursos.

Arthur Quais são os cursos?

Audrey O *ballet*, o Jazz, o violino, ai eu já fiz violão, inglês e a pintura.

Arthur Você ainda faz algum desses cursos?

Audrey Não, parei.

Arthur Mas você ainda faz *ballet*, violino e o jazz?

Audrey É.

Arthur Você fez várias coisas aqui, e ainda faz.

Audrey É, ainda o bordado também eu fiz.

Arthur Bordado?

Audrey É o bordado.

Arthur **Família.**

Audrey Família é tudo pra mim minha família, se não for eles, você não vai pra lugar nenhum. Sem a ajuda deles eu não estava aqui.

Arthur Ah, é? Como eles te ajudaram?

Audrey Ah, o meu pai, o meu pai me incentivou, porque ele toca violão, aí e ele sempre quis que eu começasse a tocar, pra tocar junto com ele, aí eu comecei o violão, mas eu não gostei muito, aí eu gostei mais do violino, aí eu fiquei com o violino.

Arthur **Perspectiva de vida.**

Audrey Ah, eu pretendo, né, continuar no violino, tocar, conseguir né, o meu futuro com o violino, mas se eu não conseguir, né pela música eu pretendo, pela dança ou ser arquiteta.

Arthur **Instrumento.**

Audrey Instrumento? Ah, violino, é importante, porque se não tivesse, não sei o que é que ia estar fazendo agora, né, poderia estar pela rua, ou sei lá, fazendo outra coisa, mas eu to aqui tocando.

Arthur Aqui você diz na hora da aula?

Audrey É.

Arthur E você estuda bastante em casa?

Audrey É... Não tem muito tempo por causa dos cursos...

Arthur Ah, é verdade.

Audrey Só que eu ensaio alguns dias assim, quando eu tenho tempo.

Arthur Por isso que você, realmente, não fica fora daqui, não faz outras coisas, porque além do violino tem o *ballet* e o jazz.

Audrey É.

Arthur O *ballet* e o jazz é uma vez por semana também?

Audrey É, isso... E tem a escola também, aí eu jogo futebol também. (risos) Eu participava também de um campeonato.

Arthur Aí fica bem corrido... **Contribuição.**

Audrey Contribuição... Acho que contribuição... É contribuir com as outras pessoas né, fazer o bem só, contribuir com o bem, não sei.

Arthur Mas como você vê? Alguém contribuindo com você ou você contribuindo com alguém?

Audrey No violino eu posso contribuir assim com alguém ajudando ela a ensaiar, a melhorar a parte dela.

Arthur Ela quem?

- Audrey A minha amiga, a pessoas, elas pode contribuir, assim, do mesmo jeito.
- Arthur* **Importância.**
- Audrey Ai... importância... pode ser o violino, é importante pra mim, minha família, *ballet*, Deus, também.
- Arthur* Então muitas coisas que são importantes pra você estão por aqui?
- Audrey É. Acho que isso o que eu tenho pra falar.
- Arthur* Você está no *ballet* há quanto tempo?
- Audrey Ah, eu comecei aos 7.
- Arthur* Faz tempo!
- Audrey Tem 6 anos.
- Arthur* Aham.
- Audrey Quando eu mudei pra cá, que eu não morava nesse bairro, eu morava no Estrela Do Sul, aí quando eu mudei pra cá estava abrindo o projeto, aqui, que era em outro lugar.
- Arthur* Então você foi uma das primeiras.
- Audrey É, aí eu comecei a fazer o *ballet*, aí depois eu entrei no inglês e fui entrando nos outros cursos.
- Arthur* legal. E no violino você ta há quanto tempo?
- Audrey No violino... vai fazer, acho que, três anos e meio.
- Arthur* Já é bastante tempo.
- Audrey Não lembro muito o ano que começou, acho que foi em 2008 ou 2010, não sei, não lembro.
- Arthur* **Medo.**
- Audrey Medo. Tenho medo de perder minha família, de acontecer alguma coisa comigo e eu ter que parar de tocar violino, de tocar, de dançar *ballet*, né. Medo também de ficar sozinha.
- Arthur* Sozinha como?
- Audrey assim, sem família, sem amigos. Acho que é isso, é disso que eu tenho medo.
- Arthur* **Possibilidade.**

Audrey Possibilidade... Talvez há possibilidade de parar, né, de tocar violino, e fazer outra coisa né, tem arquitetura, tem engenharia.... Sei lá. Não sei mais, acho que é isso. Só isso.

Arthur Só isso.

Audrey Tá.

Arthur Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Audrey Não.

Entrevista com os alunos da manhã

- Arthur explica** Essa aqui é a gravação da entrevista que eu estou fazendo com os alunos da manhã aqui da orquestra. Vou primeiro perguntar para a G., porque que você veio até esse projeto? Porque você procurou aqui?
- Flora Por causa dos cursos, eu me interessei muito pelos cursos daqui. Bom, pelo menos pelo ballet eu comecei. Depois, quando eu fiz 8 anos eu entrei no violino, me interessei por ele. Depois o inglês, adoro inglês.
- Arthur* Você participa desses três cursos?
- Flora Isso.
- Arthur Mais alguma coisa? Obrigada.
Você Renée
- Renée Pula, por favor.
- Arthur Tá, eu, quer que depois eu volte para você? Tá. Perguntar para a Umma.
- Umma Eu comecei a fazer violino por causa que a minha prima tinha, começou a fazer violão, aí ela falou que tinha aula de violino e eu gosto muito de violino.
- Arthur Por isso?
- Umma Aham
- Arthur Mais alguma coisa? Agora eu vou perguntar para Deneve. Quer que eu pule? Depois vou ter que fazer essa pergunta para vocês. Agora então é a Helen.
- Helen Eu comecei a fazer esse curso porque não tinha nada para fazer em casa e que queria alguma coisa para fazer. Só isso.
- Arthur Tá, mas porque esse curso, por que não outra coisa?
- Helen Não, porque eu gosto muito de música. Realmente, tinha vaga nesse só.
- Arthur Entendi, agora Clarice, você pode aproximar um pouquinho, porque o computador não vai chegar até você. Tá, vamos voltar para as outras meninas. Renée.
- Renée Eu me interessei porque eu não tinha nada para fazer em casa também, aí meu avo [...] violino. Eu não consigo [para uma colega] Aí ele colocou eu no violino para tocar música, aí pra esse ano eu vou fazer ballet. Me interessei bastante no violino.
- Arthur Quer falar a Clarice ou a Deneve? A Clarice lembrou, [...] Pode falar, mas chega mais perto.

- Deneve Eu [risos] Eu não vou conseguir falar não.
- Arthur Tá, vai arranjando coragem aí.
- Clarice Eu me interessei nesse curso porque eu gosto muito de tocar violino. Toco desde os 8, agora eu tenho 12. E eu comecei a fazer porque eu gosto muito.
- Arthur Você começou a tocar aqui mesmo? Então faz quatro anos que você está fazendo violino aqui? Legal.
- Deneve Vixe, a história é grande...
- Arthur Pode contar
- Deneve Eu comecei a tocar violão aí depois eu parei, daí eu comecei a tocar violoncelo daí também parei e agora estou no violino, porque eu gosto de tocar mais violino que os outros que eu tinha tocado antes.
- Arthur Entendi, tudo isso foi aqui?
- Deneve Aham.
- Arthur Com que idade você começou?
- Deneve 12. Eu tenho doze ainda. [risos]
- Arthur Você já trocou de dois instrumentos só em um ano. Agora a segunda pergunta: qual que é a expectativa de vocês de participar desse projeto, o que que vocês esperam dessas atividades.
- Flora Ir para muitos lugares, fazer muito sucesso, com grandes músicas clássicas, sertanejas, e é só isso.
- [...]
- Arthur A pergunta é: o que você espera, quais as expectativas?
- Umma Fazer apresentações em muitos lugares... E só isso.
- Deneve Aprender a tocar mais e fazer apresentação em outros lugares e em outros países e só.
- Helen Minhas expectativas são melhorar, né, bastante, fazer sucesso, e participar da orquestra.
- Arthur Melhorar, você diz, as suas habilidades de música.
- Helen Faz pouco tempo.
- Arthur Quando que você começou?

- Helen Ano passado, faz um ano só.
- Clarice Eu espero ter muito sucesso, viajar por muitas cidades, estados, países, e aprender a ter mais habilidade em tocar.
- Renée Eu preciso melhorar, fazer sucesso e fazer apresentação em outros países, só
- Arthur Eu vou parar um pouquinho a gravação. Eu vou abrir outra gravação. Liguei o gravador para começar outra entrevista. A primeira pergunta é: qual a importância, para vocês, desse projeto que ensina música erudita.
- Clarice É, importância, deixa eu ver.
- Arthur É, a importância disso aqui.
- Deneve A importância acho que é que ensina várias crianças, vários adolescentes e ajuda a aprender, a tocar, cada vez mais.
- Umma E aí às vezes se a gente pode tocar em shows, em shows não, em igrejas em muitas coisas mais.
- Renée É... Eu, é porque, esse... Esqueci, pode passar.
- Clarice Eu acho importante porque pode ser meu futuro, posso me formar em ser professora e... só.
- Helen Qual a pergunta?
- Arthur A pergunta é: qual a importância para você da participação nesse projeto.
- Helen Eu gosto muito porque eu mudei bastante depois que eu comecei a fazer o curso. Comecei a fazer por fazer mesmo e com o passar do tempo comecei a gostar de verdade. É muito importante aqui.
- Flora Eu gostei muito porque em vez de muitas crianças ficar na rua aprendendo tudo que não presta, elas estão fazendo um curso, pelo menos ajuda a desenvolver, [...] aprender a escrever, muitas coisas.
- Arthur Algumas de vocês, não digo vocês 6, mas alguma de vocês estariam estaria em outro lugar?
- Todas Não.
- Arthur Vocês não?
- Todas Não.
- Arthur Tá. Agora falta você Renée, qual a importância disso aqui na sua vida?

- Renée A importância para mim é que a gente pode ajudar as outras pessoas que ficam na rua, [...] crianças e adolescentes e... Pode começar a fazer o projeto, aí melhorar.
- Arthur Entendi, vocês já conheceram aqui alguém que tinha algum problema desses, de violência, de rua?
- Todas Não.
- Arthur Então vou fazer mais uma pergunta que é, só mais uma, assim, depois que eu fizer essa última pergunta a gente pode continuar conversando alguma coisa que vocês queiram falar para eu gravar. A última pergunta é o que vocês estariam fazendo da sua vida agora se não tivesse a participação nesse projeto?
- Deneve Estaria em casa fazendo nada porque não tem nada para fazer em casa
- Umma Eu estaria ajudando a minha avó ou minha mãe e às vezes ia para algum lugar.
- Flora Eu estaria na casa das minhas amigas, da minha avó, ajudando a arrumar a casa, só isso.
- Clarice Eu estaria na rua brincando
- Helen Provavelmente estaria fazendo outro curso.
- Clarice Eu estaria lavando louça [risos]
- Arthur Lavando louça [...] Você quer dar outra resposta, Renée?
- Renée Eu posso ficar na casa das minhas amigas brincando ou em casa, fazendo nada.
- Arthur Agora se vocês quiserem falar mais alguma coisa, não vou desligar agora, a gravação. Mesmo que vocês não tenham, eu vou esperar um pouquinho para ver se aparece alguma coisa que vocês queiram falar. A Umma já quer falar alguma coisa.
- Umma Eu gosto muito de fazer, antes eu fazia ballet só que eu desisti por causa que eu comecei a ir para a igreja de manhã. Aí às vezes a gente almoçava na casa de alguém. Só.
- Arthur E vocês meninas? Pode falar outras coisas, não necessariamente ligadas às perguntas que eu fiz.
- [longo silêncio, ou melhor, falas inaudíveis]
- Clarice Eu agradeço por ter esse curso por mim ter aprendido mais e por eu estar agora onde eu estou. No Viver Bem, fazendo muitas apresentações, e só, num vou falar mais.
- Umma Teve uma apresentação que o homem ficou tão emocionado que deu dinheiro

- para a gente.
- Clarice você é louca.
- Arthur Eu á conheço essa história, é legal.
- Cochichos Deu dois mil reais.
- Arthur O que? Ah, não quer falar na gravação? O que mais?
- Clarice Nada não. [...]
- Renée Aqui, ela quer falar uma coisa.
- Umma É muito legal fazer violino que eu aprendo mais e mais.
- Arthur Eu vou perguntar mais uma coisinha rapidinha [alguma protesta] por causa que, é, no outro grupo [o da tarde] apareceu a questão disso, que os alunos eles se ajudam, e os professores e os funcionários, como é que isso no grupo de vocês, da manhã, se vocês se ajudam, como é que é?
- Todas Eu ajudo elas.
- Clarice Eu ajudo elas a tocar melhor.
- Deneve Ela ajudo eu tocar, eu ajudo elas.
- Umma Eu ajudo minhas amigas quando elas estão com dificuldades, igual a menina que faz, aí ajudo elas.
- Flora Eu ajudo quando tem muita dificuldade, minhas amigas, quando elas precisa, e é só isso.
- Arthur E como é que vocês ajudam?
- Deneve Ensinando música [risos].
- Helen Depende, quando estão com dificuldades elas ajudam, nós ajudamos.
- Clarice Às vezes o professor fala para a gente ajudar alguma delas.
- Deneve Mentira, quem ajuda mais é a Flora. [risos]
- Clarice Porque nós temos um outro grupo mais avançado. Aí tem um menino também que o professor pede para mim passar as músicas para ele e ele passa as músicas para mim. Aí a gente ajuda um ao outro.
- Deneve Eu ajudo todas porque todo mundo pede para mim.
- Flora Eu tenho que ajudar minha prima porque é outra música e ela está em outra música. Só.

Arthur Tá, então eu vou desligar, muito obrigado pela participação de vocês.

Entrevista com os alunos da tarde

- Arthur explica** É, eu sou o Arthur, eu vou fazer a entrevista com vocês, eu vou pedir o nome de cada um mas não vai estar na entrevista, só o primeiro já tá bom. Qual a tua idade? A primeira pergunta que eu vou fazer pra vocês, peço que vocês falem bem perto do computador é porque que você veio até aqui, até essa, esse programa, estudar música, o que que te trouxe aqui?
- Nicoló É o querer de aprender a tocar, porque eu gosto de violino e eu vim aqui aprender, porque aqui é o lugar que ensina, porque eu gosto da música, só isso.
- Amadeus Eu vim para cá porque, primeiramente eu gosto da música, gosto de fá-treinar, gosto de interpretar ela, então, de uma forma para aprender eu aprendi aqui, só isso.
- Roxanne Eu gosto de música, de tocar violino, primeiro que meu amigo falou que aqui que eu gosto de tocar, na verdade minha mãe que me colocou. Só.
- Claude Eu sempre gostei de música e, por isso, eu comecei a tocar instrumentos para aprender, só.
- Galatea Eu gosto de tocar instrumento, e é uma forma [de não] ficar em casa sem fazer, nada.
- Arthur Vou dar uma pausa agora para ver se ficou boa a gravação. Ó, eu liguei já o gravador agora vou fazer a segunda pergunta pra vocês. A pergunta é... Qual a expectativa de vocês de participar dessa, desse projeto.
- Nicoló Que quando eu ficar mais velho que eu vire um grande músico [risos, colegas fazem mímicas e mechem os lábios] que eu possa desenvolver mais as minhas [colegas dão dica] habilidades com música, é isso.
- Amadeus Pra mim, aprender, a expectativa de vida pra isso, é tentar algum dia aprender o que a música clássica desenvolve, o bom ritmo dela? E pra mim ostentar [ou pelo menos tentar] um dia ser um músico que pelo menos chegue ao seu grande estilo de pelo menos um de nossos grandes maestros João Carlos Martins.
- Roxanne Quando eu crescer eu quero ser uma grande violinista, não ser só um lixo [risos] e poder fazer as coisas sem ninguém zuar
- Arthur Repetindo a pergunta [atendendo a solicitações por mímica de Galatea] qual que é a expectativa de vocês em participar desse projeto?
- Claude Eu quero ser um dos melhores músicos que existe.
- Galatea Aprender a tocar um instrumento e entrar em uma orquestra.

- Arthur Agora, vou fazer a última pergunta. [Falo o nome do professor], eu estou fazendo as perguntas, estou gravando, falta só mais uma. É, a pergunta agora é: qual a importância que vocês identificam desse projeto da vida de vocês, para a vida de vocês .
- Nicoló Muito importante porque aqui é o lugar que a gente aprende tudo que a gente sabe até agora e pode aprender mais ainda, e crescer na música, porque se não existisse isso aqui, o que é que a gente ia estar fazendo agora?
- Arthur Se quiser falar mais alguma coisa. É isso? Tá.
- Amadeus A importância para mim é tipo, aqui a gente aprende a ensinar e ao mesmo tempo aprender. O que a gente poderia não estar aprendendo hoje com este projeto, no futuro poderíamos não ter bons esses tipos concursos, essas coisas, e ajudaria muito a nossa carreira profissional. Só isso.
- Arthur É... Qual a importância desse projeto na sua vida?
- Roxanne Tem muitas pessoas que hoje em dia ficam na rua, brincando, saindo correndo e drogado. Eu não sei, isso. É muito importante que a gente não fique lá, na rua.
- Arthur Então você acha que esse projeto contribui para diminuir isso, que as pessoas vão para as ruas, fazendo coisas não tão boas.
- Roxanne É
- Claude Bom, com o projeto, eu tenho muito tempo, o meu tempo livre eu passo ele treinando, estudando, fazendo com que, assim eu não tenha [?] nada de ruim para fazer. Projeto ajuda muito nisso.
- Galatea Ele nos tira das ruas, mas nos deixa menos expostos a tanto perigo que tem lá fora.
- Arthur Bom, vamos conversar mais um pouquinho então, é, vocês falaram um negócio que eu achei interessante que é de tirar da rua e tal. O que vocês estariam fazendo – eu vou fazer mais uma pergunta – o que vocês estariam fazendo agora, como que vocês imaginam a vida de vocês se vocês não tivessem entrado nessa orquestra. Eu falei que ia fazer só mais uma pergunta, mas era uma pergunta que já estava definida no programa, posso acrescentar outras e vocês também.
- Nicoló Em casa, deitado, assistindo TV e fazendo nada, né, porque isso daqui é a música, pra mim é tudo hoje [Galatea levanta a mão e propõem inverter a direção].
- Galatea Estaria em casa, na frente do computador, muito provavelmente, no quarto, sozinha.
- Claude Eu estaria morto, por causa que seria muito entediante ficar em casa e por isso que eu gosto do curso, porque eu venho, me divirto e toco. E seria muito, muito, muito chato.

- Arthur Então no geral vocês se divertem aqui, além de aprender música, se divertem também. Você também Roxanne, apesar de que foi sua mãe que te trouxe [risos]?
- Roxanne Ela perguntou o que é que eu queria ser. E eu disse que eu queria tocar violino.
- Arthur Legal, legal, mas ela já sabia que tinha esse projeto quando ela te perguntou?
- Roxanne Não.
- Arthur Levou um tempo até você chegar até aqui?
- Roxanne É, dois meses.
- Arthur Você queria falar mais alguma coisa, Claude – desculpa, depois eu corto o nome de vocês, tá [risos]? É... Que você se imagina que você estaria fazendo, se você não estivesse nesse projeto?
- Roxanne Eu acho que eu estaria assistindo TV só, arrumando a casa.
- Arthur Então aqui é a possibilidade de vocês aprenderem uma coisa diferente, né, e encontrar pessoas, é, escapar do tédio, digamos, esqueci de alguma coisa? Eu ainda vou perguntar pra você, é. Vocês lembram de mais alguma coisa que foi falado aqui, que a gente poderia... Novas amizades?
- Claude Novas pessoas [...] conceitos, todos vindo aqui para estudar e pra [...]
- Arthur É verdade, aqui vocês têm algumas coisas em comum, né, por causa que todos aqui gostam de música, violino, música clássica, legal.
- Amadeus [...] É a maturidade, maturidade de aprender.
- Arthur Vocês acham que isso aqui além de ser divertido, fazem amizades, é, possibilitar uma carreira profissional também tem essa vantagem de amadurecer. Vocês pensam isso? Compartilham um pouco do que o colega falou? Agora você responde a pergunta: o que você estaria fazendo se não estivesse aqui hoje.
- Amadeus Provavelmente estaria em casa dormindo sem fazer nada, provavelmente faltaria muitas vezes à escola, tentaria, sempre tiraria notas baixas.
- Arthur Por que você acha isso?
- Amadeus Porque, ao mesmo tempo que eu perderia tempo em casa mexendo no computador, dormindo, essas coisas, eu não estaria tentando desenvolver a técnica pra se aprender e desse jeito eu provavelmente eu tiraria má notas e provavelmente ficaria todo ano reprovando, essas coisas
- Arthur Então vocês acham que as técnicas e as disciplinas que vocês aprendem aqui auxiliam inclusive nas outras matérias na escola? Sim?
- Nicoló Porque eu estudo pra quando eu crescer fazer faculdade de música, e sem o estudo

a gente não vai fazer faculdade, ser bom músico.

- Arthur Vocês querem falar alguma coisa? [dizem que não] Tá. É... Daí agora... Desculpa eu não sei se você concluiu seu pensamento, que eu puxei outro assunto.
- Amadeus Eu provavelmente estaria brigando com meu irmão toda vez, que não está aqui agora, mas deveria estar. Eu provavelmente não faria tantas coisas como normalmente eu faria na minha vida, não teria sentido de me entusiasmar mais um pouco na vida.
- Arthur Então também tem isso, pelo que o Claude me falou, depois eu apago seu nome, é, vocês dois concordam, não sei se os outros vão concordar também, que isso aqui dá um pouco mais de sentido para a vida, de interesse para fazer as coisas, seria, de entusiasmo. É? Tá certo. Agora um espaço para a gente falar outros assuntos que quiser, que ache que vale a pena ser gravado agora, relacionado com isso ou não. O que vocês ainda quiserem acrescentar. Que passar pela cabeça de vocês que vocês achem que vale a pena dizer agora. Pode ir pensando, se alguém achar que não, os outros continuam pensando, se todo mundo concordar que não, a gente pode parar. Não precisa fazer mais algum comentário, é só para não fechar, para não ser eu que fechando vocês podem ter mais alguma coisa pra falar. Depois vai ter a possibilidade de eu conversar possivelmente com todo mundo, eu só não vou falar com todo mundo caso aconteça de eu vir aqui algumas vezes e justamente vocês faltarem, ou no dia que não der pra falar com um deixa para falar depois e faltar, mas a princípio eu vou fazer entrevista individual com cada um, então não se sintam obrigados a dizer agora alguma coisa que vocês queiram que eu inclua no meu projeto, na minha pesquisa. Mas se vocês quiserem falar mais alguma coisa está aberto.
- Amadeus Aqui no Viver Bem, a gente tenta aprender, conviver e sempre estar tentando ajudar e da mesma forma ser ajudado. Porque assim cada um de nós pode sempre ter um futuro melhor, garantir uma amizade, uma boa vida com todos.
- Arthur Você diz que quem ajuda aqui são os amigos ou é a instituição também, os professores, a diretora, a secretária e tudo mais.
- Amadeus No geral.
- Arthur No geral? Tá. É... Falar alguma coisa? Pode pensar, não tem pressa não. [troca de fitas] Por sugestão de nosso colega Amadeus, para não falar o nome dele, vou perguntar para nosso colega Nicoló como é que foi a questão do prêmio que ele ganhou.
- Nicoló Foi muito bom, o treinamento, muito rígido.
- Arthur É rígido?! O que você falou? Ganhou dinheiro e violino?

- Nicoló Mas também se não fosse a ajuda que os professores me deram aqui e ajuda em casa também, eu não teria ganhado. Meu irmão é músico também, ele me ensina. O apoio da minha família, porque, é, assim como eu tenho sonho de ser músico eles apoiam muito.
- Arthur Tá tendo um cochicho aqui...
- Nicoló Dos meus amigos também, né... [risos]
- Amadeus Se não fosse a solidariedade de ele dar aula para a gente aqui sem receber e dar uma proposta de tentar mudar a vida de muitas crianças que poderiam estar na rua e que poderiam nem ter chegado a participar de um concurso, ganhado um violino, ganhado e conseguir um pouco de renome aqui no Viver Bem.
- Arthur Então o projeto propicia oportunidades.
- Amadeus Correto.
- Arthur Mais alguma coisa, vocês tinham comentado alguma coisa, querem socializar pro.
- Galatea Eu não ganhei nada.
- Amadeus Ela foi desclassificada por tocar música abaixo da faixa etária dela.
- Galatea E daí.
- Nicoló E daí que eu falei pra ela pra tocar uma música...
- Galatea Eu toquei uma música boa e uma música mais ou menos. [...] Pelo menos eu tentei
- Arthur Você tocou uma música boa e uma mais ou menos? Que que isso quer dizer, você tocou bem uma música difícil?
- Galatea Aí na minha categoria tinha que ser um nível de dificuldade maior da música, mas eu ainda não conseguia tocar uma música muito...
- Arthur Você conseguiu tocar uma música de dificuldade maior e tinha que tocar duas, era isso? Ah, entendi. Ahã. E vocês participaram também desse concurso? Todos participaram? Vocês foram bem apesar de não ter ganho? Mas você não pode falar, você não assinou [devolveu o termo de consentimento assinado pelos pais], tô brincando [porque veio para o espaço outro aluno da instituição]. O ideal é que não participasse, mas já que está aqui... Você gostou da competição? Ah, não participou. Você gostou da competição Roxanne?
- Roxanne Gostei, apesar de não ter ganho, eu aprendi muitas coisas.
- Arthur Sim, na competição a gente aprende mesmo quando a gente não ganha. Como?
- Galatea Aqui eles participaram entre si, eu participei de um outro local.

Arthur Ah, entendi, então você não competiu nem com eles. E você, Amadeus?

Amadeus Nesse concurso, apesar de eu não ter ganho, eu chego a aprender que minha música eu tenho que melhorar ela, personalizar ela um pouco e também ampliar o conhecimento dela para mim poder conseguir tentar ganhar uma faixa um pouco melhor.

Arthur Como assim personalizar?

Amadeus Personalizar, colocar ela no meu jeito pra eu poder expressar ela.

Arthur Sim.

Claude O sabor da competição foi bom?

Arthur Como?

Claude A competição, você gostou de competir?

Galatea Sim

Claude Foi interessante?

Galatea Foi

Arthur Por que você não participou, Claude?

Amadeus Não participava ainda com a gente.

Claude Por causa que eu ainda não estava no nível para participar.

Arthur Entendi, você entrou depois e não estava preparado ainda, as músicas?

Claude Isso.

Arthur Está certo então. Vocês querem falar mais alguma coisa vocês dois?

Galatea Não, obrigada.

Arthur Só cochichar entre vocês mesmo?

Galatea É...

Arthur No gravador é outra história, né? Tá você Roxanne? Então tá certo, vamos encerrar a gravação então.